



**UFG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA (FEFD)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GLAUBER HENRIQUE DE ALMEIDA SOUZA

**CENTRO DE REFERÊNCIA PARALÍMPICO:** a inclusão da  
pessoa com deficiência na prática esportiva no Centro-Oeste brasileiro

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

**Exemplos:** Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

GLAUBER HENRIQUE DE ALMEIDA SOUZA

#### 3. Título do trabalho

CENTRO DE REFERÊNCIA PARALÍMPICO: a inclusão da pessoa com deficiência na prática esportiva no Centro-Oeste brasileiro

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

**[1]** Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Helena Santana Dalla Dea, Professor do Magistério Superior**, em 14/08/2025, às 17:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Glauber Henrique De Almeida Souza, Discente**, em 18/08/2025, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5574758** e o código CRC **B27CCB86**.

---

GLAUBER HENRIQUE DE ALMEIDA SOUZA

**CENTRO DE REFERÊNCIA PARALÍMPICO: a inclusão da  
pessoa com deficiência na prática esportiva no Centro-Oeste brasileiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física, esporte e saúde.

Linha de Pesquisa: Aspectos Socioculturais e Pedagógicos da Educação Física e Esporte.

Orientadora: Professora Doutora Vanessa Helena Santana Dalla Déa

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Souza, Glauber Henrique de Almeida  
CENTRO DE REFERÊNCIA PARALÍMPICO: [manuscrito] : a inclusão da pessoa com deficiência na prática esportiva no Centro Oeste brasileiro / Glauber Henrique de Almeida Souza. - 2025.  
187 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Dea.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Programa de Pós Graduação em Educação Física, Goiânia, 2025.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Centro de Referência Paralímpico Brasileiro. 2. Pessoas com deficiência. 3. Esporte de alto rendimento. 4. Comitê Paralímpico Brasileiro. I. Dalla Dea, Vanessa Helena Santana, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 65 da sessão de Defesa de Dissertação de GLAUBER HENRIQUE DE ALMEIDA SOUZA, que confere o título de Mestre(a) em **Educação Física**, na área de concentração em **Educação Física, esporte e saúde**.

Ao/s trinta e um de julho de dois mil e vinte e cinco, a partir da(s) 14:00, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “**CENTRO DE REFERÊNCIA PARALÍMPICO: a inclusão da pessoa com deficiência na prática esportiva no Centro-Oeste brasileiro**”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Vanessa Helena Santana Dalla Déa (PPGEF/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Heitor de Andrade Rodrigues (PPGEF/UFG), membro titular interno; Professora Doutora Lana Ferreira de Lima (UFCat), membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **Aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professora Doutora **Vanessa Helena Santana Dalla Déa**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **trinta e um de julho de dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Helena Santana Dalla Dea, Professor do Magistério Superior**, em 14/08/2025, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Heitor De Andrade Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 14/08/2025, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **LANA FERREIRA DE LIMA, Usuário Externo**, em 15/08/2025, às 11:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5461287** e o código CRC **FDD26514**.



Dedico essa dissertação aos meus pais, que sempre fizeram de tudo para que eu pudesse ter uma boa educação, trilhando o caminho do saber e da ciência.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, que é minha base em primeiro lugar, sem minha fé, jamais teria possuído forças para permanecer e concluir essa dissertação. A jornada toda foi muito desafiadora, quase não consegui terminar, mas após muitos percalços estou aqui concluindo esse mestrado, que apenas poucas pessoas sabem o quanto batalhei para terminá-lo.

Agradeço imensamente aos meus pais, Maria e Marcos, que desde sempre me apoiaram totalmente em minhas decisões acadêmicas, tal como foi no ingresso, andamento e conclusão do mestrado, eles bem sabem como minha rotina era exaustiva. Em que conciliava várias coisas ao mesmo tempo, principalmente a vida de pesquisador e de atleta, mas que no fim tudo deu certo.

Quero agradecer a minha noiva, Thais, que sem a compreensão e ajuda dela, eu também não teria chegado até o momento de defender essa dissertação, pois com a experiência dela fui capaz compreender as melhores formas de concluir esse mestrado. Além, das várias ajudas corrigindo alguns erros de concordância e relacionados à gramática, espero que alcancemos muitas pesquisas e consigamos melhorar ainda mais no quesito acadêmico, para que nos tornemos doutores em nossas áreas.

Gostaria de agradecer à minha orientadora Vanessa Helena Santana Dalla Déa, por ter me orientado desde o início do mestrado, como também sabemos que não foi fácil me orientar, eu tinha várias dúvidas sobre o tema e no fim conseguimos definir um tema importante para a área do paradesporto. Continue sendo essa orientadora para os futuros alunos que ingressarem na carreira acadêmica, eles serão gratos por conseguirem concluir o mestrado de forma plena com alguém que entende da temática e faz de tudo para ajudar os orientandos.

Gostaria de agradecer a todos os coordenadores do Centro de Referência do Centro-Oeste que aceitaram ser entrevistados por mim, para obter dados para essa pesquisa e assim possuir uma melhor sistematização da organização da pesquisa.

Quero agradecer também a Academia Paralímpica Brasileira (APB), pela parceria e por ter aprovado meu projeto. Agradeço também a FAPEG, por ter me aceito como um de seus bolsistas, a ajuda de vocês foi muito importante para conseguir realizar todo o mestrado.

“Diversidade é quando todos estão convidados para a festa. Inclusão é quando todos são convidados a dançar.”

(Vernã Myers)

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender o desenvolvimento dos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros (CRPB), do Centro-Oeste brasileiro, desde sua implementação até o ano de 2024. Para isso, o trabalho foi dividido em três etapas metodológicas. Na primeira, realizou-se um estudo documental e bibliográfico para identificar os objetivos e princípios dos CRPBs, analisando relatórios técnicos e estratégicos que trazem informações relevantes sobre o progresso dos centros do ano de 2019 a 2024. A segunda etapa consistiu em uma pesquisa com cinco coordenadores dos CRPBs, sendo um de cada Unidade Federativa do Centro-Oeste, apenas no estado de Goiás que houve entrevista com dois coordenadores, mas em todas as entrevistas objetivou analisar as características das pessoas atendidas pelo projeto; as condições para o ensino dos esportes paralímpicos; a captação dos alunos; a relação entre as competições e o relacionamento familiar; os aspectos sociais e pessoais dos atletas; a formação de equipe. Na terceira etapa foi realizada uma entrevista com um supervisor nacional do Comitê Paralímpico Brasileiro para entender as dificuldades e os marcos da expansão e funcionamento dos centros. A pesquisa revelou que a inclusão de pessoas com deficiência nos CRPBs está sendo implementada de forma eficaz, com equipes focadas em prestar o melhor atendimento para os alunos, para que se beneficiem das funções de cada membro da equipe, porém nem todos os Centros possuem equipes completas para que existam esses benefícios para os atletas, alguns ainda estão no processo inicial de implementação e nem possuem estagiários. Concluiu-se que os CRPBs estão se expandindo rapidamente, chegando a cidades do interior e beneficiando cada vez mais alunos. No ano de 2024 alcançou a marca de 9240 alunos/atletas no Brasil, destes, 952 estão no Centro-Oeste, que estão presentes em 14 modalidades esportivas diferentes, a fim de massificar o esporte paralímpico de iniciação esportiva e alto rendimento para essa região do Brasil.

**Palavras-chave:** Centro de Referência Paralímpico Brasileiro; Pessoas com deficiência; Esporte de alto rendimento; Comitê Paralímpico Brasileiro.

## ABSTRACT

This study aimed to examine the development of the Brazilian Paralympic Reference Centers (CRPB) in the Central-West region of Brazil, from their implementation to the year 2024. The research was conducted in three methodological stages. In the first stage, a documentary and bibliographic study was undertaken to identify the objectives and guiding principles of the CRPBs, through the analysis of technical and strategic reports containing relevant information on the progress of the centers between 2019 and 2024. The second stage consisted of a survey involving five CRPB coordinators—one from each Federative Unit in the Central-West region—with the exception of Goiás, where two coordinators were interviewed. The interviews sought to examine the profiles of the individuals served by the program; the conditions for teaching Paralympic sports; strategies for student recruitment; the relationship between competitions and family involvement; athletes' social and personal aspects; and team composition. In the third stage, an interview was conducted with a national supervisor from the Brazilian Paralympic Committee to identify the challenges and milestones associated with the expansion and operation of the centers. The findings indicate that the inclusion of people with disabilities in the CRPBs is being implemented effectively, with teams dedicated to delivering high-quality support to ensure that students benefit from the expertise of each staff member. However, not all centers have complete teams to fully provide these benefits, as some remain in the early stages of implementation and lack even internship positions. It was concluded that the CRPBs are undergoing rapid expansion, reaching smaller municipalities and increasingly benefiting students. By 2024, the centers had reached a total of 9,240 students/athletes across Brazil, of whom 952 were located in the Central-West region, participating in 14 different sports disciplines. This expansion aims to foster the widespread development of Paralympic sports, from grassroots to high-performance levels, throughout the region.

**Keywords:** Brazilian Paralympic Reference Center; People with disabilities; High-performance sport; Brazilian Paralympic Committee.

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b>	<b>10</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2. ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>17</b>
2.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA	17
2.2. PROCEDIMENTOS ÉTICOS	17
2.3. ETAPAS DA ANÁLISE	18
<b>3. A REALIDADE HISTÓRICA E ATUAL DOS ESPORTES PARALÍMPICOS</b>	<b>21</b>
3.1. A HISTÓRIA DO ESPORTE PARALÍMPICO	21
3.2. O COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB)	23
3.3. A VISIBILIDADE DOS ESPORTES PARALÍMPICOS NO BRASIL	26
<b>4. OS DESDOBRAMENTOS DOS CENTROS DE REFERÊNCIA PARALÍMPICO BRASILEIROS PARA IMPLEMENTAÇÃO DO ESPORTE PARALÍMPICO</b>	<b>30</b>
<b>5. OS CENTROS DE REFERÊNCIA DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: SEUS BENEFÍCIOS E LACUNAS EXISTENTES</b>	<b>46</b>
5.1 AS CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS ATENDIDAS PELO PROJETO	47
5.2. AS CONDIÇÕES PARA O ENSINO DOS ESPORTES PARALÍMPICOS	53
5.3. A CAPTAÇÃO DOS ALUNOS	56
5.4. A RELAÇÃO ENTRE AS COMPETIÇÕES E O RELACIONAMENTO FAMILIAR	58
5.5. OS ASPECTOS SOCIAIS E PESSOAIS DOS ATLETAS	63
5.6. FORMAÇÃO DE EQUIPE	68
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>87</b>

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

FIGURA 1 - Resultados do Brasil em Jogos Paralímpicos de 1972 até 2024.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Relação dos coordenadores e do supervisor nacional entrevistados

Quadro 2 - Relação das metas da quantidade de centros

Quadro 3 - Relação das metas da quantidade total de alunos

Quadro 4 - Quantidade das pessoas atendidas na região Centro-Oeste

Quadro 5 - Modalidades oferecidas nos centros do Centro-Oeste

Quadro 6 - Perfis de deficiência encontrados nos centros do Centro-Oeste

Quadro 7 - Quantidade de professores por centro do Centro-Oeste

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABDC - Associação Brasileira de Desporto para Cegos  
ABRADECAR - Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas  
ADFEGO - Associação dos Deficientes Físicos do Estado de Goiás  
ANDE - Associação Nacional de Desporto para Deficientes  
BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CPB - Comitê Paralímpico Brasileiro  
CRPB - Centro de Referência Paralímpico Brasileiro  
FEFD - Faculdade de Educação Física e Dança  
UEG - Universidade Estadual de Goiás  
UFG - Universidade Federal de Goiás  
TEA - Transtorno do Espectro Autista

## PRÓLOGO

Para esclarecer os motivos pelos quais escolhi a temática em questão, preciso antes disso apresentar minha trajetória de vida pessoal e profissional, mediante temas transversais que ocorreram em minha vida desde a minha mais tenra idade. Visto que, um tema apenas não aparece por acaso, ele surge de toda uma construção objetiva e/ou subjetiva do pesquisador.

Para falar sobre isso, preciso dizer que antes do meu nascimento, meu pai (Marcos) sofreu um acidente de carro, em que ele estava na carroceria de uma caminhonete, em uma batida foi arremessado e tornou-se uma pessoa com deficiência com redução de função do membro superior direito, como o movimento de supinação e pronação. Assim, desde quando era criança convivo na mesma residência de uma pessoa com deficiência, compreendendo todo o preconceito que sofrem e o preconceito que possuem ainda na sociedade vigente.

Também possuo uma tia (Edna), irmã da minha mãe, que nasceu com luxação congênita no quadril de forma bilateral, nesse caso ela possuía dificuldade de locomoção, sentia muitas dores e só quando estava com 47 anos, que conseguiu fazer uma cirurgia chamada artroplastia total de quadril, que é um implante de prótese de titânio da cabeça do fêmur. Após a cirurgia, suas dores diminuíram e atualmente ela consegue se locomover sem sofrer tanto, pois anteriormente sentia dores até deitada, segundo seus relatos pessoais.

Outro ponto, é que antes de ingressar na Faculdade de Educação Física e Dança, no dia 4 de fevereiro de 2019, comecei a trabalhar na ADFEGO (Associação dos Deficientes Físicos do Estado de Goiás), em um cargo terceirizado na Secretaria de Segurança Pública, no qual trabalhei com várias pessoas com deficiência. Logo, no mês seguinte entrei na Universidade Federal de Goiás, no curso de Educação Física - Licenciatura, e percebi a importância do movimento para o ser humano e quão pouco as pessoas com deficiência estavam sendo contempladas nesse caso.

Em 2021, a ginástica laboral (oferecida por uma fisioterapeuta) foi inserida nos serviços terceirizados pela ADFEGO. As atividades ocorriam duas vezes por semana, com duração de 20 minutos em cada dia, tendo como objetivo promover, ainda que de forma mínima, um momento para que os trabalhadores realizassem atividades físicas. A maioria dos trabalhadores, composta por pessoas com algum tipo de deficiência física, relatou melhora no bem-estar físico após cada sessão. As atividades propostas não se limitavam a exercícios comuns, pois também incluíam elementos lúdicos. Para mim, que buscava temáticas para iniciar minhas pesquisas na graduação, esse contato despertou grande interesse pelo tema da inclusão e diversidade voltado às pessoas com deficiência.

Em 2022, continuava trabalhando na ADFEGO, mas tinha entrado também no programa Segundo Tempo Universitário, no qual estive atuando durante 11 meses. O projeto tinha por objetivo ofertar práticas esportivas para estudantes universitários, tais como: natação, esportes de quadra, futebol e musculação. Embora não tivesse contato com muitos alunos com deficiência nesse projeto, sempre me perguntava o motivo da pouca quantidade de pessoas com deficiência participantes, visto que em mais de 200 alunos inscritos, tinham apenas uma menina com microcefalia e uma com deficiência intelectual.

Nas iniciativas esportivas desenvolvidas pela universidade, a quantidade de participantes com algum tipo de deficiência era ainda menor. Nesse meio tempo, entre projeto de extensão e trabalho na ADFEGO, procurei uma orientadora para poder estudar a temática de pessoas com deficiência e esportes paralímpicos, onde conheci a professora Vanessa Helena Santana Dalla Déa. Ela que me apresentou o Centro de Referência Paralímpico de Goiânia e fiz todo meu Trabalho de conclusão de curso (TCC) ao redor desta temática, estudando em específico a natação paralímpica, realizado no período de Julho de 2022 a Janeiro de 2023, na época não haviam criado outros esportes no núcleo da Universidade Federal de Goiás (Souza, 2023).

Então, após realizar estudos nessa área e já possuir uma afinidade pessoal com os esportes paralímpicos, busquei desenvolver minha dissertação novamente acerca dessa temática tão importante para mim. Percebi também uma necessidade crescente no aumento e desenvolvimento dos estudos acerca dos esportes paralímpicos, para assim haver uma maior compreensão na ciência das pesquisas que abordem temas transversais ao Comitê Paralímpico Brasileiro, para compreender sua gestão governamental e a implementação do CRPB.

## 1. INTRODUÇÃO

O projeto Centro de Referência Paralímpico Brasileiro (CRPB), trata-se de uma implementação de uma política pública objetivando que as pessoas com deficiência sejam inseridas no esporte. Oficialmente instituído pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) em São Paulo, no dia 10 de agosto de 2019, os Centros de Referência estão incluídos no Plano Estratégico do CPB, desenvolvido em 2017 e revisado em 2021. Em seu processo de desenvolvimento e implementação houve altos e baixos, visto que globalmente estávamos em um período pandêmico e com o isolamento social em potencial na sociedade, por isso, foi necessária uma revisão no planejamento no ano de 2021 (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2022b).

O CRPB tem como objetivo central a captação e o desenvolvimento de atletas, oportunizando locais de excelência desde a iniciação esportiva até o treinamento para o alto rendimento nas diversas modalidades paralímpicas (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2022b). O CRPB busca oportunizar o esporte paralímpico para as pessoas com deficiência, com ênfase em ensinar as mais diversas modalidades paradesportivas<sup>1</sup>, para encontrar novos talentos e incentivá-los a treinar para o alto rendimento. O órgão gestor desse projeto, é o CPB, que é uma entidade brasileira que rege o esporte paralímpico em território nacional, possuindo como foco conquistas esportivas para o Brasil, por meio de competições mundiais, como, por exemplo, os Jogos Paralímpicos e os Jogos Parapan-Americanos (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2019).

O atleta com deficiência infelizmente vivencia uma sociedade discriminatória, onde a pessoa com deficiência ora é vista como vítima e ora recebe uma cobrança de vencer sempre, como super-herói (Amaral, 1998). Uma sociedade que não considera essas pessoas como possíveis vencedores, demonstra seu capacitismo e resulta na pouca visibilidade no esporte em contexto nacional ou internacional (Andrade; Brandt, 2008).

O projeto CRPB pode contribuir significativamente para a visibilidade dos atletas paralímpicos ao utilizar espaços já existentes para a prática esportiva. Essa abordagem elimina a necessidade de construir complexos esportivos específicos, especialmente para modalidades como natação e atletismo paralímpico. Visto que, no caso, da natação, nas competições formais, as adaptações nas regras e equipamentos, como óculos que ofuscam a visão e o uso

---

<sup>1</sup> Por exemplo: Natação e atletismo paralímpico, basquete em cadeira de rodas, badminton, futebol de 5, bocha, goalball, rugby em cadeira de rodas, voleibol sentado, halterofilismo, entre outros.

do Tapper<sup>2</sup>, promovem a inclusão sem distorcer a equidade competitiva, evidenciando a eficácia das medidas de acessibilidade e a importância do CPB nesse processo.

Outro aspecto digno de nota é a visibilidade do esporte paralímpico e dos atletas com deficiência, tema de elevada relevância atualmente. Diversos estudos sublinham a importância crucial da ampla divulgação dessas questões nos meios de comunicação. A crescente presença do esporte paralímpico nos meios de comunicação pode contribuir significativamente para ampliar a conscientização e o interesse da sociedade em relação às pessoas com deficiência, desmistificando estereótipos, promovendo uma maior inclusão e uma ascensão social para essas pessoas (Dalla Déa *et al.*, 2021; Cardoso *et al.*, 2022).

Ao serem expostas informações sobre o esporte paralímpico, seja por meio de jornais, redes sociais ou propagandas, o público poderá se interessar mais por essas modalidades esportivas e permitir maior compreensão sobre as diferentes deficiências. O maior contato com a temática amplia a percepção de que a deficiência não define as pessoas, são apenas características desses indivíduos. Bem como, transcendem os aspectos relevantes aos esportes, visto a grandiosidade que há na transmissão de alguma modalidade paralímpica e como isso pode promover uma maior relevância para estes esportes e atletas.

A partir da busca por produções que tratam sobre esportes paralímpicos e dos CRPB's, encontramos poucos trabalhos desenvolvidos sobre os Centros de Referência. Nesse sentido, o desenvolvimento desta dissertação tem como justificativa a necessidade de ampliação de estudos e pesquisas acerca dessas temáticas. Embora os CRPB's, possuam apenas seis anos desde sua implementação, há muitos aspectos a serem estudados e desenvolvidos. Tais como: o desenvolvimento profissional dos professores e técnicos das modalidades paralímpicas; os fatores midiáticos e como influenciam na captação de novos alunos/atletas; estudos específicos para cada modalidade, seja por meio de estudo transversal ou longitudinal; além de outras temáticas que podem aparecer conforme os anos forem passando e os CRPB's forem se desenvolvendo.

Para realizar o levantamento dos trabalhos desenvolvidos a respeito do esporte paralímpico dentro do projeto dos CPRB's utilizamos como meio de pesquisa o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o buscador do Google Acadêmico. Ao realizar uma pesquisa no portal de periódicos da CAPES e no BDTD, foram

---

<sup>2</sup> O "tapper" na natação paralímpica é um guia que usa uma vara com uma ponta acolchoada para tocar suavemente os nadadores cegos ou com baixa visão, avisando-os da proximidade das bordas da piscina para que possam virar ou finalizar a prova com segurança.

identificados apenas 5 trabalhos acadêmicos, a partir do descritor “Centro de Referência Paralímpico”. Sendo que desses, há duas teses, duas dissertações e um artigo científico. Por meio da análise desses estudos, apenas um tratou especificamente do CRPB, que é a tese da Pinheiro (2023), que foi estruturada em formato de artigos no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Pinheiro (2023), realizou três estudos, compondo três artigos. No ato de publicação da tese, um já estava submetido, um aceito e o outro está em fase final de escrita. O primeiro estudo buscou investigar a incidência de lesões musculoesqueléticas em paratletas, compreendendo quais lesões mais ocorrem e o perfil das pessoas; o segundo buscou descrever quais problemas de saúde que mais incidiram e tinham prevalência nos paratletas do CRPB de Belo Horizonte; o terceiro, também com a metodologia descritiva, buscou trazer considerações específicas para a equipe de saúde esportiva em relação à avaliação periódica de saúde em paratletas (Pinheiro, 2023).

No Google Acadêmico, buscando mais estudos relacionados à temática dos Centros de Referência, encontramos um livro que foi publicado pela editora UERR Edições, que reuniu 10 artigos relacionados aos CRPB's. No exemplar, há artigos de quatro das cinco regiões brasileiras, incluindo estudos em Roraima, Amazonas, Ceará, Minas Gerais, São Paulo, Paraíba, Espírito Santo, Paraná e Bahia, buscou-se apresentar como estava sendo desenvolvido o projeto e os seus benefícios para as pessoas com deficiência, sendo que nenhum desses estudos eram sobre algum Centro do Centro-Oeste (Cardoso, 2023).

Muitas questões ainda precisam ser estudadas sobre os CRPB's, como por exemplo como foi o processo de implementação desse projeto em âmbito nacional, como todas as facetas que integram seu funcionamento na atualidade, entre outras. Buscando minimizar essa lacuna, a questão central levantada para essa pesquisa é: Como tem atuado o Centro de Referência Paralímpico do Comitê Paralímpico Brasileiro na inclusão da pessoa com deficiência na prática esportiva no Centro-Oeste brasileiro?

Para responder tal questionamento, foi definido como objetivo geral: Analisar como tem sido realizada a inclusão das pessoas com deficiência no projeto Centro de Referência Paralímpico Brasileiro com o trabalho da prática esportiva a nível regional.

Além dos objetivos específicos:

- Conhecer as características de cinco Centros de Referências do Centro-Oeste brasileiro em relação às modalidades oferecidas, ao número de participantes, características dos participantes, local de divulgação e desenvolvimento dos atletas participantes;

- Analisar os relatórios técnicos e estratégicos do Centro de Referência Paralímpico e do Comitê Paralímpico Brasileiro;
- Verificar os objetivos criados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro no momento da implementação dos Centros de Referência e como estão contemplados atualmente na prática esportiva.

Nesse sentido, haverá uma aproximação de formas diferenciadas com a temática proposta, sendo por meio de pesquisa documental, bem como análises quantitativas e qualitativas, para mensurar como está sendo realizado o projeto em âmbito regional e quantas são as pessoas que estão sendo beneficiadas por ele, além de outros aspectos já destacados nos objetivos, podemos aprofundar a análise e chegar a um estudo de caso sobre os CRPB.

Para que a inclusão das pessoas com deficiência aconteça na prática esportiva muitos desafios são encontrados, principalmente os preconceitos e estereótipos que esses ainda enfrentam na sociedade, como afirma Andrade e Brandt (2008, p. 5),

o deficiente em si, ainda é visto pela sociedade de uma forma parecida com os idosos. Tratados como seres de outro mundo, que não podem ser contrariados, o sentimento de pena que passamos por atos indevidos e não pensados, os coitadinhos como comumente são chamados somente piora a situação. E pensa-se estar fazendo o certo, no entanto eles não precisam de pena, de compaixão e sim de condições para viver dignamente, afinal são pessoas como todas as outras.

Dalla Déa *et al.* (2020) ao entrevistar pessoas com deficiência visual, auditiva, intelectual e motora verificou que a principal barreira que estas enfrentam na sociedade é a atitudinal, que tem relação com a atitude preconceituosa e capacitismo perante as pessoas com deficiência. Contribuindo negativamente para a implementação da acessibilidade para as pessoas com deficiência aos diferentes espaços na sociedade, mesmo que seja previsto pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Nº 13.146), na prática não são contemplados todos seus direitos como estão previstos nessa lei (Brasil, 2015).

As barreiras atitudinais em relação às pessoas com deficiência precisam ser minimizadas, pois as pessoas com deficiência são seres humanos de direitos, como qualquer outra pessoa, também possuindo o direito de praticar esportes (Brasil, 1988). Essas questões, vão ao encontro das discussões propostas por Sassaki (2002), que demonstra que não devemos tratar as pessoas com deficiência com capacitismo, assistencialismo, patologização ou infantilização.

Os esportes paralímpicos podem oportunizar às pessoas com deficiência um momento para utilizarem suas habilidades por meio de atividades motoras, jogos e desportos a fim de

desenvolverem o máximo de suas capacidades (Cidade; Freitas, 2009, p. 13). Para a evolução dos esportes paralímpicos, há a necessidade dos professores/treinadores conduzirem os alunos à compreensão de suas próprias deficiências e eficiências, visando o máximo de suas capacidades físicas, intelectuais e sensoriais, com a finalidade de desenvolverem seu máximo potencial.

## 2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

### 2.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA

Buscando maior compreensão sobre o Projeto CRPB e atender os objetivos específicos desta pesquisa, será realizado um estudo multimétodo, utilizando as abordagens qualitativa e quantitativa, com ênfase na pesquisa exploratória descritiva. É exploratória porque este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão (Gil, 2002).

A pesquisa foi realizada em 3 etapas: 1º Levantamento de referencial teórico e documentos nacionais do CPB (Relatórios técnicos e estratégicos de 2017 a 2024); 2º entrevistas com os 5 coordenadores dos CRPB do Centro-oeste; 3º entrevista com supervisor nacional, a fim de inferir proposições que possam ajudar no entendimento da temática estudada, para a compreensão de como o projeto do CRPB está sendo realizado na atualidade e se está em concordância com os objetivos anteriormente elaborados.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental verificando os conhecimentos já analisados sobre os CRPB, assim como conhecer e apresentar as resoluções e documentos de criação com metas e objetivos desses centros, como por exemplo os relatórios técnicos e estratégicos que abordam o desenvolvimento dos CRPB's desde 2019, que se encontram no site do Comitê Paralímpico Brasileiro, na área de Governança e Ética. Para apresentar e colocar em discussão quais foram os objetivos dos CRPB no momento da criação em 2019 e se estão cumprindo-os, além de como está sendo organizada toda sua estrutura de desenvolvimento e criação de novas unidades.

### 2.2. PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Todos os procedimentos éticos do estudo foram analisados e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG), com CAAE nº 77829724.0.0000.5083, em que o projeto e termos de consentimento livre e esclarecidos, foram devidamente aprovados no CEP/UFG.

O projeto desta pesquisa também foi enviado para aprovação na Academia Paralímpica Brasileira do Comitê Paralímpico Brasileiro, que é um órgão formado por professores doutores. Nesse processo houve a análise deste projeto de pesquisa, com sugestões de melhoria, autorização para a realização do estudo nos Centros de Referência e em parceria com o Comitê Paralímpico Brasileiro. Após alguns meses, o projeto foi aprovado em outubro de 2024 e autorizado para a realização das outras etapas que envolviam diretamente as pessoas relacionadas ao CRPB.

### 2.3. ETAPAS DA ANÁLISE

Para análise dos Centros de Referências do Centro-Oeste brasileiro, foi realizada uma pesquisa exploratória com abordagem quali-quantitativa por meio de entrevistas que foram respondidas pelos coordenadores dos CRPB's de Goiás, Goiânia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Brasília. Para a escolha dos Centros de Referência e das pessoas que seriam entrevistadas, o estudo foi aprovado pela Academia Paralímpica Brasileira, a qual autorizou e solicitou que o supervisor geral do Projeto de Centros de Referências Paralímpicos do Brasil participasse da pesquisa e indicasse os coordenadores dos CRPB's a serem entrevistados neste estudo.

Antes da realização das entrevistas foi criado um roteiro de entrevista semiestruturado (Apêndice A), as entrevistas aconteceram via uma plataforma de videoconferência (*Google meet*), buscando dados de como ocorre o desenvolvimento desse projeto quanto às modalidades oferecidas, ao número de participantes, características dos participantes, local de divulgação e sobre os participantes que estão no esporte de alto rendimento. Essa pesquisa foi realizada com os coordenadores de um CRPB de cada Unidade Federativa do Centro-Oeste brasileiro, evidenciando a coleta de dados para a análise quantitativa do estudo.

Também foi realizada uma entrevista com o supervisor do Comitê Paralímpico Brasileiro, que é ligado à diretoria de desenvolvimento esportivo do CPB, fazendo a supervisão de alguns projetos, dentro desses projetos está o CRPB. Essa pessoa atua como supervisor de funcionamento e desenvolvimento dos CRPB's, e, com a entrevista, buscamos compreender como está sendo a implementação dos centros em novos Estados, as dificuldades e marcos mais importantes na realização dos processos internos do projeto.

Devido às questões de ética e anonimato, os coordenadores e o supervisor foram organizados e denominados como A1, A2, A3, A4, A5 e A6, as entrevistas foram realizadas no período de outubro e novembro de 2024. Para estruturar as informações obtidas nas

respostas de entrevistas ao longo da pesquisa, os entrevistados foram organizados de acordo com o quadro 1:

Quadro 1 - Relação dos coordenadores e do supervisor nacional entrevistados

Coordenador	Estado
A1	Supervisor Geral dos CRPB's
A2	Campo Grande - MS
A3	Cáceres - MT
A4	Goiás
A5	Goiânia - GO
A6	Distrito Federal

Fonte: Produção própria (2025).

Para a análise dos dados, foi realizada a transcrição das entrevistas na íntegra, para posteriormente realizarmos a análise qualitativa de forma analítica e crítica para chegar às unidades de sentido com produção de uma análise sistemática e aprofundada. A partir da análise das unidades de sentido, acerca das entrevistas realizadas, buscamos compreender acerca das relações provenientes e complementares ao desenvolvimento das aulas do CRPB. É importante enriquecer todo o conjunto de falas e observações, com elementos históricos e contextuais, “para que de sua 'aldeia' o pesquisador converse com o mundo e sobre o mundo, de forma compreensiva e crítica” (Minayo, 2012, p. 625).

O termo experiência, conforme abordado historicamente por Heidegger (1988), refere-se ao que o ser humano vivência e aprende no lugar que ocupa no mundo e nas ações que realiza. Nesse contexto, o sentido da experiência está intrinsecamente ligado à compreensão: o ser humano compreende a si mesmo, ao seu ser, e ao seu significado no mundo em que habita, constituindo assim a base de sua existência no "mundo da vida" (Minayo, 2012).

Por fim, haverá uma categorização do conteúdo por meio das unidades de sentido, objetivando sintetizar o que é falado nas entrevistas, buscando suas semelhanças, para classificar os elementos e agrupá-los com os critérios que foram definidos, buscando organizar o estudo de forma mais sistemática, a fim de relacionar o que foi falado por cada um dos entrevistados para uma boa organização dos resultados dessa pesquisa.

### 3. A REALIDADE HISTÓRICA E ATUAL DOS ESPORTES PARALÍMPICOS

#### 3.1. A HISTÓRIA DO ESPORTE PARALÍMPICO

Para falar sobre o esporte paralímpico, não precisamos ir muito longe e abranger uma história tão longa, como a do esporte convencional, pois seu início se deu apenas no século XX, onde os profissionais da área da saúde viram a necessidade em criar práticas esportivas, com intuitos recuperativos para os soldados que voltavam da guerra feridos e mutilados. Ao final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no Reino Unido, os profissionais da saúde preocuparam-se com a necessidade de melhorar a reabilitação dos soldados, devido ao aumento do número de lesionados no pós-Guerra, foi criado em 1944, o *Spinal Injuries Centre* (Centro de Lesionados Medulares) no Hospital de Stoke Mandeville (Hilgemberg, 2019a).

Ludwing Guttmann, então diretor do Hospital de Stoke Mandeville, introduziu as práticas esportivas como parte da reabilitação dos pacientes e é visto por muitos como o Barão de Coubertin<sup>3</sup> dos Jogos Paralímpicos (Gold; Gold, 2007). Assim, o esporte como reabilitação e recreação cresceu e Guttmann promoveu em 1948 o primeiro *Stoke Mandeville Games*, que aconteceu nos jardins do hospital reunindo 16 atletas (14 homens e 2 mulheres) com lesão medular que competiram em tiro com arco (Hilgemberg, 2019a, p. 6). Com isso,

o sonho olímpico de Guttmann viria a se concretizar em 1960, em Roma. Seu colega Antonio Maglio, diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, na Itália, propôs que os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville se realizassem naquele ano na capital italiana, imediatamente após a XVI Olimpíada, e nas mesmas instalações, surgindo assim os Jogos Paraolímpicos, com a denominação de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência (Da Costa, 2004, p. 31).

Mesmo após a criação desses Jogos Paralímpicos, esse nome apenas começou a ser utilizado em 1964, no ano olímpico subsequente, para haver uma melhor identificação e diferenciação de ambos os jogos. A partir de 2000, houve um acordo entre o Comitê Olímpico Internacional e o Comitê Paraolímpico Internacional, e a realização das Paraolimpíadas tornou-se um requisito obrigatório no caderno de encargos para os países que desejassem sediar os Jogos Olímpicos (Da Costa, 2004, p. 32).

A partir dessa ação, é possível perceber a inclusão das pessoas com deficiência em uma das maiores competições em quantidade de atletas e alcance midiático no mundo da atualidade, resultando em uma crescente apresentação do esporte paralímpico para as pessoas

---

<sup>3</sup> Trata-se do criador dos Jogos Olímpicos da era moderna.

que não possuem tanto conhecimento sobre essa área, oportunizando maior contato com a realidade do atleta com deficiência em suas mais variadas concepções de vida. O esporte para pessoas com deficiência pode ser considerado uma possibilidade para promover a reabilitação motora dessa população, pois é uma condição decisiva para a construção ou reconstrução da autonomia das pessoas com deficiência (Cardoso, 2021, p. 5).

Os Jogos Paralímpicos se tornaram o evento paradesportivo com os esportes competitivos entre pessoas com deficiências mais importante do mundo, com maior representatividade e visibilidade na atualidade (Hilgemberg, 2019a).

Os esportes paralímpicos no Brasil iniciaram na década de 1950, por Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande<sup>4</sup>, residentes no Rio de Janeiro e em São Paulo, respectivamente, após adquirirem deficiência física em decorrência de acidentes (Da Costa, 2004, p. 34). Ambos conheceram o esporte paralímpico quando procuraram assistência médica para reabilitação nos Estados Unidos, visto que algumas modalidades esportivas, como basquete, natação, tiro com arco, arremesso de disco e dardo, faziam parte dos processos de reabilitação.

Ao regressarem ao Brasil, Del Grande criou um o Clube dos Paraplégicos de São Paulo destinado a pessoas com paraplegia em São Paulo. Em 6 de dezembro de 1959, parte para Buenos Aires, iniciando os primeiros intercâmbios esportivos e sociais entre indivíduos com deficiência de ambos os países. No ano seguinte, em 1960, a equipe paulista participou do primeiro campeonato mundial sediado em Roma, porém no Brasil a primeira disputa entre as equipes paulista e carioca aconteceu em 1959 no Maracanãzinho, sendo o basquete em cadeira de rodas (Araújo, 1997).

Com o decorrer dos anos outras modalidades paralímpicas começaram a ser praticadas, assim o país participou pela primeira vez dos Jogos Paralímpicos de Heidelberg (1972), mas não obteve medalhas nessa ocasião, apenas nos jogos seguintes, tendo suas primeiras medalhas em Toronto (1976). Assim, a fim de organizar o esporte paralímpico, foi fundada em 1975 a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) (Hilgemberg, 2019a).

Na década de 1980, observa-se um aumento significativo no número de praticantes de esportes paralímpicos. Já no ano de 1984, coincidindo com a conquista de 21 medalhas pelo Brasil nos eventos realizados em Stoke Mandeville e Nova York, testemunha-se o estabelecimento da Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC) e da Associação

---

<sup>4</sup> Ambos são pessoas com deficiência adquiridas em decorrência de acidente, sendo ela uma lesão medular, que deixou ambos sem o movimento das pernas.

Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR). A edição de Seoul (1988) se destaca como um marco, caracterizada pela quebra de todos os recordes, com a participação de 59 atletas que alcançaram um total de 28 medalhas. O ano de 1995 marcou a fundação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), que desde então tem sido a principal entidade responsável pela organização e desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil (Hilgemberg, 2019a).

Assim como há os arcos olímpicos para simbolizar os Jogos Olímpicos, também foi criado um símbolo para os Jogos Paralímpicos. Foram criados alguns símbolos, mas apenas no ano de 2003, criou-se o atual símbolo, chamado de agitos, que são três arcos com as cores vermelho, verde e azul, que representam o lema paralímpico “espírito em movimento”. Os agitos ficam em um fundo branco e se direcionam a um único ponto central, simbolizando o papel do Comitê Paralímpico Internacional de unir atletas de várias partes do mundo para participar da competição (International Paralympic Committee, 2019).

### 3.2. O COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB)

No começo da década de 1990, o Comitê Paralímpico Internacional (CPI) realizou uma solicitação oficial de que todos os países deveriam criar seus próprios comitês nacionais, onde eles deveriam regulamentar o esporte nacional, visto que o CPI foi fundado em 22 de setembro de 1989, com a missão de organizar e permitir que os atletas paralímpicos alcançassem a excelência esportiva (Begossi, 2016, p. 2993).

Após essa solicitação, no ano de 1994, no Brasil foi realizada uma comissão provisória com diversas instituições<sup>5</sup> que regiam o esporte paralímpico brasileiro, assim no dia 5 de fevereiro de 1995 o resultado dessa comissão foi concretizado, com a criação do CPB em Niterói, no Rio de Janeiro. João Batista Carvalho e Silva, foi o primeiro presidente do CPB, até 2001 e não mediu esforços para a ampliação da visibilidade do esporte paralímpico no Brasil (Begossi, 2016; CPB, 2022).

O CPB teve desde sua implementação e estruturação, o princípio de levar uma delegação para os jogos paralímpicos, além disso era um desejo do CPB uma aproximação maior da sociedade com o esporte paralímpico. Atualmente, o CPB faz parcerias com

---

<sup>5</sup> Integraram esta Comissão representantes das seguintes entidades: Associação Nacional de Desporto de Deficientes (ANDE); Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR); Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC); Confederação Brasileira de Desporto para Surdos (CBDS); e Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA) (Begossi, 2016, p. 2993).

instituições públicas, privadas e de associações, para promover a prática esportiva para pessoas com deficiência.

O CPB promove os esportes paralímpicos, sendo ele o difusor e criador do projeto CRPB, com os objetivos já mencionados. Além disso, contribui com a divulgação e promoção dos esportes paralímpicos, como a criação de eventos esportivos que enfatizam a união das pessoas do Brasil todo, como o Intercentro, que une todos os competidores do CRPB em um só lugar para estarem competindo entre si, nas mais diversas modalidades esportivas. A primeira edição dessa competição ocorreu nos dias 11 a 16 de outubro de 2022, contando com as modalidades esportivas de: atletismo, bocha, natação e parabadminton (CPB, 2022).

A criação do projeto Centro de Referência Paralímpico Brasileiro (CRPB) tem como objetivo a promoção do esporte para pessoas com deficiência, com intuito de descobrir novos talentos, para tornarem-se atletas de alto rendimento, e assim preparar pessoas para que futuramente participem dos Jogos Paralímpicos (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2022b).

A tendência que está se formando é de ampliar a visibilidade dos atletas paralímpicos, em consequência do projeto CRPB, visto que eles utilizam espaços anteriormente criados para práticas esportivas convencionais, não havendo a necessidade em criar complexos enormes, para acolher os praticantes (CPB, 2019). Como por exemplo, em Goiânia (GO), há dois lugares que são utilizados para as práticas de natação paralímpica, sendo eles: a piscina do Centro de Excelência do Esporte e a piscina da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG.

Por isso, não é necessário criar espaços para a prática de algumas modalidades paralímpicas, como piscinas e pistas de atletismo, já que em competições oficiais a infraestrutura permanece a mesma, com apenas algumas adaptações nas regras. Por exemplo, nadadores com baixa visão devem usar óculos que bloqueiam totalmente sua visão e contam com o auxílio de um Tapper. Essas mudanças não oferecem vantagens competitivas, mas são formas de incluir os atletas de maneira justa na modalidade, evitando equívocos (Dalla Déa *et al.*, 2019).

Um ponto a se tratar é a centralização que havia antes da criação do CRPB, isto porque os treinamentos dos esportes paralímpicos eram realizados apenas no centro de treinamento de São Paulo. Assim, visando a descentralização das ações voltadas ao treinamento das pessoas com deficiência no âmbito dos esportes paralímpicos é que, por exemplo

o projeto Centro de Referência Paralímpico Brasileiro (CRPB) do Centro de Treinamento Esportivo (CTE) da UFMG foi desenvolvido de acordo com a Portaria do CPB N° 134/2018, que visa descentralizar as ações que são realizadas no Centro de Treinamento do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) na cidade de São Paulo aos Estados Brasileiros, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento do Esporte Paralímpico, oportunizando crianças a conhecerem e iniciarem a prática, bem como, na formação de atletas de alto rendimento, no desenvolvimento de pesquisa e oportunizando aos mesmos atendimentos de equipes multidisciplinares compostas por profissionais qualificados (Silva *et al.*, 2023, p. 22).

Com a criação do projeto CRPB ampliou-se essas diversas oportunidades para as pessoas treinarem em suas respectivas regiões e assim não precisarem mudar de estado para estarem próximas da prática desse esporte em questão, como o exemplo do CRPB da UFMG, que foi um dos primeiros centros a serem implementados no Brasil.

A seleção brasileira nos jogos paralímpicos ao longo dos anos teve resultados muito expressivos nas mais variadas modalidades esportivas, como vemos na figura 1, que demonstra o aumento da quantidade de medalhas ao longo dos anos, essa realidade não seria diferente no ano de 2024. Os bons resultados se mostraram logo após a consolidação do projeto dos CRPB's e permanecem, evidenciando que possuem ainda mais atletas em destaque, por meio dos treinamentos realizados pelos Centros de Referência, conforme o objetivo inicial, que era obter melhores resultados esportivos a partir do aumento na quantidade de atletas participantes no projeto.

FIGURA 1 - Resultados do Brasil em Jogos Paralímpicos de 1972 até 2024.



Fonte: Departamento técnico geral CPB (CPB, 2024).

É notório como o Brasil obteve uma expressiva evolução, após a consolidação do projeto, apresentando claramente que os objetivos esperados estão sendo cumpridos e que possivelmente em Los Angeles 2028<sup>6</sup> os resultados serão ainda melhores. Em Paris (2024), o Brasil contou com sua maior delegação para uma edição dos Jogos fora do país, com 280 atletas no total. Foram 255 com deficiência, sendo 117 mulheres e 138 homens, 19 atletas-guia (18 para o atletismo e 1 para o triatlo), três calheiros<sup>7</sup> de bocha, dois goleiros do futebol de cegos e um timoneiro do remo<sup>8</sup> (CPB, 2024).

Está última edição, 2024, foi a que teve mais mulheres representando o Brasil. Nas últimas edições de 2016 e 2021, houve respectivamente 102 e 96 mulheres, demonstrando dados importantes sobre o aumento da representatividade feminina de atletas com deficiência para o público em geral.

### 3.3. A VISIBILIDADE DOS ESPORTES PARALÍMPICOS NO BRASIL

Faz-se necessário um aprofundamento em uma temática que remete a visibilidade do esporte e do atleta paralímpico, pois também serão utilizadas literaturas que debruçam-se sobre esse tema em questão, onde é enfatizada a disseminação nas mídias sobre essa temática. Pois, vê-se que

essa crescente divulgação do esporte paralímpico na mídia pode estimular e ampliar a visibilidade das pessoas com deficiência na sociedade, pois quanto mais conhecimento a sociedade adquirir sobre as pessoas com deficiência e sobre o esporte paralímpico, mais ela passará a se interessar e a consumir essa manifestação (Cardoso *et al.*, 2022).

É notável que de acordo com Cardoso *et al.* (2022), o esporte paralímpico sendo transmitido e apresentado mais nas mídias, independente da forma de divulgação, como em jornais, redes sociais ou em propagandas em quaisquer meios, pode gerar uma maior atração e despertar mais curiosidade no público. Para que, as pessoas busquem mais fontes e informações sobre as modalidades esportivas paralímpicas, bem como as pessoas com deficiências, objetivando a percepção de que a deficiência não define uma pessoa, é apenas uma característica pertencente a ela, seja física, intelectual ou visual.

---

<sup>6</sup> Local em que será realizado os jogos olímpicos e paralímpicos de Los Angeles, EUA de 2028.

<sup>7</sup> É um ajudante que posiciona a canaleta à sua frente para que o atleta empurre a bola pelo instrumento com a cabeça. Em alguns casos, o calheiro acaba sendo a mãe ou o pai do atleta (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2025).

<sup>8</sup> É o responsável por controlar o leme do barco coletivo dando direção nas competições evitando que as embarcações avancem nas raiais opostas.

Deve-se reconhecer que os atletas paralímpicos chegam aos eventos já como vencedores, tendo superado inúmeros obstáculos e barreiras, eles estão determinados a demonstrar sua capacidade de competir e vencer, enfrentando qualquer adversário (Dalla Déa, 2019). Diante disso, torna-se essencial que a sociedade compreenda a grandiosidade das competições paralímpicas para as pessoas com deficiência, além de valorizar a representatividade que essas competições carregam.

Conforme Silva e Rúbio (2003), a expressão superação é utilizada no contexto dos esportes, para definição de atletas de alto rendimento que rompem barreiras e ampliam limites para serem bem-sucedidos no esporte. Compreendendo esse aspecto do alto rendimento esportivo, percebe-se que ele possui o mesmo sentido para as pessoas com e sem deficiência, visto que ambas estão no desporto para atingir seus melhores resultados e assim ganhar as competições que forem participar, não restringindo a vitória das pessoas com deficiência para um momento de superação da deficiência, mas sim do ser humano (Souza; Cidade, 2023).

Outro ponto, são as contribuições para que atletas com deficiência tenham mais espaço na mídia, onde eles sejam reconhecidos nacionalmente e mundialmente, estimulando e contribuindo para que novas gerações possam se desenvolver e conseqüentemente, novos ídolos sejam formados (Cardoso *et al.*, 2022, p. 10). Visando motivar os novos praticantes, para que percebam suas potencialidades e conseguirem atingir patamares que superem seus limites e recordes esportivos.

É perceptível que mesmo com todo o crescimento, em número de participantes e resultados, o paradesporto ainda é pouco explorado e divulgado nos veículos de comunicação e no meio acadêmico, evidenciando a necessidade em ampliar pesquisas na área, para aprender e disseminar mais sobre essas temáticas com dados científicos (Dalla Déa *et al.*, 2019). Além disso, a divulgação desses temas se faz necessária para o aumento no entendimento das pessoas, acerca de cada uma dessas realidades vivenciadas diariamente na vida de atletas paralímpicos.

Uma temática análoga à divulgação dos esportes paralímpicos em mídias sociais e outros veículos de comunicação é o capacitismo, que está relacionado em achar que as pessoas com deficiência são menos capazes do que as pessoas sem deficiência, pois ele é estrutural, tal como o racismo, o machismo e a LGBTQIA+fobia (Campos; Lomba, 2021). Traçando uma relação com os autores Souza e Cidade (2023, p. 158),

ao explorarmos diferentes entendimentos sobre o conceito de capacitismo, percebemos que, de uma forma geral, ele pode ser compreendido como um conjunto de crenças, processos e práticas que pressupõem que determinadas características e

capacidades são mais desejáveis do que outras e que todos devem ter estes atributos e habilidades. Esta lógica tem levado à discriminação e opressão daqueles que não têm e/ou não se encaixam nos padrões desejados.

Por isso, a atual sociedade deve perceber seus próprios erros ao tratar com as pessoas com deficiência, assim diminuindo seus preconceitos com essas pessoas, evitando ocasiões que possam prejudicá-las de qualquer forma, constringendo-as ou, de alguma forma, retirando seus direitos como cidadãos. Com isso, percebe-se o quão importante foi para a inclusão e representatividade das pessoas com deficiência, a cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2021, onde abertamente declarou uma luta anticapacitista.

O tema da abertura dos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2021, "We have wings" (todos temos asas), transformou o estádio em um aeroporto com efeitos especiais. A protagonista, uma adolescente de 13 anos representando um pequeno avião com uma asa, enfrentou seu medo de voar. Diversos personagens com deficiências, incluindo músicos e bailarinos, mostraram suas formas únicas de expressão e incentivaram a monoasa a encontrar seu próprio jeito de voar. A mensagem central foi que todos, independentemente de suas deficiências, podem superar desafios e alcançar seus objetivos. No final, a monoasa supera seu medo e voa, simbolizando a superação pessoal (Comitê Olímpico Internacional, 2021).

Com o auxílio das mídias e com políticas públicas, a promoção dos esportes paralímpicos pode aumentar, ofertando assim a possibilidade de gerar inúmeras matrículas para pessoas com deficiências em práticas do paradesporto, como as aulas ofertadas pelo projeto CRPB, haveria uma maior demanda para essas práticas, evidenciando assim uma conquista para o CPB. Em que, aumentaria a quantidade de praticantes, promovendo uma maior possibilidade de encontrar novos talentos e pessoas com desejo de serem atletas de alto rendimento, para poder representar o Brasil em futuras competições.

Os praticantes de qualquer modalidade esportiva podem direcionar seu interesse para o lazer, a recreação ou a manutenção da saúde. Portanto, esses aspectos devem ser considerados ao se relacionar o esporte ao alto rendimento, pois a prática esportiva possui diversas nuances que permeiam sua execução. O esporte pode desempenhar um papel significativo na vida dos indivíduos, e é fundamental evitar sua vitimização para não reforçar estereótipos baseados em deficiências, valorizando, assim, sua humanidade. Os meios de comunicação desempenham um papel crucial na formação das percepções do público e podem influenciar significativamente as opiniões individuais (Hilgemberg, 2019b).

Há uma questão enfática relacionando as pesquisas que giram em torno das temáticas relacionadas à inclusão, para Zalcman (2020, p. 4) "inclusão pode significar também

oportunidade. O esporte paralímpico dá, justamente, oportunidade das pessoas se superarem diariamente, acreditarem e mostrarem seus respectivos potenciais”.

A inclusão transcende um conceito abstrato, trata-se de uma prática concreta que transforma vidas e abre portas para um universo de possibilidades. No âmbito do esporte paralímpico, essa transformação é particularmente evidente. Por meio do esporte, indivíduos com deficiência encontram um espaço para desenvolver habilidades físicas, emocionais e sociais frequentemente negligenciadas em outros contextos. Eles têm a oportunidade de competir, demonstrar resiliência e, acima de tudo, desafiar preconceitos e estigmas associados às suas limitações (Sasaki, 2006).

Assim, a inclusão no esporte paralímpico funciona como um potente lembrete de que as diferenças não devem ser encaradas como obstáculos, mas como elementos fundamentais de uma sociedade diversificada e enriquecedora. É através dessa perspectiva de inclusão e oportunidade que podemos construir uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos têm a chance de se destacar e alcançar seu máximo potencial (Guimarães, 2018).

Por isso, as iniciativas voltadas à disseminação de algum projeto para as pessoas com deficiência são de suma importância, pois

tendo em vista que a maioria dos atletas com deficiência atendidos no Projeto vivem em situação de risco social e muitas vezes são excluídos da sociedade, nesse sentido, a oportunidade de participação de PCDs no Projeto Esporte Paralímpico é uma oportunidade para o seu desenvolvimento como ser humano que têm direitos e deveres na sociedade (Silva *et al.*, 2023, p. 30).

Esse ponto, que transcende a inclusão esportiva da pessoa com deficiência, remetendo também a inclusão social deve ser levada em consideração quando trata-se da narrativa de como inserir a pessoa com deficiência na sociedade atual, onde, por infelicidade, ainda existe um preconceito estrutural que é o capacitismo. A partir dessa forma de preconceito, as pessoas com alguma deficiência são deixadas de lado, apenas por possuírem características diferentes, que deixam sua capacidade residual reduzida. Mas essa condição não retira o direito e os deveres que elas possuem como cidadãos na sociedade contemporânea, elas também devem ser incluídas na sociedade (Sasaki, 2002).

#### 4. OS DESDOBRAMENTOS DOS CENTROS DE REFERÊNCIA PARALÍMPICO BRASILEIROS PARA IMPLEMENTAÇÃO DO ESPORTE PARALÍMPICO

O projeto dos CRPB's foi iniciado oficialmente em 2019 e até o presente momento está ocorrendo um desenvolvimento exponencial, visto que no final de 2024, já havia 72 Centros de Referência em todo o Brasil, onde estão presentes nas 26 unidades federativas<sup>9</sup>. Já totalizavam um total de 9.240 pessoas com deficiência atendidas pelo projeto, onde estavam praticando ao menos uma modalidade do esporte paralímpico (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2024).

Relacionando a evolução que os Centros de Referência estavam idealizando no seu planejamento estratégico, eles estão conseguindo contemplar cada um dos objetivos, pois o desenvolvimento dos CRPB's está sendo exponencial, devido a organização para melhorar a disseminação dos esportes paralímpicos no Brasil. Tal como vemos no quadro 2, que apresenta a relação das metas que o CPB objetivava e quais eles conseguiram contemplar.

Quadro 2 - Relação das metas da quantidade de centros

<b>ANO</b>	<b>META</b>	<b>ALCANÇADO</b>
<b>2019</b>	-	-
<b>2020</b>	-	7
<b>2021</b>	16	12
<b>2022</b>	35	28
<b>2023</b>	50	65
<b>2024</b>	60	72

Fonte: Elaboração própria do autor com base nos relatórios técnicos de 2019 a 2024 (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2019b, 2020, 2021, 2022d, 2023, 2024).

Com a leitura do quadro 2, percebe-se que houve uma evolução drástica do ano de 2022 para o ano de 2023, pois como objetivo, desde a implementação dos Centros de Referência em 2019, o CPB queria estar com um Centro em cada Unidade Federativa do Brasil, propósito este que está quase alcançando. Não havia metas para o ano de 2019 e em

<sup>9</sup> Com exceção do Estado do Piauí, que até o presente momento ainda não foi contemplado com um Centro de Referência.

2020, devido ao início da pandemia. Os relatórios técnicos apresentaram os desdobramentos realizados pelo CPB durante a pandemia para conseguirem algum treinamento para os atletas da seleção brasileira que iriam representar o Brasil, nas Paralimpíadas de Tóquio 2021 (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2023).

O CPB não poderia apresentar objetivos claros, já que não sabia se conseguiria colocar os atletas desde a iniciação esportiva até o alto rendimento para treinarem, devido ao momento de insegurança vivido por todos. Pensar na captação de novos alunos, a pandemia traria dificuldades maiores, pois nesse período muitas pessoas estavam com medo do futuro e o que iria acontecer no mundo no período pandêmico, que impactou diversas pessoas e acabou com a vida de muitas.

No ano de 2020, os relatórios apenas mostraram a quantidade de parcerias que conseguiram através do projeto com as unidades. Pois devido a pandemia e a suspensão das atividades em alguns locais, tornou-se difícil de praticar os esportes, visto que todas as medidas sanitárias adotadas foram necessárias para diminuir a contaminação, numa tentativa de retornarmos o quanto antes à normalidade. Algumas modalidades<sup>10</sup> tornaram-se inviáveis de serem realizadas nos meses após 18 de março de 2020, data em que o Centro de Treinamento Paralímpico foi fechado, não recebendo treinamento nos meses que se sucederam, deixando vários atletas parados (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2023).

Na atualidade a implantação dos Centros de Referência Paralímpico em cada Unidade Federativa do Brasil pode melhorar a iniciação esportiva e o desenvolvimento de atletas paralímpicos, otimizando o desempenho em competições, inovando na metodologia de treinamentos e aprendizagem, e garantindo a manutenção da saúde e melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência (Rocha *et al.*, 2021).

Torna-se evidente que o esporte paralímpico traz inúmeros benefícios para as pessoas com deficiência que estejam no meio esportivo, praticando alguma modalidade, independente de qual for seu objetivo, assim

é fato que o esporte muda vidas, altera as perspectivas de futuro, o esporte paralímpico/adaptado deve ser tratado não somente como lazer ou competição, mas como um facilitador no processo de reabilitação. A implementação de Projetos de Extensão em Universidades são fundamentais para proporcionar o desenvolvimento de atividades físicas e esportivas para pessoas com deficiência, e podem ser aliados para o aprimoramento dessas atividades, podendo favorecer também, o desenvolvimento de talentos esportivos paralímpicos (Rocha *et al.*, 2021, p. 72).

---

<sup>10</sup> Exemplos: esportes de combate (Judo e taekwondo), futebol de cegos, vôlei sentado, rugby e basquete em cadeira de rodas, entre outros esportes que possuem contato.

A implementação do esporte paralímpico em universidades revela-se particularmente interessante, pois além de oferecer aos estudantes oportunidades de estágio, proporcionando experiências práticas e científicas relacionadas ao esporte paralímpico, os CRPBs nas universidades são enriquecidos com a possibilidade de pesquisas como a realizada neste trabalho. Este ambiente que antes não era amplamente disponível nas universidades brasileiras, começou a ser mais explorado após a criação do projeto CRPB. Por exemplo, no estado de Goiás, a Universidade Federal de Goiás (UFG) oferece natação paralímpica, enquanto a Universidade Estadual de Goiás (UEG) oferta natação, parabadminton e atletismo paralímpico, ampliando as oportunidades de aprendizado para os alunos do curso de Educação Física.

Souza e Dalla Déa (2024), ao estudarem o Centro de Referência de Goiás, na UFG, discutiram que

Com a análise das entrevistas realizadas, tornou-se evidente que todos os participantes experimentaram notáveis melhorias em diversos aspectos de suas vidas, abrangendo áreas sociais, físicas e emocionais. O progresso alcançado pelos alunos de natação do projeto CRP está sendo destacado como um exemplo vívido dos inúmeros benefícios que essa prática esportiva oferece, promovendo uma melhoria substancial na qualidade de vida dos envolvidos (p. 113).

De acordo com Melo (2009) e Mauerberg (2005), o exercício físico em ambiente aquático é altamente recomendado para pessoas que utilizam cadeira de rodas, devido à facilidade de movimentação e aos inúmeros benefícios proporcionados pela água. Entre esses benefícios, incluem-se a reeducação e estimulação de músculos paralisados, fortalecimento da musculatura que auxilia na postura, alívio de dores, possibilidade de realizar exercícios que exigem força muscular sem a preocupação com atrito, intervenção perceptivo-motora e promoção de independência na modalidade. Esses efeitos positivos são comparáveis aos observados em indivíduos sem deficiência, ressaltando a eficácia dos exercícios aquáticos para ambos os grupos.

Para a Dalla Déa *et al.* (2013) natação é um dos esportes que possuem uma importância crescente para as pessoas com deficiência, relatando que as pessoas com deficiência buscam e permanecem na natação e nas práticas aquáticas pelo bem-estar e possibilidades de movimentos proporcionados pelas características físicas da água como o empuxo e a pressão hidrostática. A natação possui um diferencial na vida das pessoas com deficiência, pois proporciona uma liberdade corporal aos alunos, principalmente para aqueles que possuem limitações físicas e veem no meio líquido, uma forma de expressão corpórea

genuína e independente, onde estão livres para se movimentar e aproveitar seus próprios corpos (Grasseli; Paula, 2002; Mayer *et al.*, 2019; Nazar *et al.*, 2019).

Partindo dessas características, a natação paralímpica pode ser considerada como um dos esportes mais inclusivos, por abranger pessoas com deficiência física, intelectual e visual. Nas competições de natação existem categorias diferentes para cada uma delas, mantendo os competidores em equidade, após passarem por uma avaliação médica e funcional, são categorizadas para estarem entre pessoas com funcionalidades e eficiências semelhantes às suas.

Há essa importância em oferecer o esporte paralímpico nas Universidades, visto que as pessoas com deficiência que estão sendo contempladas com esse projeto não o seriam, se acaso não tivesse um projeto que fosse até elas, em suas respectivas localizações. Por isso, o interesse do CPB em levar o esporte paralímpico para todas as unidades federativas do Brasil, está em disseminar o esporte para a maioria das pessoas com deficiência que vivem nas capitais e interiores do país.

Foi realizado uma entrevista com o atual supervisor da diretoria de desenvolvimento esportivo do CPB, a fim de compreender percepções de uma das pessoas que está envolvida na implementação e desenvolvimento dos Centros de Referência, ele afirmou que o principal objetivo do projeto CRPB é

A massificação do esporte paralímpico, o CPB tem a missão de oferecer esporte paralímpico para todas as pessoas que residem em nosso país. Então a ideia que a gente tem aí é polos do centro de referência espalhados por todo país, seja nas capitais, seja nos interiores, nas cidades mais afastadas, que a gente consiga massificar o esporte paralímpico, oportunizar crianças e jovens principalmente, que muitas vezes não tem essa oportunidade na escola, ali no seu dia a dia, na infância. Então oportunizar é ter um local que tenha um acesso bacana, que tenha professores especializados para que essa criança e esse adolescente com deficiência, seja atendido e conheça o esporte paralímpico, o grande objetivo é esse! (A1)

Partindo dessa fala, contendo informações valiosas sobre o verdadeiro objetivo dos CRPB, ela pode ser relacionada com os objetivos que o CPB tinha quando criaram o projeto, pois desenvolveram alguns objetivos gerais e específicos. Porém, o objetivo principal é treinar e apoiar atletas de alto rendimento para conquistar medalhas de ouro nas Paralimpíadas, formar e treinar atletas paralímpicos desde a iniciação até o alto rendimento em pelo menos duas modalidades, capacitar profissionais para atuar no esporte paralímpico e promover projetos de pesquisa relacionados ao esporte paralímpico (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2022b).

Vemos, que os objetivos estão sendo alcançados, pois o próprio CPB, por meio da plataforma Educação Paralímpica<sup>11</sup> promove diversos cursos que capacitam profissionais e alunos de Educação Física do Brasil todo a tornarem-se profissionais capazes de ministrarem aulas das mais diversas modalidades paralímpicas, os cursos são tanto no modelo presencial como no ensino a distância (EAD). Além disso, muitos alunos estão sendo contemplados com a iniciativa, visto que o crescimento exponencial do esporte paralímpico nos últimos anos está sendo de suma importância para a massificação do esporte paralímpico para a população brasileira, como descrito com os dados coletados no quadro 3.

Quadro 3 - Relação das metas da quantidade total de alunos

<b>ANO</b>	<b>META</b>	<b>ALCANÇADO</b>
<b>2019</b>	-	-
<b>2020</b>	-	-
<b>2021</b>	-	1.312
<b>2022</b>	3.000	2.563
<b>2023</b>	4.000	5.108
<b>2024</b>	5.000	9.240

Fonte: Elaboração própria do autor com base nos relatórios técnicos de 2019 a 2024 (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2019b, 2020, 2021, 2022d, 2023, 2024).

Alguns dos relatórios técnicos não apresentaram metas, visto que no ano de 2019 estavam iniciando o projeto dos CRPB, onde começaram o processo de oficialização de acordos e trâmites para possuírem sede em algumas unidades federativas, em que afirmaram que haviam fechados nove acordos para tal. Mas, sem informações precisas em quais foram as localidades que haviam organizado os acordos, por isso ainda não tinham metas precisas para apresentar (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2019b, 2020, 2021, 2022d, 2023, 2024).

No ano de 2020 e 2021, não haviam explanado em seu planejamento estratégico quais eram as metas para os respectivos anos, todavia no ano de 2021 conseguiram um bom resultado, considerando todas as questões pandêmicas que permearam neste ano. De todo modo, apresentaram que tinham como objetivo no CRPB “a descentralização das ações do

<sup>11</sup> O site da Educação Paralímpica, contendo vários cursos importantes para os esportes paralímpicos: <https://www.educacaoparalimpica.org.br/>.

Comitê Paralímpico Brasileiro e oferecer que mais atletas tenham acesso à prática esportiva e ao alto rendimento” (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2021, p. 24).

Evidencia-se, assim, que mesmo com o Centro de Treinamento mais tecnológico do CPB, localizado no Parque Fontes do Ipiranga, na zona sul de São Paulo, a descentralização dos treinamentos, tanto para a iniciação esportiva quanto para o alto rendimento, é essencial. O Comitê Paralímpico Brasileiro buscou alcançar as pessoas com deficiência em todas as unidades federativas, eliminando a necessidade de deslocamento até o Comitê, como ocorre no caso do Centro de Treinamento (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2023).

Devido à demanda por ambos os tipos de aulas envolvidos no CRPB, existem dois modelos distintos para atender às pessoas interessadas na prática esportiva das mais diversas modalidades paralímpicas, projetando replicar as ações desenvolvidas no Centro de Treinamento Paralímpico (Cardoso, 2023). Deve-se introduzir a iniciação paralímpica para aqueles que têm interesse em praticar algum esporte e, caso alguém se destaque significativamente ou já demonstre aptidão, será convidado a integrar o alto rendimento.

Nos anos de 2022 e 2023, percebemos um aumento significativo de um ano para o outro, mesmo que em 2022 a meta não tenha sido alcançada. No ano de 2023, ela quase dobrou, sendo um aumento de exatos 99,3%, demonstrando que a expansão e disseminação do esporte paralímpico está ocorrendo de forma exponencial. A meta de 2024 já foi conquistada no ano anterior e novamente quase dobrou neste ano, aumentando para 9.240 atletas, assim há a indicação que possivelmente haverá melhorias significativas nos próximos anos.

Com isso, a fala do supervisor da diretoria de desenvolvimento esportivo do CPB, após ser questionado sobre quais eram os objetivos acerca da quantidade de Centros no Brasil para o ano de 2024, ele informou que *“A ideia inicial do centro de referência era ter pelo menos um em cada estado, [...] hoje a gente já tem em vários estados tem mais de um, Goiás é um exemplo disso e a gente quer chegar no centésimo centro de referência no ano de 2024”* (A1).

Mesmo que no planejamento estratégico do CPB 2022-2024, organizado no ano de 2021, apresentaram que eles têm como objetivo chegar a 60 centros espalhados pelo Brasil, o supervisor trouxe uma fala mais pretensiosa, em que almejam estarem com 100 centros espalhados pelo Brasil até o final do ano de 2024, o que infelizmente não foi possível de alcançar, mas a meta do planejamento deles foi superada em 20%, chegando no 72º no ano de 2024.

Quando o esporte paralímpico, alcançar esse objetivo dos 100 centros de referência conseguirá mostrar efetivamente com dados quantitativos, como ele tende a crescer e se desenvolver em território nacional, pois de forma qualitativa, ele já está sendo bem desenvolvido, levando em consideração os últimos Jogos Paralímpicos (Silva; Mello, 2021).

No relatório técnico e administrativo apresentado pelo CPB em 2023, para apresentação dos resultados alcançados durante o ano e as projeções futuras que possuem, eles apresentaram que nesse ano o Brasil vem se desenvolvendo muito no cenário mundial, visto que

os Jogos Parapan-Americanos, realizados em novembro, em Santiago, Chile, ilustram bem a envergadura do êxito. Na ocasião, os atletas brasileiros reafirmaram a condição de protagonistas no cenário paralímpico continental ao ganharem 343 medalhas: 156 ouros, 98 pratas e 89 bronzes. Mais de 100 destes pódios foram obtidos por atletas estreantes no evento. Nunca nenhum país alcançou tantas vitórias em uma única edição da competição continental (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2023, p. 3).

Não tornando-se apenas mais um caso isolado, pois vemos a importância que a iniciação esportiva está tendo para alavancar o desenvolvimento esportivo de uma comunidade nova de atletas, pois mais de 100 pessoas eram estreantes e conseguiram alcançar o pódio. Posto isso, no mundial de atletismo e de natação paralímpica, o Brasil também conseguiu ótimas colocações, respectivamente primeiro e quarto lugar, apresentando mais uma vez como conseguirá tornar-se uma das maiores potências do esporte paralímpico mundial.

Dessa forma, os centros de referência para serem mais bem implantados nas Unidades Federativas, preferencialmente são introduzidos por meio de parcerias que geram mais fomento ao esporte, como as Secretarias de Esporte e Educação, alinhados às Universidades. Pois, quase todos os Centros têm vínculo com as universidades locais, oportunizando o atendimento dos alunos em serviços paralelos, como nutrição, fisioterapia, psicologia, dentre outros, além de incentivar a pesquisa com a temática do esporte paralímpico no meio universitário (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2023, p. 26).

Há padrões diferentes para cada centro, a depender de quais modalidades serão oferecidas, a localização e toda a infraestrutura, bem como a forma que os coordenadores irão organizar todos os procedimentos que estarão ao redor da gerência esportiva do lugar. Por isso que as

metas sendo alcançadas no prazo estabelecido, a região sendo atendida da melhor forma, mantendo um padrão de qualidade desde a recepção até o trato no dia a dia, o processo de inclusão esporte sendo usado como ferramenta para o aumento da

autoestima, construção de atletas que já são referência em suas localidades, agora a meta é a busca por público alvo 8 a 17 anos em maior número. A cidade começando a respirar o Movimento Paralímpico (Oliveira; Vasconcelos, 2023, p. 80).

Posto isso, o movimento paralímpico precisa se expandir para as mais diversas regiões brasileiras, atualmente presentes nas 26 Unidades Federativas, com o objetivo de aumentar o número de centros e abranger mais cidades no Brasil, independente se forem nas capitais ou no interior. A importância de ter coordenadores para comandar cada centro reside na necessidade de repassar para sua equipe profissional as informações discutidas em reuniões mensais realizadas via plataformas digitais, bem como em um encontro anual no Centro de Treinamento Paralímpico em São Paulo, promovendo o intercâmbio de procedimentos (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2023, p. 26).

Visando a melhora na transmissão da informação entre os Centros, para haver uma forma ideal de procedimentos para cada modalidade esportiva, o supervisor, que é responsável pelos técnicos e professores, enfatizando a necessidade deles para uma melhor comunicação entre os Centros. Visto que,

todas as diretorias e departamentos do CPB são envolvidos na orientação dos Centros, de acordo com cada responsabilidade, por exemplo: a Coordenação de Ciência do Esporte desenvolveu ferramentas para acompanhar o desempenho dos alunos e identificar os possíveis talentos esportivos paralímpicos. Em 2024, a proposta é envolver as confederações, solicitando informações sobre a carência de atletas de acordo com a modalidade/prova/gênero/classe (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2023, p. 26).

Percebe-se que os diversos setores que planejam o funcionamento do CRPB, estão comprometidos para conseguirem compreender já no ano de 2024 quais as maiores carências de atletas em cada uma das modalidades, para poderem preencher as lacunas existentes. Evidenciando o compromisso do CPB com o alto rendimento esportivo, pois o Centro de Referência Paralímpico surge como uma possibilidade com foco em otimizar o desempenho dos atletas, a fim da conquista de melhores resultados em competições, como também inovar na metodologia de treinamentos e aprendizagem e garantir a manutenção da saúde e melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência (Rocha *et al.*, 2021, p. 70).

Em relação a esse ponto acerca do esporte de alto rendimento ser o maior foco do CPB na atualidade, foi perguntado exatamente isso para o supervisor da diretoria de desenvolvimento esportivo, se o principal foco de investimentos do CPB era o alto rendimento e ele informou que

o Comitê hoje, ele como eu te falei, existe a diretoria de desenvolvimento esportivo, que o principal foco dessa diretoria, o objetivo é o contrário né, então é buscar fomentar o esporte, busca oportunizar crianças e jovens a conhecer o esporte, a praticar, dentro dessa diretoria existem vários projetos, até chegar ali na entrada do alto rendimento, então hoje a diretoria de desenvolvimento esportivo que faz parte do CPB, está focada na massificação e na iniciação esportiva, aí se o atleta, se o aluno, se o cliente que vem e faz as atividades no centro de referência ou em qualquer outro projeto do CPB, se for um atleta de alto rendimento. Bacana! Muito legal! Se não for, vamos estar cumprindo nossa missão que é de oferecer e massificar o esporte paralímpico. Além do alto rendimento, o CPB também se preocupa e muito com essa iniciação, com a oferta de esporte para crianças e jovens com deficiência (A1).

Percebemos assim, com a fala do diretor, que é vital a importância do alto rendimento, mas o CPB busca inicialmente enfatizar a iniciação esportiva, para ensino e captação de novos alunos, que podem tornar-se atletas no futuro. Mas que na atualidade estão buscando pessoas de 7 a 17 anos, que estejam interessadas em ingressar no esporte, para que experimentem das mais diversas modalidades paralímpicas que estejam associadas ao seu tipo de deficiência e eficiência. Como no caso de goalball<sup>12</sup> e futebol de 5<sup>13</sup> que são esportes para pessoas com deficiência visual, por isso pessoas com outras deficiências não podem participar a nível competitivo, pois são elegíveis apenas para pessoas com deficiência visual.

No “manual de procedimentos” criado logo na implementação do projeto do CRPB, afirma que

buscam identificar e desenvolver talentos para as modalidades paralímpicas. Aproveitar o surgimento de talentos nos programas de prática esportiva, é algo fundamental. Talentos esportivos são denominados aqueles indivíduos que possuem desempenho e condições de sucesso acima da média populacional em determinadas atividades e práticas esportivas (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2019, p. 3/13).

Nesse sentido, o atual objetivo está na iniciação esportiva, mas o produto final que almejam é o esporte de alto rendimento, sendo que a busca por talentos é algo natural das pessoas que estão na prática esportiva profissional. Para a pessoa tornar-se um atleta, ela deve além de possuir prática e uma técnica apurada, necessita de estar filiada a algum órgão regulador ou uma federação, como por exemplo o CPB e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), para conseguir participar de competições oficiais e destacar-se para competições internacionais.

---

<sup>12</sup> O goalball é um esporte paralímpico exclusivo para pessoas com deficiência visual, jogado em uma quadra de 9m x 18m, com gols de 9m de largura e 1,30m de altura. As equipes são compostas por três titulares e três reservas, e o jogo é guiado pelo som de um guizo dentro da bola, exigindo silêncio durante a partida (CPB, 2019b).

<sup>13</sup> O Futebol de 5 é também conhecido como o futebol de cegos.

O CPB hoje também pensa em como o atleta poderá voltar para a sociedade e realizar uma transição de carreira, quando ele não quiser mais competir e ser um atleta profissional, por isso o supervisor da diretoria de desenvolvimento esportivo, apresentou em sua fala que

Hoje a gente tem o programa de transição de carreira, onde o CPB oferece muitas oportunidades para algumas universidades, para que o atleta, a pessoa com deficiência que já praticou o esporte em algum momento, consiga também ter acesso a universidade através de bolsas de estudo (A1).

Nesse sentido, o Comitê Paralímpico Brasileiro não irá desamparar seu atleta mesmo no momento que ele informar que não quer mais estar envolvido no esporte de alto rendimento e que gostaria de entrar no mundo dos estudos e posteriormente do trabalho, ou vice-versa. Também pode ser pensado que o esporte influenciou na provável reabilitação física, emocional e social da pessoa com deficiência, assegurando para ela independente da natureza ou da origem da deficiência, a mais ampla participação na vida social e, ainda, proporcionar maior independência possível em atividades da vida diária (Cardoso; Bastilha; Nicoletti, 2021, p. 5).

Por isso, quando o supervisor foi questionado na entrevista sobre quais eram os planos para o futuro que o CPB tinha para os Centros de Referência, ele apresentou que

Eu não sei se é uma utopia, mas pessoalmente falando assim, a ideia é crescer cada vez e quem sabe a gente consiga atender aí 10% dos municípios do Brasil. [...] Hoje a nossa meta é chegar em 100 até 2024, mas a gente espera muito mais, se Deus quiser, a gente vai poder estar contribuindo, mas se não tiver, espero que esse projeto continue crescendo cada vez mais e atendendo cada vez mais pessoas no Brasil inteiro e que a gente mude um pouquinho esse cenário de que a criança, ela não pratica esportes na escola, a criança com deficiência ela não tem acesso, muitas vezes ela é liberada apresentando um atestado médico, a nossa ideia é mudar esse cenário, além do Centro de Referência, essa criança conseguir praticar esses esportes na escola dela, na vizinhança dela, no município dela, independente de projetos como o Centro de Referência, então a ideia do Comitê hoje é massificar, que todo tenha acesso ou grande parte, porque a gente mantém mais essa dificuldade, aí só não vai fazer o esporte se ele não quiser, se a criança não quiser (A1).

Voltamos à informação de que o objetivo mais pretensioso dos gestores do CPB é chegar em 100 centros até o final de 2024 e com isso, oportunizar o acesso ao esporte paralímpico para várias pessoas que estejam interessadas em praticar alguma das modalidades. Por isso, ele informa que o objetivo deles é levar para as pessoas o esporte, para que não precisem se deslocar muito para obterem a prática, além de apresentar a necessidade para as pessoas de quão bom seria se elas estiverem ativas fisicamente.

A prática de atividades físicas e esportivas para pessoas com deficiência, seja ela visual, auditiva, intelectual ou física, pode oferecer, além dos benefícios amplamente reconhecidos da prática regular de exercícios, a chance de explorar seus limites e capacidades. Além disso, ajuda a prevenir complicações secundárias relacionadas à deficiência e promove a integração social do indivíduo (Melo; López, 2002).

A entrevista com o supervisor foi finalizada deixando aberto para ele dizer o que sentisse vontade acerca do projeto, assim ele disse que

[...] A ideia do Comitê Paralímpico Brasileiro, isso vem de cima para baixo, desde o meu presidente, o meu diretor direto, assim a nossa ideia é massificar mesmo, chegar aos locais e ver que as pessoas com deficiência estão sendo atendidas, e não somente atendidas, estão sendo bem atendidas, por profissionais capacitados. Com pessoas que não estão ligadas diretamente, mas que estudam sobre o Centro, que vão poder pesquisar e falar mais sobre esse trabalho, que não é meu, do CPB, do Entrevistado A1 ou do Ramon e nem do Misael que é o presidente, mas de toda comunidade da pessoa com deficiência, que hoje é muito atuante, que tem cada vez, cada ano que passa, mais relevância em nosso país e a gente espera que cada vez tenha mais, que a gente, né, que essas pessoas sejam ouvidas, tenha voz e não tenham só acesso ao esporte paralímpico, onde também qualquer outra atividade né, que seja do direito delas, eu acredito que é isso (A1).

É fundamental que haja um esforço contínuo para garantir que as instalações e recursos estejam acessíveis e adaptados para atender às necessidades específicas de cada pessoa com deficiência. Isso inclui não apenas a infraestrutura física, mas também a disponibilidade de equipamentos adequados e o suporte necessário para que todos possam participar plenamente das atividades. A inclusão vai além do simples acesso; trata-se de criar um ambiente acolhedor e inclusivo, onde todos se sintam respeitados e valorizados. Portanto, a missão do CPB e de toda a comunidade envolvida é promover uma cultura de respeito e igualdade, onde o esporte e outras atividades possam ser uma ferramenta poderosa de inclusão e transformação social (Comitê Paralímpico Brasileiro 2018, 2019b, 2020, 2021, 2022d, 2023, 2024).

Para uma pessoa que deseja ingressar na carreira de atleta paralímpico, antes ela deve compreender algumas questões essenciais para a entrada e o pertencimento nessa vida de atleta. Entre essas questões há: a elegibilidade para cada esporte, a depender da classificação funcional, que é feita sobre cada uma das modalidades que a pessoa desejou participar. No sentido que foi perguntado ao supervisor da diretoria de desenvolvimento esportivo, que está ligado ao Centro de Referência Paralímpico, se eles atendem pessoas com deficiência, que não sejam elegíveis ao esporte paralímpico, assim ele informou que

Alguns atendem, não é o objetivo principal, o esporte paralímpico ele tem as suas restrições, não é uma restrição que é escolha nossa ou do CPB, é uma restrição que vem do comitê internacional que as deficiências elegíveis são as deficiências física, visual e intelectual. Como a gente tem Centros de Referência no Brasil inteiro e cada cidade nossa do Brasil é diferente, a gente tem uma cultura diferente, a gente tem uma especificidade, então assim, existem sim muitos alunos que não são elegíveis para o esporte, por exemplo de competição, mas que são atendidos sim nos centros de referência, então a gente tem alunos com deficiência auditiva, alunos com autismo por exemplo, com deficiências intelectuais que não são elegíveis, mas existem sim, é uma parcela menor, é uma parcela que para pratica esportiva, não tem problema nenhum, só que é uma parcela que hoje não consegue competir devido às limitações das classificações funcionais das modalidades (A1).

Por isso, algumas deficiências dificilmente são vistas nas paralimpíadas ou nem são vistas, pois não são elegíveis nos esportes, como pessoas com deficiência auditiva. Para esses atletas existe outro movimento que é o movimento surdolímpico, criado antes mesmo do surgimento das paralimpíadas. Há surdolimpíadas de verão e inverno, tendo ocorrido pela primeira vez, respectivamente, 1924 em Paris, França e 1949 em Seefeld, Áustria. Esses jogos também ocorrem a cada 4 anos (Santana Jr *et al.*, 2023).

Nesse sentido, os esportes têm um papel significativo na vida dos surdos, tanto física quanto social e mentalmente. Foi mencionado que os atletas surdos não se consideram deficientes no contexto esportivo. Eles acreditam que a língua de sinais os fortalece e não enfrentam problemas de comunicação nos esportes específicos para surdos. No entanto, enquanto experimentam empoderamento na maioria das modalidades esportivas, a integração com colegas ouvintes pode diminuir esse sentimento de empoderamento individual devido à comunicação social inadequada (Fosshaug, 2006).

Evidenciando, a importância do esporte surdolímpico para a inclusão das pessoas com deficiência auditiva no meio competitivo, visto que não são elegíveis para os esportes e campeonatos paralímpicos, Fosshaug (2006) debruça-se sobre o tema, levando em consideração que os atletas surdos não se sentem incluídos comunicando com pessoas ouvintes, devido a necessidade em utilizar libras e que as pessoas ouvintes normalmente não sabem e não possuem interesse em aprender.

As pessoas com Síndrome de Down, sendo consideradas pessoas com deficiência intelectual, mesmo possuindo uma deficiência elegível para o esporte, possuem muita dificuldade em se classificar para alguma competição de maior renome. Assim, vemos que na pesquisa de Dalla Déa *et al.* (2021), nos Jogos Paralímpicos de 2000, 2012 e 2016, tiveram competições de atletas com deficiência intelectual, mas sem a presença de pessoas com Síndrome de Down.

Há desigualdade em pessoas com síndrome de Down competirem nos Jogos Paralímpicos contra outras com deficiência intelectual, levando em consideração que possuem pessoas com síndrome de Down possuem também hipotonia muscular, condição essa que prejudica o seu rendimento físico, os colocando em uma situação de disparidade em comparação a atletas que possuem apenas algum outro tipo de deficiência intelectual. Por esse motivo, em novembro de 2019, durante as Paralimpíadas Escolares brasileiras, foi criada uma classe específica para pessoas com síndrome de Down na natação e no atletismo. Esse evento, que contou com 1.231 atletas, abordou a exclusão enfrentada em edições anteriores, onde competiam com outras pessoas com deficiência intelectual, uma situação semelhante à dos Jogos Paralímpicos (Dalla Déa *et al.*, 2021).

Atualmente, o projeto dos CRPB, atende a todas as pessoas que apresentem laudo possuindo alguma deficiência, seja ela elegível para o esporte paralímpico ou não, visto que prezam pela inclusão de todas as pessoas e nesses casos específicos não poderiam excluí-las. Apenas, quando se trata de competições que haverá todo o processo de classificação funcional, que depende do esporte e da deficiência a forma na qual ela será feita, pois necessitam de profissionais de Educação Física, fisioterapeutas, psicólogos e médicos (oftalmologistas e psiquiatras) (Cardoso; Gaya, 2014).

A classificação funcional visa garantir que atletas com deficiências possam participar de forma justa, independentemente do tipo e da gravidade da deficiência, seja ela física, visual ou intelectual. No esporte paralímpico, essa classificação estabelece uma igualdade nas habilidades físicas e competitivas, agrupando atletas com deficiências semelhantes em categorias específicas (Freitas, 2005; Castellano, 2008). Tudo isso objetivando, proporcionar um ambiente onde as pessoas que estejam competindo não se sintam inferiorizadas a depender das condições que possam ser diferentes dos seus adversários.

Outro ponto para salientar é que o CPB ainda não possui um projeto específico para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), na entrevista, o supervisor de desenvolvimento foi questionado sobre essa questão, ele informou que

O CPB tinha uma parceria até pouco tempo atrás, ela se encerrou, com a Secretaria Nacional do paradesporto, que é o TEAativo, que inclusive é um projeto muito bacana. Então, o nosso diretor Ramon Pereira, ele reescreveu esse projeto, apresentado na época, no ano passado, para o secretário em atividade, foi aceito! A gente conseguiu até inclusive colocar alguns profissionais desse TEAativo, com recurso aí do projeto, para atuar dentro do Centro de Referência, só que o projeto acabou se encerrando e não foi renovado. Hoje o CPB, instituição Comitê Paralímpico Brasileiro, não tem nenhum projeto voltado especificamente para pessoas, crianças e jovens, com transtorno do espectro autista (A1).

Desse modo, vemos que o CRPB na atualidade não possui projetos que sejam para as pessoas com TEA, mas elas também são aceitas para participarem nas aulas, em alguns dos Centros, como o caso do Centro de Referência de Goiânia, que acolhe algumas pessoas com TEA. Isso foi visto durante a ida a campo, onde algumas pessoas que apresentavam laudo não eram impedidas de praticarem o esporte, no caso a natação, mas elas não poderiam competir no paralímpico, pois não são reconhecidas como uma pessoa com deficiência, e sim sendo reconhecidas com um transtorno global do desenvolvimento.

A sociedade precisa evoluir ao ponto de colocar em equidade os serviços que promovem para as pessoas, dessa forma, combatendo a desigualdade social, que atualmente é uma das causas que geram a dificuldade de acesso a um serviço oferecido pelo governo em algum aspecto específico, como a saúde, por isso que o

acesso aos serviços de saúde pelas pessoas com deficiência tem sido difícil porque, em geral, o investimento é reduzido nas equipes de saúde no sentido da sensibilização e informações sobre as diferenças, as especificidades das pessoas com deficiência e as estratégias para anular a deficiência, tornando-a uma limitação funcional. Uma estratégia importante a ser adotada é a criação de programas focados nos aspectos citados para garantir a equidade (Munguba; Vieira; Porto, 2015, p. 464).

A sensibilização das pessoas é um dos primeiros aspectos a ser abordado para melhorar a contribuição das equipes de saúde aos pacientes com deficiência. Destacando a importância do papel dos profissionais de saúde no processo de inclusão, é fundamental que eles ajudem a pessoa com deficiência a desenvolver sua autonomia e a ter pleno conhecimento de seus direitos (Tomaz *et al.*, 2015).

Percebemos o quão importante o projeto está sendo e como o objetivo de massificar o esporte paralímpico para toda população brasileira com deficiência está sendo desenvolvido pelo CRPB. Evitando tantos preconceitos e estigmas associados a vida dos atletas paralímpicos e olímpicos, evidenciando uma melhora na promoção do esporte para as PCD, enfatizando o quão capazes são e tudo que podem alcançar, apresentando o potencial das capacidades humanas (Santos *et al.*, 2018).

É crucial enfatizar o desejo de inclusão social expresso pelos atletas, que se manifesta nas denúncias de diferenciação e/ou discriminação entre os mundos olímpico e paralímpico, e na aspiração de serem reconhecidos como desportistas de alto rendimento, com habilidades, capacidades e conquistas importantes, que os façam pessoas de referência no mundo esportivo. Assim, é pertinente destacar que os discursos e conteúdos midiáticos podem ajudar

a estabelecer uma equidade de tratamento e oportunidades, valorizando as conquistas desses atletas e, assim, contribuindo para a mudança de paradigmas discriminatórios relacionados à deficiência (Marques, 2015).

A realidade dos atletas paralímpicos em uma sociedade ainda marcada pela discriminação é complexa. Mesmo no esporte, eles enfrentam desafios em um ambiente onde, muitas vezes, prevalece a ideia de que apenas os mais fortes são valorizados. Não se trata de afirmar que pessoas com deficiência são inferiores ou incapazes de competir, mas sim de questionar a noção de que apenas os vencedores merecem reconhecimento. É essencial promover uma nova perspectiva que valorize o desenvolvimento do caráter e do espírito. Trabalhar em um ambiente inclusivo, junto a pessoas que compartilham experiências semelhantes, é crucial para fomentar a igualdade e o respeito (Andrade; Brandt, 2008).

Por esses motivos que o Estado possui o dever de

fornecer condições para o desenvolvimento dos deficientes, tanto contribuindo para acesso facilitado a setores básicos (educação, saúde, trabalho e lazer), como realizando investimentos necessários à prestação de serviços de qualidade. Na aplicação dos investimentos, há de se considerar questões éticas e de justiça, direcionando ações e recursos aos indivíduos mais vulneráveis e com maiores necessidades, preservando a equidade (Tomaz *et al.*, 2015, p. 167).

Evidenciando a importância da promoção e do acesso à inclusão social das pessoas com deficiência na sociedade contemporânea, destaca-se a necessidade de serviços de qualidade, com profissionais qualificados, especialmente nos setores mais básicos. Por isso, que a descoberta da deficiência durante o período gestacional é vital, para a família se preparar e compreender as formas que deverão agir com as crianças que virão, como o auxílio de uma equipe multiprofissional. Pois, para Machado (2011, p. 361)

a compreensão de que nenhuma categoria profissional é suficientemente capaz de suprir todas as demandas e necessidades da sociedade, uma vez que essas constituem questões com implicações de diversas ordens e requerem a intervenção de várias esferas profissionais em áreas de conhecimento distintas, revela que a intersetorialidade se impõe imprescindível em nossos dias.

Apresentando a importância que seria se tivesse sido descoberto antes, para poderem organizar uma equipe multiprofissional para ser capaz de suprir todas as necessidades que os meninos viriam a ter logo após o nascimento e com o decorrer dos anos. Visto que, a percepção comum e as atitudes em relação à deficiência física frequentemente desconsideram as experiências individuais e concretas, tratando-as de maneira genérica como sofrimento, sem evidenciar seu lado humano que possui relações sociais a se construir, levando em

consideração as experiências futuras de uma criança. Isso pode levar a uma visão que negligencia a complexidade dessas experiências, ao invés de reconhecê-las como uma parte integrante e legítima da condição humana (Barsaglini; Biato, 2015).

Diversos exemplos de situações que podem ocorrer em um hospital ou outro ambiente público de saúde podem ser mencionados, especialmente considerando a variedade de deficiências específicas que exigem cuidados personalizados. Para atender a essas necessidades, é essencial a capacitação prévia dos profissionais de saúde. Isso evitaria que o paciente fique incomodado com a situação que provavelmente ele ficará sujeito, ao encontrar um profissional que não saiba lidar com a diversidade que ele apresenta, pois não basta somente o indivíduo com deficiência se adaptar à sociedade, é necessário que está se adapte também, para que não ocorram situações incômodas para o paciente e o profissional (Interdonato; Greguol, 2012, p. 373).

Os variados esportes paralímpicos podem proporcionar diversos benefícios para as pessoas com deficiência, como a superação dos seus limites, aumento na interação social, o aumento da força muscular e melhora do sono (Souza; Dalla Déa, 2024). Dito isso, as competições paralímpicas são fundamentais para as pessoas com deficiências, pois elas proporcionam igualdade de condições entre atletas com limitações semelhantes, promovendo a inclusão social. O equilíbrio emocional é crucial, já que atletas com melhor preparo psicológico podem ter vantagens competitivas, o acompanhamento de um psicólogo do esporte ajuda a controlar o estresse e a ansiedade, melhorando o desempenho (Andrade; Brandt, 2008).

Tem-se a necessidade de os Centros possuírem um psicólogo clínico ou um do esporte, para haver esse auxílio para os atletas que estão buscando seu mais alto desempenho físico, enfatizando as questões associadas a uma mentalidade de campeão para os que estiverem competindo possuam uma ajuda geral, no quesito psicológico, esse serviço também deve ser oferecido para os alunos que estejam apenas praticando o esporte pelo lazer.

## **5. OS CENTROS DE REFERÊNCIA DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: SEUS BENEFÍCIOS E LACUNAS EXISTENTES**

Com a realização das entrevistas encontramos diversas informações importantes acerca organização dos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros (CRPB) na Região Centro-Oeste, mas vimos com a análise do desenvolvimento e funcionamento deles, necessitasse de uma compreensão aprofundada não apenas dos aspectos estruturais e metodológicos do projeto, mas também dos desafios logísticos e administrativos enfrentados no decorrer da pesquisa. A coleta de dados qualitativos, especialmente por meio de entrevistas com coordenadores e demais agentes envolvidos, revelou-se um processo permeado por situações imprevistas que impactaram o cronograma inicialmente estabelecido.

As barreiras encontradas, embora não comprometessem a viabilidade do estudo, evidenciaram fragilidades relacionadas à comunicação interna, à gestão e à continuidade administrativa dos Centros. Tais elementos, por sua vez, oferecem indícios relevantes sobre o nível de maturidade organizacional dessas instituições, bem como sobre as condições necessárias para a consolidação de uma gestão eficiente e integrada.

Por isso que, antes de nos debruçarmos nas temáticas associadas aos centros, tivemos algumas intempéries, onde não foi possível realizar as entrevistas de maneira presencial, devido a questões logísticas. Além disso, dois dos Centros tiveram alguns problemas ao longo da pesquisa, evidenciando algumas lacunas existentes no que se refere à organização da gestão dos Centros.

Um dos Centros que houve problemas foi o de Goiânia, visto que recentemente havia ocorrido uma mudança de gestão, devido a problemáticas relacionados a política municipal, nesse sentido quando os procedimentos organizacionais foram finalizados, foi possível realizar a entrevista. No Centro do Distrito Federal, a problemática foi que a coordenadora estava de licença maternidade e essa informação não havia sido repassada anteriormente, só após várias tentativas de contatos via e-mail que conseguimos uma resposta informando essa questão, e nos passaram o contato da pessoa que estava substituindo a coordenadora naquele momento.

Para a organização da análise dos dados provenientes das entrevistas, foi necessário a criação de 6 categorias do conteúdo, sendo elas: as características das pessoas atendidas pelo projeto; as condições para o ensino dos esportes paralímpicos; a captação dos alunos; a relação entre as competições e o relacionamento familiar; os aspectos sociais e pessoais dos atletas; a formação de equipe.

## 5.1 AS CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS ATENDIDAS PELO PROJETO

Ao decorrer das entrevistas realizadas, pôde ser compreendido que as pessoas que são atendidas pelo projeto nos Centros de Referência do Centro-Oeste possuem algumas características similares. Essas semelhanças provavelmente se devem às questões de logística das cidades em que é realizado o projeto e os meios que utilizam para captação dos atletas, pois a informação nem sempre chega para todos.

Dito isso, os CRPB's do Centro-Oeste atendem a seguinte quantidade de pessoas na atualidade, apresentado no quadro 4,

Quadro 4 - Quantidade das pessoas atendidas na região Centro-Oeste

Centro de Referência	Quantidade atendida
Campo Grande - MS	138
Cáceres - MT	56
Goiás	230
Goiânia - GO	142
Distrito Federal	386
Total	952

Fonte: Elaboração própria através dos dados das entrevistas.

Dos Centros de Referência do Centro-Oeste, o único que possui diferenças na relação de pessoas beneficiadas é o Centro do Distrito Federal (DF). Como apresentado pela pessoa responsável por sua gestão, quando questionado sobre a quantidade de pessoas atendidas informou que

no geral, a gente tem 471, mas no Centro de Referência Paralímpico, que aí não entra as modalidades de reabilitação, né? A gente tem 386. Mas quando o CPB pede pra gente um número geral que como conta em grupo, às vezes uma fisioterapia, uma terapia ocupacional. Então acaba uma musculação, acaba contemplando os mesmos beneficiários. Então o total é 471, nos programas de esporte 386 beneficiários, nos programas de reabilitação 115 (A6).

Vimos que além dos programas esportivos, eles possuem várias iniciativas para promover a reabilitação das pessoas com deficiência, desde 1 ano até a velhice. Dos Centros

de Referência analisados, o do Distrito Federal é o único que possui atendimento para bebês. Sendo chamado de grupo de estimulação<sup>14</sup>, as atividades desenvolvidas têm como intuito atender crianças de 1 ano até 5 anos de idade, buscando proporcionar momentos que estimulem a criança com deficiência, para ela poder se desenvolver de forma mais saudável.

Nem todas as pessoas que estão praticando esportes adaptados possuem o interesse único e pleno de adquirirem uma performance física excepcional, às vezes eles querem apenas ter uma boa saúde e um condicionamento físico para se sustentar na rotina exaustiva diária. Assim, o esporte paralímpico pode sobrepor a ideia de apenas uma reabilitação para essas pessoas e proporcionar momentos de lazer e melhorar autoestima dessas pessoas, diminuindo o preconceito e os estereótipos associados às pessoas com deficiência (Catunda *et al.*, 2023; Heil, 2008).

Quadro 5 - Modalidades oferecidas nos centros do Centro-Oeste

Centro de Referência	Modalidades oferecidas	Total de modalidades
Campo Grande - MS	Atletismo, natação, bocha, futebol para paralisados cerebrais, basquete em cadeira de rodas, tiro com arco, goalball e judô.	8
Cáceres - MT	Natação, atletismo, badminton e bocha	4
Goiás	Parabadminton, natação, vôlei sentado, bocha, atletismo, futebol de PC e futebol multi classes.	7
Goiânia - GO	Goalball, futebol de cegos, judô, parabadminton, natação e atletismo.	6
Distrito Federal	Atletismo, bocha, futebol de paralisia cerebral, goalball, Halterofilismo, rugby em cadeiras de rodas, judô, natação, badminton, tênis em cadeira de rodas, tênis de mesa, tiro com arco, vôlei sentado e a vela adaptada	14

Fonte: Elaboração própria através dos dados das entrevistas.

De acordo com a leitura do quadro 5, cada um dos centros possui suas peculiaridades, é notável que cada um possui esportes que estão em mais evidência e outros que são menos

<sup>14</sup> Estudos apontam que a brincadeira de crianças com deficiência demanda maior suporte sistematizado em comparação às crianças sem deficiência, evidenciando a necessidade de planejamento e estratégias específicas para sua estimulação (Bishop; Hobson; Lee, 2005; Missiuna; Pollock, 1991).

praticados. Novamente o Centro do DF é o que mais possui modalidades esportivas, dando mais oportunidades para que os beneficiários escolham em qual dos esportes irão se adaptar melhor e que preferem praticar. Em relação aos esportes oferecidos, informaram que,

A gente atualmente tem 14 modalidades, então a gente tem o atletismo, a bocha, futebol de paralisia cerebral, goalball, Halterofilismo, rugby em cadeiras de rodas, judô, natação, o badminton, tênis em cadeira de rodas, tênis de mesa, tiro com arco, vôlei sentado e a vela adaptada, sendo que a vela adaptada a gente só tem dois beneficiários (A6).

Por outro lado, o Centro de Cáceres (MT) é o que possui a menor quantidade de beneficiados e de modalidades atualmente, possuindo apenas 4 modalidades. O coordenador desse CRPB informou que *aqui nós temos natação, atletismo, badminton e bocha* (A3). A depender da localização e da demanda de pessoas que estejam sendo adeptas aos esportes paralímpicos é que a gestão identifica quais modalidades serão colocadas em evidência.

O padrão que foi notado nos Centros, após a leitura do quadro 5, foi que todos possuem natação, atletismo, badminton e bocha<sup>15</sup>, alguns possuem esportes diferentes dos outros, tais como vela adaptada, futebol para paralisados cerebrais<sup>16</sup> e basquete em cadeira de rodas. Uma percepção geral é que os CRPB's do Centro-Oeste não possuem nenhuma modalidade de inverno, isso fica em evidência pelo clima da região. O foco geral está nas modalidades de verão, tratando-se dos esportes olímpicos, também há poucos lugares no Brasil que treinam para os de inverno, isso novamente pelas questões climáticas.

O aumento do interesse no esporte paralímpico é atribuído a três principais motivos: a eficácia do esporte no processo de reabilitação, o direito das pessoas com deficiência à prática esportiva e o caráter da modalidade enquanto forma de entretenimento (Tweed; Howe, 2011). Por isso, vê-se que o esporte paralímpico tende a aumentar gradativamente devido às boas impressões que ele está apresentando na mídia global.

Infelizmente no Brasil, não tivemos tanta repercussão com as paralimpíadas, mesmo com os bons resultados apresentados pela seleção brasileira, que alcançaram o 5º lugar, nos mantendo entre um dos países como uma das potências paralímpicas mundiais (CPB, 2024). Esses bons resultados, se devem aos treinamentos importantes que estão sendo realizados nos centros de treinamento e com ajuda dos CRPB's, para massificar o esporte paralímpico para todas as regiões brasileiras.

---

<sup>15</sup> Isso evidenciou através das entrevistas que essas foram as modalidades mais fáceis de serem organizadas nas respectivas localização, mesmo que uma piscina não seja algo barato, conseguiram apoio de Órgãos governamentais para realizarem as aulas em piscinas públicas.

<sup>16</sup> Também denominado de Futebol de PC e Futebol de 7.

Isso evidencia a importância do investimento em recursos destinados ao esporte paralímpico. Conforme apontado por Houlihan e Zeng (2013), países que alocam recursos em modalidades esportivas paralímpicas aumentam significativamente suas chances de sucesso. Essa prática é frequentemente utilizada como uma estratégia para maximizar o retorno do investimento no esporte de alto rendimento, comprovada pelos resultados expressivos em conquistas de medalhas nos Jogos Paralímpicos.

Quadro 6 - Perfis de deficiência encontrados nos centros do Centro-Oeste

Centro de Referência	Deficiência física	Deficiência intelectual	Deficiência visual
Campo Grande - MS	X	X	X
Cáceres - MT	X	X	
Goiás	X	X	X
Goiânia - GO	X	X	X
Distrito Federal	X	X	X

Fonte: Elaboração própria através dos dados das entrevistas.

Por isso, é vital

a manutenção em cada estado do país de um Centro de Referência Paralímpico e toda sua infraestrutura, suporte para capacitação de profissionais e fomento à pesquisa científica na área do esporte paralímpico auxiliam a ampliação e o desenvolvimento da iniciação esportiva paralímpica em todas as regiões do país, contribuindo para a manutenção do Brasil como uma das principais potências do esporte paralímpico mundial (Cardoso *et al.*, 2023, p. 19).

Demonstra-se assim a importância na propagação dos esportes paralímpicos em nível nacional, nesse sentido os coordenadores foram questionados sobre quais os perfis de deficiência mais presentes nos esportes que possuem. Com a leitura do quadro 6, vimos que as respostas foram citadas com unanimidade, sendo o perfil de deficiência mais presente o de deficiência física, seguido da deficiência intelectual e por último a deficiência visual. Porém, no centro de Cáceres (MT) o coordenador, foi o único que informou que não havia nenhum aluno com deficiência visual, então apresentou que

a gente não tem pessoas com deficiência visual, em Cáceres tem poucas pessoas, a gente tem mapeado nas escolas aqui 2 alunos, mas aqui o processo para até eles fazerem a matrícula e começar a participar das atividades do CRPB é um pouco

demorado, as vezes tem, muitos deles têm dificuldade de transporte e liberação médica, então esse processo às vezes acaba demorando um tempinho (A3).

Devido às questões burocráticas, algumas pessoas podem ser lesadas e não conseguem participar ativamente dos esportes, como dito pelo coordenador, até os processos para liberação médica às vezes atrasam o ingresso no mundo esportivo. Visto que, o esporte para pessoas com deficiência foi desenvolvido no século XX, para reabilitação física, psicológica e social, das pessoas que estiverem realizando a prática esportiva, em que estarão se adaptando e modificando as regras, materiais e locais para as atividades esportivas serem realizadas da melhor forma (Duarte; Werner, 1995). Por isso, podem ser utilizadas como meios para reabilitação geral das pessoas com deficiência e como meio de lazer, para momentos de satisfação pessoal.

Com as entrevistas, vemos que existe uma preferência do CPB para a idade dos alunos que eles buscam para obter aulas nos Centros de Referência, sendo as categorias de base, que vai dos 07 aos 17 anos. Cumprindo um dos objetivos do momento de implementação do projeto dos CRPB's, que era de estabelecer um Programa de iniciação esportiva paralímpica para adolescentes com idade entre 07 e 17 anos, com deficiência física, visual e intelectual, oriundos das escolas regulares e instituições especializadas dos municípios vizinhos ao Centro de Referência (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2019, p. 14).

Mesmo essa sendo uma das preferências no momento das matrículas e captação dos alunos, os coordenadores no geral informaram que não negam o acesso de nenhuma pessoa que possua laudo de deficiência de ingressarem em alguma modalidade paralímpica (A2, A3, A4, A5, A6). Por isso, aceitam pessoas de todas as idades, sendo maiores do que 6 anos e no DF, a coordenadora informou que tem outro campo de estimulação para crianças menores de 6 anos.

Já sobre as questões de elegibilidade para os esportes paralímpicos, os Centros aceitam todas as pessoas que possuam laudo e por isso possuem pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), surdos e pessoas com síndrome de Down<sup>17</sup>, mesmo que elas não necessariamente irão competir em algumas modalidades esportivas. Apenas pessoas surdas que não participam desta seleção, tendo em vista que possuem uma competição própria, como citado no capítulo anterior, as surdolimpíadas, que são as modalidades específicas para essas pessoas (Santana Jr *et al.*, 2023).

---

<sup>17</sup> A Síndrome de Down por ser uma deficiência intelectual então é prioridade do CPB, inclusive está como possibilidade de entrar com uma categoria exclusiva para Down nas paralimpíadas, visto que eles possuem uma desvantagem em competições para com outras deficiências, devido a hipotonia muscular (Dalla Déa *et al.*, 2021).

Em relação às pessoas que não são elegíveis para o esporte, foi informado pela coordenadora A4, do centro de Goiás que

aqui a gente trabalha com a deficiência intelectual, que engloba síndrome de down, autismo, principalmente o nível 1 [...]. Então tem o público que a gente atende que é o autista né, é um dos maiores grupos nosso, mais do que down e o intelectual que a gente fala que é o intelectual 100%. Que a gente faz o Cid, faz os testes e que ela dá o teste de QI em 75 ali, a gente atende essa galerinha também (A4).

Logo em seguida, ela também informou que possui dois atletas com surdez e que eles estão participando de uma modalidade de lazer sendo que

[...] temos outra modalidade, só que é um modalidade mais para interagir, a galera é mais lazer, que é o futebol, que temos o futebol de PC, que esqueci de informar e temos o futebol que é multi classes, nesse futebol multi classes a gente atende dois surdos. [...] Mas as limitações estão no professor não saber libras e a comunicação com esses atletas, com esses alunos, são um pouquinho de ter uma dificuldade maior, então fechamos até uma parceria com o pessoal, pra gente estar tendo um curso de libras aqui para os professores (A4).

Compreende-se que o primeiro passo para ensinar uma pessoa com surdez é saber se comunicar com ela. Essa medida visa não realizar uma exclusão devido às formas de comunicação, nesse sentido, observamos que os Centros deveriam organizar parcerias para capacitar os profissionais ou ter pessoas responsáveis para auxiliar nessa comunicação, tal como fez o Centro de Goiás. Para os professores conseguirem se comunicar minimamente com as pessoas que possuem surdez e falam em libras, para que o próprio professor saiba ou que possua um intérprete para ajudar nessa comunicação.

Ao decorrer das entrevistas, com os cinco coordenadores, houve um ponto que chamou atenção em relação a organização deles com a divisão das turmas, visto que em sua maioria, eles realizam a divisão em turmas de iniciação esportiva, transição e alto rendimento. Para explicar um pouco dessa questão, o coordenador do Centro de Cáceres informou que

o projeto está implementando já tem uns dois anos e meio, agora uma turma de badminton começa a já estar em um nível que precisa de um momento específico de início de aprofundamento e aperfeiçoamento na modalidade, então por enquanto é a única modalidade que tem uma turma específica pensando no alto rendimento já. [...] No atletismo e na natação ainda não, grande parte dos nossos alunos que estão indo para competições agora, por exemplo para parolimpiadas escolares, eles têm aí um ano e meio no máximo de prática esportiva, então ainda não está nesse momento de especializar muito. Então a gente não precisa ainda fazer essa separação deles por turma específica (A3).

A demanda por um treinamento mais específico também vem dos alunos, a depender do desempenho que eles estejam exercendo na atualidade. O desenvolvimento dos alunos é o critério para realizar a troca de turma. Como dito pelo coordenador A3, apenas o parabadminton foi necessário que o Centro providenciasse turmas visando o alto rendimento esportivo da modalidade, para haver a revelação de novos talentos esportivos (Cardoso *et al.*, 2022).

## 5.2. AS CONDIÇÕES PARA O ENSINO DOS ESPORTES PARALÍMPICOS

Uma tratativa que convém relacionar é sobre a utilização de locais adequados para a prática dos esportes paralímpicos, tais como sua estrutura e os materiais que serão utilizados para a prática. Quando os coordenadores foram questionados sobre essa questão, foi necessário pautar sobre cada um dos locais onde são realizadas as aulas, visto que algumas modalidades são prejudicadas por não haver local adequado para a prática e precisarem realizar várias adaptações, como a coordenadora do Centro de Goiânia informou

Então, justamente pelo centro de referência do município ser descentralizado, né? A gente não tem uma estrutura esportiva no qual eles vão e lá são todas as modalidades. Nós buscamos parcerias com entidades, né? [...] Por exemplo, se a gente for levar em consideração o goalball, o goalball é uma a modalidade que se for ali para o ginásio, a gente divide um lado com o futebol, um lado com para o badminton, por exemplo, o futebol de cegos, não consegue praticar! Justamente pela característica de silêncio, né? Precisa ter silêncio, porque se não consegue ouvir o barulho do guizo na bola. Então o goalball, ele acontece em uma estrutura que a gente tem uma parceria lá no CCEG, que é o sindicato dos empregados do comércio que fica no setor Vila Nova, lá é um uma Quadra pequena e o horário de aula é só eles que estão lá. Então, o horário de treinamento da professora de Jenny é só lá. E aí lá tem toda a acessibilidade [...] (A5).

As problemáticas relacionadas à estrutura são muito vigentes nos esportes paralímpicos, visto que em Goiânia, não são apenas os esportes para pessoas com deficiência visual que possuem problemas. A natação paralímpica que é desenvolvida em parceria com a Universidade Federal de Goiás também tem algumas questões, pois ela não é inclusiva, conforme informou a coordenadora

A natação é um ponto problemático, no sentido de descer para a piscina, né? Algo que a professora sempre reclama bastante pelo fato de não ter, né? Eu não lembro o nome, mas é uma plataforma, na verdade, para acesso da pessoa com deficiência física, né? O usuário ali de cadeira de rodas não existe. Então tem que juntar ela e mais 2 estagiários, dependendo do perfil do aluno, 3 pessoas para poder descer essa pessoa da cadeira, colocar na piscina e depois para sair a mesma coisa precisa de auxílio, um professor sozinho, dependendo do perfil do aluno ela não consegue descer sozinho,

não consegue dar aula. Então, a piscina, o acesso para piscina, hoje um problemático referente à acessibilidade e as demais modalidades, não, não há esses problemas (A5).

Dito isso, vemos que os professores precisam realizar funções que não seriam necessárias caso houvesse uma rampa ou elevador de fácil acesso para cadeirantes na piscina, mas, apesar desse cenário desafiador, a natação é o esporte mais inclusivo que existe, abrangendo todas as deficiências (Dalla Déa, 2013). Para que a natação se torne uma atividade acessível a toda a população brasileira, é fundamental investir na melhoria dos recursos humanos, das instalações, dos materiais e equipamentos. A precariedade desses fatores não apenas dificulta, mas frequentemente impede o acesso a esse esporte (Cordeiro, 2010; Bredariol, 2012).

A natação por não ser realizada em ambiente terrestre, como os outros esportes, dá mais possibilidades de movimento para as pessoas com deficiência no meio aquático. Porém, possui seus pontos contraditórios, onde devem passar por rampas ou escadas para adentrar na água, como o exemplo citado pela coordenadora A5, os professores que devem colocar o aluno dentro da água, exercendo por algumas vezes ações que podem causar algum tipo de constrangimento para essas pessoas.

Quando foi realizado esse questionamento para o coordenador de Cáceres, ele informou que

O ginásio que a gente utiliza, ele é adequado, ele dá conta da gente realizar as atividades. A piscina não tem tantas adaptações assim, então eu penso em rampa de acesso para o chuveiro ali, eu não tenho essa estrutura! Mas, nada impede da gente realizar as atividades, a gente consegue desenvolver tranquilo, a gente está com a reforma aqui da pista da universidade, então a pista está sendo reformada, daí totalmente acessível, então do ponto de vista de estrutura física não temos muito do que reclamar, a gente consegue atender bem, banheiro e tudo isso é tranquilo. Só a piscina que é um pouco mais limitada, principalmente o chuveiro ali do entorno da piscina, de material quando o centro foi implementado aqui, o espaço em que o centro está inserido, que é o centro interdisciplinar de pesquisa em esporte e exercício físico, já tinha uma estrutura muito boa de material, então desde o começo a gente não teve problema com acesso a material e o aporte que o CPB faz todo ano para aquisição de materiais, de acordo com as demandas do CRPB, tem dado conta de atender toda nossa demanda de materiais sem problema nenhum (A3).

Com a fala do coordenador, podemos perceber que a acessibilidade da piscina também é dificultosa em seu Centro, mas isso não impede que eles realizem suas aulas de natação, também elogiou como o CPB faz o aporte para custear os materiais que forem necessários para os esportes serem realizados no Centro de Cáceres. Evidenciando, assim, que o esporte paralímpico no Brasil tem evoluído continuamente nos últimos anos. O sucesso esportivo dos atletas paralímpicos reflete a gestão eficiente do Comitê Paralímpico Brasileiro, que, em

parceria com diversos colaboradores, promove o desenvolvimento de projetos e programas disseminados por todo o país (Silva; Mello, 2021; Silva *et al.*, 2023).

Outro aspecto referente às condições para o ensino dos esportes paralímpicos reflete em como é o transporte dos participantes até o local que é desenvolvido as práticas esportivas. No resumo geral, eles informaram que as pessoas vão com condução própria ou por meio de transporte público (Metrô ou ônibus). Mas, houve dois coordenadores que trouxeram informações de transportes que conseguiram em parceria com as secretarias de educação e/ou de esporte e lazer.

Primeiramente falando da coordenadora do estado de Goiás, ela informou que

Hoje a gente tem uma parceria com a prefeitura de Senador Canedo, que eles trazem a galerinha em um transporte da prefeitura, a gente fez uma parceria com eles, eles trabalham no paradesporto lá de iniciação e manda a galera de alto rendimento pra cá. Então eles vêm tudo no transporte com o alto rendimento, as outras eles acabam vindo de transporte público mesmo, mas todo o transporte público para na porta, que é aqui na Paranaíba mesmo, então a localização é mais fácil de estar recebendo essa galerinha justamente por isso, nós temos os dois, transporte público e algumas cidades com parcerias (A4).

Sendo que o município de Senador Canedo está dentro da região metropolitana de Goiânia, assim possuindo parceria com a prefeitura local, eles trazem os seus atletas para obterem treinamento em Goiânia e o pessoal da iniciação esportiva tem aulas em Senador Canedo. Em um projeto da prefeitura local, que no momento da entrevista a coordenadora não soube informar o nome do projeto, mas que ele é desenvolvido com ajuda da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SEMEL), que no futuro podem ser convidados a integrar o projeto dos CRPB's, criando assim mais um Centro no estado de Goiás.

Já o coordenador de Cáceres no Mato Grosso, acabou apresentando que também possuíam parceria com um órgão que disponibilizou transporte para os atletas, quando foi questionado sobre essa questão, ele informou que

isso foi uma barreira que a gente encontrou aqui bem grande, logo no início do projeto, muitas pessoas não tinham a condição de vir justamente por não ter o transporte, então Cáceres é uma cidade que não tem transporte público, é uma cidade que tem 90 mil habitantes e a cidade não tem transporte público e o nível socioeconômico geral da cidade é muito baixo, então o principal meio de transporte aqui é bicicleta e moto. Então você pensa em uma pessoa na cadeira de rodas, então muitas vezes não tem condição, então a gente fechou uma parceria com a secretaria de educação do município e a gente tem o acesso ao transporte escolar no período que esse transporte fica ocioso, então a gente utiliza isso! O transporte passa na casa dos alunos, pega eles, traz pro projeto, depois leva de volta pra casa, a gente começou a ter esse transporte 2 vezes por semana, no período da manhã e da tarde, agora eles nos atendem 4 vezes por semana, no período da manhã e da tarde (A3).

Por vermos que esse município é do interior do Mato Grosso, ele não possui transporte público e acabou prejudicando bastante o acesso dos atletas a desenvolverem as práticas esportivas no Centro de Referência, por isso, quando conseguiram o transporte novos alunos puderam ser inseridos nos esportes paralímpicos. Assim, a importância de conseguirem o transporte para as pessoas é que os CRPB's têm um propósito íntegro, possuem oportunidades de realização e implantação de acordo com as realidades em que estiverem inseridos Brasil afora, e visualizam promover a igualdade de oportunidades àqueles que estão envolvidos com o Movimento Paralímpico (Caruzzo *et al.*, 2023, p. 95).

### 5.3. A CAPTAÇÃO DOS ALUNOS

A formas para haver a captação de atletas pode se dar de inúmeras formas, visto que o CPB realiza propagandas gerais em redes sociais e mídias televisivas, quando estão mostrando competições paralímpicas. Pode-se lembrar dessas formas quando estamos na época dos Jogos Paralímpicos, em que os atletas dão entrevistas e falam sobre os CRPB's e do centro de treinamento paralímpico, localizado em São Paulo, que na atualidade é o maior espaço de treinamento para as pessoas com deficiência, possuindo suporte para todas as modalidades vigentes nos jogos de verão (Barboza; Souza, 2023).

Na atualidade, o projeto está ultrapassando suas metas pré-estabelecidas no ano de 2021, como apresentado no capítulo passado, em que houve uma reformulação dos objetivos, pois estavam ultrapassando bastante suas metas e tornou-se necessário reformulá-las. Assim, vê-se que a captação dos alunos está sendo efetiva para o que tinha por objetivo, mesmo que muitos dos coordenadores entrevistados informaram que uma de suas maiores dificuldades estava em levar a informação até as pessoas com deficiência, para que elas saibam que esse projeto existe e que podem estar praticando algum esporte paralímpico. Um dos objetivos do projeto é trazer a experimentação das variadas modalidades esportivas para os alunos a depender da deficiência, eles são livres para decidir qual gostam mais e querem praticar ou se especializar (CPB, 2019).

Dito isso, uma das maiores formas de captação de novos alunos promovidas pelo CPB está no festival paralímpico brasileiro, que é realizado duas vezes ao ano, com o objetivo de trazer vários alunos da rede escolar com e sem deficiência para conhecerem as modalidades paralímpicas. Possuindo como finalidade: a divulgação do projeto; analisar o comportamento dos alunos do projeto; captar alunos; ensinar e aprender a competir (CPB, 2019, p. 21).

Os coordenadores informaram que existem outras formas que utilizam para captar novos alunos. A coordenadora do Distrito Federal apresentou que

[...] a gente capta pelo site, né? E normalmente temos muitos locais que indicam aqui também, o centro de referência paralímpico, mas a maioria dos nossos pedidos são pelo site, então eles escrevem no site. No momento, por exemplo, o site será fechado, que a gente estava finalizando já novembro. Então a gente não vai ter novos atendimentos, só vai finalizar com os que já tem, então em fevereiro, por exemplo, a gente abre o site novamente para fazer as novas avaliações, atingindo a meta de avaliações daquele mês, a gente fecha né, as solicitações dos sites. E aí todo mês a gente faz esse processo, de abrir e fechar. A solicitação no site tem a demanda, a gente atende aquela demanda, fecha o site e espera para o próximo mês até completarem as vagas. Aí completou a vaga em determinada modalidade ou deficiência, aí a gente não tem mais aquele atendimento de avaliação para aquele futuro beneficiário, vamos dizer assim (A6).

A coordenadora salienta que as associações das pessoas com deficiência, possuem uma importância crescente em informar essas pessoas sobre a existência do projeto, nesse caso, ela enfatiza a forma como ocorre em Brasília, para estarem participando de alguma das modalidades esportivas oferecidas pelo centro. Evidenciando, a necessidade de outras instituições ajudarem na divulgação dos esportes paralímpicos, tanto para as pessoas com deficiência, como para a sociedade no geral compreender a importância deles (Hilgemberg, 2019b).

Ainda tratando dessa temática, em entrevista com a coordenadora do Centro de Referência de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, ela apresentou que

a gente tenta pelo instagram fazer uma divulgação, aqui o nosso centro é conveniado com a secretaria do estado, com a fundação de esporte. Então a fundação de esporte também publica algumas coisas sobre o centro de referência, parte de mídias sociais para tentar alcançar mais pessoas e a gente vai nas escolas né, principalmente quando tem os festivais paralímpicos, a gente vai maciçamente nas escolas da região e daí já divulga o centro de referência e no festival paralímpico. A gente fala e entrega um folderzinho, para divulgar o centro de referência. Mas é isso, é uma busca propriamente nas escolas e também vou em algumas instituições, falar sobre o centro de referência, principalmente instituições que tenham pessoas com deficiência (A2).

Percebemos assim, que nesse estado em questão, a gestão do CRPB tenta algumas formas diversas de captação de novos alunos, tais como: os festivais paralímpicos, mídias sociais, visitas em escolas, entre outras. Mas, na fala da coordenadora, podemos compreender o cerne da questão que é a divulgação do esporte paralímpico para as pessoas no geral, evidenciado que chegue até as pessoas com deficiência, nas variadas formas de divulgação, até mesmo pela secretaria do estado.

Consoante a isso, os outros estados que integram o Centro-Oeste, traçam o mesmo raciocínio para captar novos alunos, mas o Centro de Goiás, tem uma perspectiva um pouco diferente. Pois, a coordenadora afirmou que realizam visitas em outros municípios do estado, em sua maioria os interiores levando um curso de capacitação para os professores locais, que é um projeto chamado Jota Campos, que funciona da seguinte forma

o projeto Jota Campos não é nada mais do que uma capacitação de professores da rede, a cidade entra em contato com a gente, faz a solicitação e a gente leva um professor de modalidade, são sempre três modalidades, ou é bocha, atletismo e natação ou tênis de mesa, parabadminton e vôlei sentado, são essas modalidades que a gente mais leva, vai depender da característica do espaço que as cidades têm (A4).

O projeto sendo mais uma das formas de captação de alunos e talvez o desenvolvimento de novos Centros, na região do interior de Goiás, visto que possui demanda, pois se a própria cidade que solicita esse curso, vemos que possui uma necessidade crescente de criação de recursos humanos. A esse respeito, a coordenadora voltou a afirmar que *fizemos já em 7 cidades realizadas esse ano, é Silvânia, Montes Belos, Caldas Novas, entre outras que não me lembro de cor, a gente vai fazendo esse trabalho de formiguinha para estar captando crianças, né (A4)!*

As estratégias de captação de alunos são fundamentais para o desenvolvimento e aprimoramento dos centros de referência. É importante ressaltar que os alunos atendidos por este projeto têm a oportunidade de participar de atividades adaptadas às suas limitações, podendo optar por seguir a trajetória de atleta paralímpico ou não. O CPB adota como princípio respeitar o momento de cada aluno, sua maturidade e vontade, priorizando a oferta de uma prática esportiva de qualidade, o objetivo principal é usar o esporte como uma ferramenta poderosa de desenvolvimento pessoal e profissional (Cardoso, 2023).

Por isso, a inclusão da proposta do Centro de Referência em um plano de governo municipal ou estadual é um passo crucial para transformar ações e políticas públicas em realidade. O objetivo vai além da formação de atletas: é sobre cidadania, inclusão e o direito de todos a uma atenção integral. Quando pessoas comprometidas se unem em torno dessa causa, os resultados aparecem, fortalecendo a comunidade e mostrando que o esporte é uma ferramenta poderosa de transformação social (Ávila; Benini; Bittar, 2023).

#### 5.4. A RELAÇÃO ENTRE AS COMPETIÇÕES E O RELACIONAMENTO FAMILIAR

Um dos pilares que traz uma importância crescente na vida dos praticantes de alguma modalidade paralímpica, está no relacionamento familiar que possuem em suas respectivas casas e como isso se relaciona às competições nas quais estão participando. Pois,

geralmente a história dos atletas olímpicos começa no berço, isto é, os pais incentivam seus filhos à prática esportiva, descobrindo suas aptidões. Diferente deste quadro evolutivo, muitos atletas paralímpicos foram descobertos por professores de Educação Física, em suas aulas regulares e/ou em uma ou outra abordagem de atendimento esportivo (Barboza; Souza, 2023, p. 113).

Assim, buscamos compreender com os coordenadores como se dá o desenvolvimento das aulas dos esportes paralímpicos, onde organizam elas tendo como foco principal o atleta que está na prática esportiva para descobrir sua própria aptidão no esporte. Por isso, o CRPB tem como um dos seus objetivos proporcionar para o aluno com deficiência, a oportunidade de experimentar as mais variadas modalidades esportivas que estejam associadas à sua deficiência em questão, em que o professor saiba conduzir da melhor forma possível seu atendimento esportivo (CPB, 2019).

Em entrevista com o coordenador do Centro de Cáceres, Mato Grosso, lhe foi questionado se a família participava das aulas dos alunos e se iria juntos para as competições, assim ele informou que

Não, não vão! Na verdade, não deixa nem pai ficar na arquibancada assistindo aula, porque atrapalha, a ideia é justamente desenvolver a autonomia dessas pessoas, então para as modalidades que a gente desenvolve agora não faz sentido o acompanhamento dos pais. Então, se for pensar na bocha, por exemplo, talvez faça sentido, mas não temos nenhum aluno de bocha, por exemplo BC3 que foi para alguma competição, acho que nesses casos específicos não tem problema, mas para as modalidades que não é necessário, os pais não acompanham os atletas (A3).

Nesse Centro, foi possível observar uma participação mais discreta das famílias no acompanhamento do desenvolvimento esportivo de seus filhos. Mesmo localizado no interior do Mato Grosso, nem sempre ocorre a presença dos pais nas competições organizadas. Contudo, essa situação pode estar relacionada, em grande parte, a fatores externos, especialmente às questões financeiras e logísticas, que limitam a possibilidade de deslocamento até os locais das competições. Essa percepção foi reforçada com a outra fala desse coordenador

a gente tem alguma verba interna que basicamente é capaz de custear algumas diárias, então muitos alunos não tem condição de pagar alimentação, [...] e a secretaria de estado de esporte, lazer e cultura tem dado um suporte, na aquisição das passagens

aéreas, que é o maior custo pra gente se deslocar, porque praticamente tudo acontece em São Paulo, mas a gente não tem encontrado dificuldades. Por exemplo, esse ano a gente vai participar de todas as etapas do campeonato brasileiro de parabadminton, a gente foi pra Curitiba, foi pra São Paulo esse mês e está indo para São Paulo agora no final do mês de novo, para participar das competições. Então a gente tem conseguido! Internamente a gente não tem tanta verba ainda para aquisição de passagens, mas a gente tem conseguido uma relação com outras entidades do estado que tem viabilizado essa participação (A3).

A importância na participação do Estado no desenvolvimento das modalidades paralímpicas, envolvidas no CRPB é importante para que eles tenham acesso a verba que possibilite a sua ida às competições nacionais, a fim de conseguirem algum índice para competições internacionais. Nota-se o crescimento da comercialização e aumento do financiamento destinado ao esporte paralímpico, o que acaba sendo uma possibilidade de ascensão e reconhecimento social para o sujeito com deficiência (Marques *et al.*, 2013, p. 583).

Por isso, os meios para o financiamento do esporte paralímpico em território nacional e posterior ascensão para o internacional faz-se importante para a divulgação do movimento paralímpico, a fim de propagar para a população em geral o esporte das pessoas com deficiência. No cenário nacional, a recente conformação do esporte adaptado e paralímpico está relacionada a uma maior organização em âmbito institucional, e também aos incentivos financeiros obtidos pelas entidades, por meio de programas vinculados ao governo federal (Begossi; Mazo, 2016, p. 2990).

A importância da participação do estado e do governo está exatamente nesse financiamento que os CRPB's necessitam, no entanto todos os cinco coordenadores entrevistados afirmaram não possuírem ajuda de políticos ou empresas privadas. Com isso, três dos coordenadores informaram que dependem apenas de emendas parlamentares que são enviadas para associações de pessoas com deficiência e eles revertem para os Centros de Referência, a fim de promoverem mais o esporte paralímpico (A3, A5, A6).

Foi informado nas entrevistas que em todos os Centros do Centro-Oeste brasileiro, eles possuem parcerias com as secretarias de esporte e/ou de educação, com a finalidade de possuírem uma maior disseminação do esporte paralímpico na sua respectiva localidade. Como apresentado pela coordenadora do Mato Grosso do Sul: *a gente faz um planejamento e tal, envia das modalidades e a maioria das passagens, a Fundesporte acaba oferecendo para que possam ir para as competições, essa parceria [...]. Então é a Fundesporte que aqui chama fundação, não é secretaria* (A2).

Dessa forma, a fundação do esporte do Mato Grosso do Sul, faz a mesma função que a secretaria, realizando a divulgação do esporte e financiando os atletas para que participem de competições nacionais, a fim de futuramente enquadrarem-se nas internacionais e obterem pontos para alguma bolsa atleta. Como foi informado pela coordenadora do Distrito Federal

a gente verifica a prioridade daquela competição, então já ocorreu da CDF ter que financiar a passagem, porque é uma passagem muito importante para o atleta que oferecia né, que principalmente esse ano foi vagas para as parolimpíadas, o comitê oferecia vagas, oportunidade de vaga nas Parolimpíadas e também, principalmente se a questão da bolsa atleta, que é uma das nossas prioridades, né? Então se aquele evento, ele vale pontuação ou classificação para uma bolsa atleta (A6).

Percebemos a importância que os coordenadores possuem em obter financiamento para as competições, mas antes disso, devemos pensar também no dia a dia do atleta e as formas que ele usará para se manter no cotidiano, que, no geral, não conseguem conciliar alguma atividade laboral com o esporte. Por isso, em sua maioria necessitam receber alguma bolsa atleta, que pode ser considerado um auxílio para eles se manterem praticando um esporte de alto rendimento e assim conseguirem obter tudo que precisam para o esporte.

Após essa questão, os coordenadores foram questionados, sobre as dificuldades relacionadas à acessibilidade em eventos e competições e como o Comitê lida com isso para garantir a participação dos atletas. Assim, nos debruçamos sobre algumas questões importantes e correlatas da acessibilidade nos espaços de realização das competições paralímpicas, como a coordenadora do Centro de Goiânia informou

quando acontecem dentro do comitê é Acessibilidade total, né? Problema zero em relação a isso, mas quando ela acontece em alguns locais específicos, a gente esbarra em alguns problemas, como, por exemplo, os últimos jogos Paralímpicos do estado de Goiás, que foi ali no centro de excelência, né? As estruturas do ginásio. Fica ali no quarto andar, né? Não é sempre que o elevador funciona, né? Mas é quando não funciona, eu sempre trabalhei lá, né? Sobe ali até o terceiro andar, sobe um lance de escada segurando, um leva a cadeira. O outro segura o aluno no braço mesmo, sobe e um outro problema que a gente tem em relação ao banheiro. É banheiro, às vezes a gente vai fazer no local que não tem banheiro muito adaptado (A5).

Percebe-se que nos momentos que acontecem competições no próprio Comitê, eles possuem uma acessibilidade total para proporcionar inclusão para os atletas paralímpicos. O Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro (CTPB) possui total amparo para um bom atendimento para essas pessoas. Mas, nem todos os eventos estaduais que acontecem possuem essa mesma acessibilidade. Como citado pela coordenadora ao informar sobre a dificuldade para levar os alunos para o andar que aconteciam as competições, ocasião em que

foi necessário carregar os alguns participantes no colo, gerando situação de desconforto e constrangimento para todos os envolvidos.

Devido a circunstâncias como essa, a existência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) é de extrema importância, sendo responsável por reger o esporte para pessoas com deficiência no Brasil, participando na representação e liderança do movimento paralímpico no país. Além disso, o CPB desempenha um papel fundamental na busca de iniciativas que incentivem a formação e o desenvolvimento de atletas de alto rendimento, gerando acessibilidade para eles na maioria dos eventos e competições paralímpicas (Cardoso *et al.*, 2022).

Essa organização existe para proporcionar a inclusão no esporte concebido como a garantia de acesso igualitário ao envolvimento esportivo para todos, independentemente de habilidades, deficiências ou condições de saúde mental e social (Catunda *et al.*, 2023, p. 11). Evidenciando, a importância na relação dos atletas paralímpicos com a acessibilidade que possuem nas atividades executadas, como: durante o período das aulas, eventos e competições que estejam participando, promovendo um melhor processo de inclusão esportiva para os atletas.

Para a coordenadora do Centro do Mato Grosso do Sul, quando questionada sobre essa questão, ela informou que

geralmente quando tem alguma competição aqui por exemplo, dos centros de referência, agora os meetings, locais são escolhidos antes, mas a gente teve problema por exemplo, com tiro esportivo, a gente teve um meeting esse ano, a gente não encontrou um stand que fosse acessível e a gente conseguiu um local por fim que não era um stand que a gente adaptou e tal, teve essa dificuldade. A gente tem essa dificuldade do tiro esportivo aqui, agora o restante: atletismo, natação, geralmente a gente consegue espaços que geralmente desenvolvem as competições e que já são adaptados (A2).

Partindo dessa fala, apenas em um dos esportes desenvolvido no projeto há dificuldades reais para ser realizado no estado. Segundo a coordenadora, o tiro esportivo precisa de estandes acessíveis, que ainda não existem no local, o que ocasionou transtornos e necessidade de adaptar um outro local para que a atividade esportiva fosse realizada.

A situação relatada pela coordenadora apresentou outra problemática. Durante sua fala, foi afirmado que não realizavam aulas de tiro esportivo, apenas tiro com arco, então antes dessa competição ser organizada, possivelmente não havia sido pensado na adaptação de um local para execução dessa atividade, que até aquele momento não era promovida pelo Centro.

A falta de experiência de um evento com esse esporte aliado a lacunas no planejamento da estrutura necessária para a prática do tiro esportivo foi responsável pelos transtornos ocorridos. Enquanto essas questões não são solucionadas, o Centro continua se dedicando aos esportes: atletismo e natação.

Portanto, a relação entre família, Estado e acessibilidade mostra-se fundamental para o fortalecimento do movimento paralímpico. A família oferece suporte emocional e motivacional, enquanto o Estado garante políticas públicas, financiamento e estrutura para a participação em competições. Já a acessibilidade constitui condição indispensável para que os atletas tenham oportunidades reais de envolvimento esportivo. Quando esses elementos se articulam, criam um ambiente que favorece tanto o desenvolvimento esportivo quanto a inclusão social, consolidando o movimento paralímpico como espaço de reconhecimento e projeção dos atletas.

#### 5.5. OS ASPECTOS SOCIAIS E PESSOAIS DOS ATLETAS

Tratando dos aspectos sociais e pessoais dos atletas, possuímos variadas temáticas que serão apresentadas e discutidas que possuem ênfase em apresentar como são essas questões nos Centros de Referência do Centro-Oeste brasileiro. Sendo elas: a alimentação dos atletas; a ocorrência de lesões esportivas; suporte psicológico; o acesso ao esporte paralímpico; a inclusão social dos atletas fora do ambiente esportivo.

Para iniciar o tratamento desses dados, será realizada uma análise sobre a alimentação dos atletas e o controle que os coordenadores e professores possuem a respeito dessas informações. Trata-se de um dos objetivos do projeto CRPB disponibilizar um nutricionista para atuar em conjunto com os alunos e atletas, lhes apresentando uma alimentação balanceada para poderem realizar a prática esportiva com ênfase para o alto rendimento (CPB, 2022b).

Assim, quando foi apresentado pela coordenadora do Centro de Referência de Goiás, ela informou que

Hoje, a gente está com um voluntário da nutrição, só que esse voluntário está atendendo mais a galerinha pro alto rendimento, transição que é a galerinha de 12 anos para transição ao alto rendimento e a galerinha de alto rendimento, eles estão atendendo essa galera. [...] A gente faz palestras com as famílias geral, que a gente convida que é o mesmo grupo da galera da acolhida da psicologia, a gente faz com nutricionista também e a gente tenta informar e instruir da melhor forma possível, então isso se tivesse me perguntado semestre que vem ou semestre passado, eu falaria que sim, mas esse semestre já vimos uma melhoria em relação a essas tratativas (A4).

Mesmo que essa nutricionista do Centro de Goiás não atenda todos os alunos do Centro, ela atua ajudando o pessoal que está na fase de transição e do alto rendimento atualmente, e num futuro, ela pode ampliar seu atendimento para todos os atletas que participam no Centro. Atualmente, também devido ao fato do trabalho executado pela nutricionista ser voluntário, não possui tanto tempo para atender todos os alunos, visto que possuem 230 alunos nas diversas modalidades paralímpicas no CRPB de Goiás e seria difícil para atender todos, sem ser contratada. Essa é uma lacuna que este Centro apresenta no momento, por isso que fazem palestras com todos os alunos em conjunto com suas famílias.

Por esse motivo, é enfatizado na maioria dos Centros de Referência, que possuem alguma acessibilidade para as pessoas com deficiência obterem acesso facilitado para melhorarem os aspectos nutricionais dos atletas (Cardoso *et al.*, 2023; Avila; Benini; Bittar, 2023; Caruzzo *et al.*, 2023). Nesse sentido, como informado pela coordenadora do Distrito Federal

A gente tem aqui a nossa equipe de assistência social e a gente recebe esse feedback dos professores, então se o professor percebeu que aquele aluno, aquele beneficiário, está com algum déficit, seja na sua alimentação, uma parte financeira, qualquer carência, ele é encaminhado para nossa equipe de assistência social, sabe? A gente tem duas assistentes sociais. E elas fazem o acolhimento e estudo de caso, aí a gente oferece cesta básica, né? [...] A gente faz esse encaminhamento, então a gente tenta dar um suporte nessa área da parte social. Como a gente é uma instituição antes do Centro de Referência, a gente é uma instituição social, então a gente tem o foco desse atendimento social dos nossos beneficiários (A6).

Vemos que a equipe multiprofissional do Centro do Distrito Federal tem como ênfase oferecer além do atendimento nutricional, com nutricionistas, também possuem a equipe de assistência social para prover aos alunos que têm problemas financeiros, algum benefício que os possibilite continuarem praticando a modalidade esportiva escolhida. Desse modo, o projeto do Centro de Referência Paralímpico, atua como uma política pública que não enfatiza apenas o aluno no momento das aulas, mas em sua vida geral como uma pessoa com todos seus direitos sendo contemplados (CPB, 2019).

Outro ponto discutido a respeito dos aspectos sociais e pessoais dos atletas, tratou sobre a ocorrência de lesões nos alunos do projeto. A partir das entrevistas, percebemos que nos Centros estudados, a ocorrência de lesões não é algo muito evidente, tal como informado pela coordenadora do Centro de Referência do Mato Grosso do Sul: *ahh no judô, acontece muito, já aconteceu de romper ligamento no joelho, lesionar clavícula. No judô principalmente acho que é o que tem mais lesões, pois tem contato direto né e tal* (A2).

Percebe-se que nesse Centro, o esporte que mais causa lesões é o Judô, por ser um esporte que exige mais contato direto entre os participantes. No entanto, não foi informado a quantidade ou a frequência em que acontecem essas lesões em nenhum dos Centros, com isso percebemos que esse não são um dos critérios envolvidos nos relatórios que são enviados para o CPB, mesmo sendo esse um dos agravantes que impede a continuidade de muitos atletas.

Com isso, devemos destacar a importância do trabalho multiprofissional no projeto, obtendo assim o auxílio de profissionais da fisioterapia e preparadores físicos, para a prevenção e o tratamento de lesões, a fim de priorizar uma melhor continuidade no esporte com uma boa saúde osteoarticular e músculo-esquelética (Simim; Rosário; Catunda, 2023; Ponce, 2023). Pois, essas lesões em decorrência de treinamento podem acarretar ao término da carreira de algum atleta, evidenciando que o CPB deve possuir uma prioridade maior com essas questões para evitar o acometimento nos atletas, como informado pela coordenadora do Centro de Referência de Goiás

A gente tem fisioterapeuta também, semestre passado a gente percebeu que justamente essa galerinha de transição começou na natação, [...] apresentou muita queixa de dor, a gente começou a avaliar que precisava de um preparo físico antes, então a gente mudou toda a estrutura aqui. A gente faz um preparo físico, a gente faz um fortalecimento e já tem um preparador físico agora também e agora estamos sendo acompanhados por um fisioterapeuta, justamente para poder estar resguardando esses tipos de lesões, então eles são monitorados, essa galerinha de transição e alto rendimento são monitorados, agora a galerinha de iniciação a gente faz um trabalho 30 minutos antes de cada modalidade, trabalho de preparo físico, junto com a fisioterapeuta que ela conversa com os professores, indica os exercícios mais adequados para cada modalidade e assim a gente aplica no dia a dia desses atletas, mas é mais com essa galerinha de iniciação, faixa etária de 7 a 12 anos, restante a gente já tem esse acompanhando mais direto com a fisioterapeuta (A4).

Percebemos uma grande evolução no Centro de Goiás em comparação com o do Mato Grosso do Sul, que ainda não possui fisioterapeutas para estarem atuando ativamente com os professores das modalidades, com intuito de diminuir esse acontecimento das lesões. Mesmo que esteja previsto no momento da criação do projeto, nem todos os Centros no momento estão contemplando uma equipe multiprofissional para atuar diretamente com o esporte paralímpico, em Goiás também possuem uma psicóloga que está atuando em conjunto com o Centro, mesmo que ela seja contratada pela secretaria, ela está dando suporte psicológico aos atletas.

Como foi informado pela coordenadora do Centro de MS, ela informou que *nós estamos em busca na universidade dessa parceria com o psicólogo mesmo, mas não temos nenhum psicólogo, nem fisioterapeuta, nenhuma parceria ainda* (A2). Outro ponto que ela

informou ainda estar em déficit no Centro, mas que estão em busca desses profissionais, a fim de dar um suporte melhor aos seus atletas e alunos que estejam buscando uma prática esportiva.

Com a evolução do esporte, a importância que havia de os atletas serem vistos como pessoas, foi sendo deixada de lado e a sociedade passou a se importar apenas com o resultado que esses atletas podem alcançar e seguindo o mesmo ritmo, até mesmo para conseguir manter-se atrativo para a mídia no geral. A psicologia do esporte tem a sua importância para auxiliar o atleta com o impacto que a sociedade pode acabar lhe gerando psicologicamente (Andrade; Brandt, 2008).

Os outros Centros, também informaram não terem um profissional da psicologia atuando em conjunto com eles, mesmo que o Centro de Goiânia tenha uma parceria com uma profissional em uma das associações para pessoas com deficiência, ela não é exclusiva do projeto. E no Centro do DF, a coordenadora informou que *a gente aqui oferece a orientação psicológica, não é uma psicologia do esporte, né? Porque ela não é especialista em psicologia do esporte. Então a gente oferece serviços de orientação* (A6). Por isso, ela atua mais nos projetos sociais que estão correlacionados às pessoas com deficiência e não apenas no projeto do CRPB.

Uma outra questão que foi debatida com os coordenadores, trata-se do acesso ao esporte paralímpico, enfatizando suas dificuldades e a visibilidade, pois nem todas as pessoas que hoje estão inseridas no esporte sabiam anteriormente da sua existência. Como foi informado pela coordenadora do Centro de Goiânia

Então, sabe como que eu conceituaria, a falta de acesso à informação, você acredita? Eu falo porque sempre tem uma pessoa com deficiência fala, eu não sabia que tinha esse projeto, sério? Eu posso ir? Eu desconheço, eu não sabia, eu já vi na televisão e tal. Mas tem Goiânia? Como que funciona? Como que eu participo? É bem, é bem isso. O que nós temos que fazer é sempre trazer visibilidade, eu acho que a principal lacuna é a visibilidade, quando você traz visibilidade, traz informação, a gente consegue atrair mais (A5).

Demonstrando com essa fala, que se houvesse um maior esforço na propaganda para as pessoas com deficiência obterem a ciência de que esse projeto existe e que está lá para beneficiá-las, as modalidades esportivas do CRPB estariam mais lotadas de pessoas e haveria uma maior necessidade de aumentar as equipes que atuam no esporte paralímpico. Pois, não há formas de haver a concretização das modalidades, sem que haja uma equipe por trás fazendo a gestão da equipe, que pode ser formada por vários profissionais, sendo eles das áreas: Educação Física, fisioterapia, nutrição, psicologia, medicina, entre outros (CPB, 2022b)

A coordenadora do Centro do MS também informa *que hoje aqui é realmente o conhecimento que eles têm a opção do centro de referência, que é gratuito. Que eu vou nos lugares e nas escolas e falam: “Ah, mas eu não sabia que tinha”*(A2). Percebemos que não é atípico de apenas um ou outro Centro, possuir dificuldade da informação chegar para as pessoas com deficiência compreenderem que existe esse projeto, que ele é gratuito e que é para elas. A iniciativa possui polos em quase todos os estados do país, por isso é necessário haver uma melhora no processo de divulgação do projeto.

O último ponto que foi discutido nessa categoria com os coordenadores, foi sobre como o CRPB realiza a inclusão social dos atletas fora do ambiente esportivo, sendo que a forma mais comum que todos falaram foi sobre o Festival Paralímpico<sup>18</sup>. Ele é um evento que envolve o esporte, e traz uma representatividade muito grande, onde além de convidar alunos com deficiência da rede escolar, os organizadores do evento também chamam pessoas sem deficiência, para conhecerem as mais diversas modalidades paralímpicas e o projeto do CRPB. Essa atitude auxilia na captação de mais alunos, isso porque as pessoas sem deficiência também podem atuar na divulgação do projeto.

Nesse sentido, os coordenadores de modo geral informaram sobre o festival, já a coordenadora de Goiânia, apresentou sobre outras iniciativas que possuem ou que querem criar no ano de 2025, sendo a fala apresentada abaixo

inclusive, é uma das minhas propostas. Eu tenho muita vontade de fazer, está nas minhas ideias. Eu quero colocar em prática 2025, a balada Down, eu vi uma colega lá de Ponta Grossa, do Paraná, fazendo. Ela falou, a gente fechou uma balada só para os alunos com a síndrome de down participar, só que a gente até fica para implantar, além do festival paralímpico, tem o da dança da Vanessa, nós temos alunos do Centro Referência que participam, que é o projeto Diversus, né? (A5).

O projeto de dança Diversus proporciona para as pessoas com deficiência, momentos de lazer, descontração, sendo assim o grupo de dança *Diversus* tem como objetivo o trabalho artístico com potencial de apresentar para a sociedade uma outra perspectiva de ver e compreender as diferenças, sejam elas a respeito da pessoa com deficiência ou de qualquer outro grupo (Dalla Déa *et al.*, 2023, p. 3). Há também as visitas que atletas e técnicos paradesportivos fazem nas escolas, bem como informou a coordenadora do Distrito Federal

a gente faz muita visita em escola, a gente leva os nossos atletas, os nossos beneficiários para estarem participando dessas visitas nas próprias escolas que eles estudam, a própria escola pede que vá para contar um pouquinho sobre o histórico, como ele iniciou. Então fora assim do centro de referência é mais forma de palestra,

---

<sup>18</sup> Ele é uma ação coordenada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB, que tem como principal objetivo promover o esporte para crianças e jovens com e sem deficiência dos 10 aos 17 anos (Cardoso, 2021, p. 4).

sem ser as competições, né? Esses tipos de ações, então a gente faz palestra, faz vivências, a maioria deles são escolas, dificilmente a empresa, a maioria sempre é escola (A6).

Percebemos com a fala da A6 que o tratamento de levar os atletas para ajudarem nas palestras em escola é de suma importância, para disseminar o esporte paralímpico às crianças e jovens que estejam em idade escolar, momento no qual estão decidindo o que fazer da vida e conhecer novas oportunidades é importante para seu desenvolvimento. Dito isso, a visibilidade do esporte paralímpico pode ajudar a melhorar a inclusão social das pessoas com deficiência, para que as pessoas convencionais os vejam de forma mais comum e sem estereótipos, por isso essas palestras para pessoas em idade escolar são importantes, para que já cresçam compreendendo que as pessoas podem ter diferenças e que elas não definem a pessoa (Andrade; Brandt, 2008).

A coordenadora de Goiânia apresentou uma ideia muito interessante que ela teve conhecimento em uma das reuniões semestrais dos coordenadores, que ocorreu no Centro de Treinamento de São Paulo, local que é considerado como o polo central do projeto. Nessa reunião foi discutida a importância de criar iniciativas para organizar atividades diferentes do esporte que os atletas estão diretamente inseridos. Um exemplo desse tipo de atividade seria criar a balada Down, sendo esse um momento de descontração para as pessoas com síndrome de Down estarem sendo inseridas em algo que convencionalmente elas não vão, para participarem de mais ações da sociedade e se sentirem mais incluídos socialmente.

## 5.6. FORMAÇÃO DE EQUIPE

Uma das temáticas que são muito importantes para a organização exemplar das aulas e da gestão de cada um dos CRPB's é a formação de equipe, uma das etapas em que se deve escolher e contratar os professores, coordenadores, estagiários e todos os outros profissionais que irão atuar em conjunto no projeto. No quadro 7, está apresentado a quantidade de professores, estagiários e voluntários que estão atuando em cada um dos Centros pesquisados durante o estudo,

Quadro 7 - Quantidade de professores por centro do Centro-Oeste

Centro de Referência	Quantidade de professores
Campo Grande - MS	8 professores e 5 estagiários por semestre

Cáceres - MT	4 professores e 4 estagiários
Goiás	7 professores e 4 estagiários
Goiânia - GO	9 professores e 3 estagiários
Distrito Federal	5 professores, 6 estagiários e 4 voluntários
Total	33 professores, 22 estagiários e 4 voluntários

Fonte: Elaboração própria através dos dados das entrevistas.

Entre os Centros de Referência do Centro-Oeste brasileiro, o único que esteve diferente foi o Centro do Distrito Federal (DF). Por possuírem alguns professores que não possuem regência e ficam apenas na parte da gestão, diferente do que vemos nos outros estados, que mesmo os coordenadores devem realizar regência para cumprir vagas que não foram preenchidas. Como informado pela coordenadora do DF,

a gente tem 11 professores. Aí, sendo que dois dos professores deles são corpo da parte de organização, então não tem Regência, [...] em Regência mesmo a gente tem nove professores, né? Da Secretaria de educação, de MEI que são contratados aqui pela CETEPE, né? A gente tem três professores de contrato, do centro de referência paralímpico, a gente tem quatro professores, de monitor, que não entra como estagiário, só que esse não tem formação ainda. A gente tem dois, são estudantes da área de Educação Física, que aí a gente faz o pagamento deles, aí é da CETEPE também e de voluntários, porque aí não tem nenhum custo, são quatro profissionais. O custo deles só é quando a gente ajuda em parte de alimentação ou transporte (A6).

Os professores que são contratados para o CRPB do DF possuem algumas diferenças nas funções que executam, visto que possuem apenas três professores contratados para regência e dois que ficam na gestão, e os estagiários são chamados de monitores. Além disso, possuem quatro profissionais formados que atuam de forma voluntária para cumprir horários em turmas sem professores contratados, vimos ao longo das entrevistas que esse é o único Centro que possui voluntários.

O centro do Mato Grosso do Sul (MS), também possui algumas questões diferentes, visto que não possuem estagiários contratados, os que foram citados são uma média que possuem por semestre, pois a coordenadora informou que

a questão dos estagiários, eu tenho um pouco de dificuldade, porque eles vêm só pela universidade federal e aí entra naquela questão que eles fazem geralmente quando é disciplina lá de estágio ou disciplina de adaptadas, então tem essa variação, cada semestre tem um tanto de alunos, entendeu? Aí é só no período lá do estágio e atuam principalmente no atletismo e na natação, acaba que nas outras modalidades, eu não

tenho estagiário, não tenho ninguém! Então aí por volta de 4 a 5 estagiários por semestre que vão estagiar (A2).

Por ela conseguir estagiários apenas quando estão no período de estágio obrigatório, no período de férias as modalidades ficam desamparadas e as outras modalidades sem ser natação e atletismo, nem possuem procura para se estagiar. Os alunos de graduação que não possuem experiência na área costumam procurar esses esportes individuais, pois é mais comum que eles entendam minimamente da área do que desejem aprender algo novo, como bocha ou goalball, por exemplo. Acreditamos que o quadro de esportes ensinados durante o período de graduação em Educação Física deveria ser ampliado.

Por isso, quando os coordenadores foram questionados se a formação na universidade é suficiente para essa atuação no esporte paralímpico, todos por unanimidade responderam que não. Cada um apresentou seus motivos particulares do porquê não concordavam que essa temática fosse trabalhada de forma satisfatória durante a formação de profissionais de Educação Física. Entre os motivos levantados, pontuaram que e em todos os cursos de graduação em Educação Física, há apenas uma matéria de 64 horas que trata de forma muito geral sobre alguns esportes paralímpicos e nem sempre conseguem contemplar todos os esportes, por isso apenas a formação universitária não é suficiente (A2; A3; A4; A5; A6).

Assim, foi lhes questionado o que era necessário para uma pessoa ser considerada apta por eles para estar atuando no Centro de Referência como professor, após estar formado. Levando em consideração que o próprio Comitê Paralímpico Brasileiro, possui o site Educação Paralímpica, que visa trazer cursos para otimizar o conhecimento das pessoas que tenham interesse em atuar no esporte paralímpico, o coordenador do Centro de Cáceres-MT, informou sobre os cursos, que

Eles são muito bons, os cursos de habilitação técnica, classificação funcional e arbitragem, então isso é algo meio que obrigatório dos nossos professores, é conseguir esses curso de habilitação técnica que o CPB oferece, então todos os nossos professores fazem esses cursos, a professora de badminton tem um curso específico lá da própria confederação também (A3).

Dessa forma, pode-se ver que a opinião do coordenador é que esses cursos hoje são obrigatórios para atuação no esporte paralímpico, mas para os professores que já atuam na área, eles *viajam duas vezes por ano para São Paulo para fazer uma capacitação lá direto no centro de treinamento lá de SP, [...] acho que são as oportunidades que o comitê tem oferecido para todos os CRP tem sido muito boas e suficientes para melhorar a formação dos nossos professores* (A3).

Complementando a fala do coordenador de Cáceres, a coordenadora de Goiás informou sobre o curso que

Ele te dá um norte, você entende um pouco, mas é só na prática, através da prática que você vai aprender mesmo, porque cada dia que passa, você descobre uma deficiência nova. Então as deficiências principalmente as degenerativas, elas são muito diferentes uma das outras, muito distintas uma da outra, então se você não sabe um pouco de classificação da área ou você não tem um pouquinho de noção é muito difícil você se capacitar só com esses 3 níveis, você tem que ter realmente a experiência de trabalhar, eu indico a fase de estágio, está na faculdade? Vai ser voluntário, vai estagiar, vai entrar na área do paradesporto para poder estar pegando um pouco desse segmento (A4).

Seguindo essa linha de raciocínio, faz-se necessário para quem deseja atuar na área do paradesporto, que no momento que esteja na graduação faça estágios na área para quando estiver formado, compreenda mais sobre a temática, além de possuir a experiência prática de como atuar no esporte paralímpico, pois como citado pela coordenadora, é diferente a atuação com pessoas convencionais para pessoas que possuem alguma deficiência, ainda mais se for alguma devido a doenças degenerativas, que se agravam gradativamente.

No estudo de Tsutsumi *et al.* (2004), buscaram apresentar respostas sobre quais são os benefícios físicos, psicológicos e sociais para indivíduos com lesões neurológicas, que estavam praticando natação, evidenciando a melhora na sua vida diária. Assim, os autores perceberam que para essas deficiências neurológicas, que podem ser degenerativas, a prática melhora a circulação, postura, força muscular, capacidade cardiovascular e respiratória, além de reduzir ansiedade e depressão. Também promove independência funcional, integração social e lazer, com cuidados específicos para cada condição, a natação auxilia na reabilitação e na qualidade de vida dos praticantes.

Mesmo com todos esses benefícios sendo evidenciados para as pessoas com deficiência, infelizmente a informação da existência do projeto não chega para todos, e para os que chegam, nem todos conseguem adentrar o esporte. Como evidenciado pelos coordenadores durante a entrevista, eles não possuem facilidade para encontrar profissionais para atuarem no projeto, como informado pela coordenadora do Distrito Federal quando foi questionada sobre isso

Não, muito difícil! Não sei se vocês lidam com isso, mas é muito difícil a gente conseguir pessoas que entendam da área da pessoa com deficiência, acho que isso é importante também na área o CPB busca, né? [...] Ou a gente, por exemplo, a gente vê através dos monitores se eles fazem esse período e aí acaba se transformando em contrato de professores, por exemplo. Então nunca é direto, ou fica aqui na CETEPE por 1 ano, é voluntário, aí depois a gente faz a contratação sempre alguma via ou

indicação, dificilmente a gente consegue um professor, vamos assim em busca de currículos que tem na área da pessoa com deficiência (A6).

Vemos que no Distrito Federal, assim como nos outros estados do Centro-Oeste, há uma dificuldade crescente em buscar profissionais para atuar na área do paradesporto, devido à falta de interesse e de conhecimento dos profissionais. Para quem está atuando na área no Brasil, compreende que ela ainda está em desenvolvimento, pois estão buscando anualmente uma melhora exponencialmente dos resultados nas competições paralímpicas e a cada quatro anos, nos jogos paralímpicos, e no ano de 2024 alcançaram sua melhor marca, obtendo o 5º lugar nos jogos (CPB, 2024).

Após tudo isso, foi perguntado aos entrevistados, se há pessoas com deficiência atuando profissionalmente no CPB, especificamente no cargo de professor no projeto do CRPB. Infelizmente, todos os coordenadores apresentaram que não havia pessoas com deficiência atuando profissionalmente no projeto, mesmo ele sendo para pessoas com deficiência, não havia nenhuma pessoa atuando nele como professor.

Apenas a coordenadora do Centro do Mato Grosso do Sul, que informou que *sei que tem alguns centros de referência mesmo que tem, Maringá mesmo, o professor de basquete em cadeira de rodas, se não me engano é cadeirante e já vi sim no centro de Prudente, o coordenador mesmo acho que é um atleta da natação paralímpica* (A2). Mas, nos Centros do Centro-Oeste brasileiro não há nenhum professor com deficiência compondo a equipe do lugar, esse poderia ser um dos objetivos do projeto, para incentivar as pessoas com deficiência a fazerem o curso de Educação Física e atuarem profissionalmente no projeto, a fim de aumentar a representatividade e a visibilidade do esporte paralímpico para as demais pessoas com deficiência<sup>19</sup>.

Ao final das entrevistas foi deixado livre para os coordenadores falarem mais sobre alguma questão que poderia ajudar no desenvolvimento da pesquisa. Dito isso, os coordenadores de Goiás e Cáceres - MT, não quiseram acrescentar nada no que diz respeito aos seus Centros e a coordenadora de Goiânia trouxe informações a respeito da captação e o destino dos recursos das associações das pessoas com deficiência para as modalidades paralímpicas. Mas os outros coordenadores tiveram alguns pontos interesses que apresentaram sobre o desenvolvimento dos Centros e dos esportes paralímpicos, como apresentado pela coordenadora do Mato Grosso do Sul

---

<sup>19</sup> Houve informações de uma técnica de natação do CRPB de Goiânia, que após as entrevistas informou que há estagiários e professores com deficiência atuando profissionalmente no projeto atualmente.

Ahh só um resumo mesmo, acho que o centro de referência é um projeto que veio para realmente desenvolver o esporte paralímpico no Brasil, agregar! Aqui no caso do MS, nós somos um estado assim que as pessoas não dão muito, não é muito conhecido, mas estamos ali entre os 10 primeiros nas paralimpíadas escolares. Entre os cinco primeiros, é um esporte que tem um bom desenvolvimento de base, mas o CRPB proporciona que mais crianças principalmente participem né. Então eu acho que a gente consegue disseminar, querendo ou não tem essa semente e a gente está tentando levar para o interior também, fomentar e fazer a formação de professores, para que mais pessoas trabalhem, atendam mais pessoas com deficiência, então acho que foi uma ideia muito boa, que vai dar uns frutos daqui uns anos assim, vai dar um *boom* de praticantes né, no esporte paralímpico (A2).

Ela trouxe um resumo geral do que ela acredita ser a importância do projeto, evidenciando assim, que mesmo o Mato Grosso do Sul esteja caminhando aos poucos para evoluir no esporte paralímpico. Eles estão conseguindo melhorar a cada dia que passa, sendo exemplo disso eles já alcançaram boas colocações nas paralimpíadas escolares, que são eventos esportivos que reúnem todos as Unidades Federativas do país, assim chegaram no top 5 dos atletas que estão treinando na base, para talvez futuramente ingressarem no esporte de alto rendimento para irem aos Jogos Paralímpicos.

Já a coordenadora do Distrito Federal, informou em sua fala que

Então, eu acredito que esse trabalho em conjunto tanto de atendimento, pesquisa, faz a diferença, porque por exemplo, eu considero aqui esse, o CRP de Brasília, que foi até o que você falou: Nossa ele é diferente dos outros! Mas é porque a gente já está há algum tempo, né? [...] Eu sei que também que tem outros estados que não tem a mesma infraestrutura da parte governamental, por exemplo, de um transporte, de um apoio, né? De principalmente para competições igual a gente tem, então é importante a gente ver algumas realidades, para a gente também pode tentar conseguir nos nossos CRP's. Então muitos projetos que a gente vê fora, eu vejo que acontece fora aqui do Distrito Federal, eu tento puxar pra cá, para que a gente possa tentar também. [...] Eu vejo que o trabalho do professor é um trabalho difícil. Não é fácil você todo dia lidando com a regência, oferecer suporte tanto emocional quanto também físico ao seu aluno. Então o professor dessa área, né, as pessoas que atuam nessa área, tem que estar aberta realmente para ter essa recepção, porque nem sempre vão ser dias bons para você, mas a gente sempre tem que saber e vamos dizer assim, porque a gente está recebendo pessoas. [...] Então eu vejo isso muito, eu acho que o profissional não é muito valorizado na área da pessoa com deficiência, então a gente que trabalha, a gente sabe a importância daquele profissional, mas de fora a gente ainda tem um certo preconceito, né, com a área da educação física. Então eu percebo que esses projetos são importantes para que outros profissionais também façam essa parceria e vejam a importância que tem uma atuação multidisciplinar com aquela pessoa com deficiência (A6).

Nesse sentido, ela trouxe algumas questões interessantes associadas à importância do desenvolvimento de pesquisas sobre os esportes paralímpicos, pois mesmo que estejam evoluindo com o passar dos anos, quando se busca por literaturas do esporte convencional e se compara com o esporte paralímpico, ainda há muito para evoluir. Como no estudo de Souza, Moraes e Silva, Moreira (2016), onde foram explorar o perfil da produção científica

online em português relacionada às modalidades olímpicas e paralímpicas, assim consultaram o Lilacs, Medline, Scielo e Portal de Periódicos da Capes, tomando como descritores os nomes oficiais das modalidades e termos correlatos, foram localizados 2.007 artigos, em que 1.956 se referem às olímpicas e 52 às paralímpicas.

Isso demonstrando a pouca quantidade de pesquisas que haviam até o ano de 2016 sobre o esporte paralímpico em relação ao esporte olímpico. Os outros pontos relatados pela coordenadora, no momento da entrevista, estavam associados à infraestrutura do DF estar mais desenvolvida do que nos outros estados e auxílios governamentais que possuem, pois o projeto esportivo para pessoas com deficiência, já vigorava no local há 34 anos. Também apresentou sobre o trabalho que os profissionais desempenham e a dificuldade que eles possuem para serem reconhecidos, pois afirma que os profissionais de Educação Física não são valorizados nessa área de atuação que é o esporte paralímpico.

Uma fragilidade recorrente identificada nos Centros refere-se à infraestrutura, ainda marcada por limitações em espaços fundamentais, como piscinas, banheiros, arquibancadas e quadras que, em alguns casos, não atendem plenamente aos critérios de acessibilidade. Essa condição demonstra que, embora haja profissionais qualificados e comprometidos com o desenvolvimento dos atletas, a ausência de ambientes adequados compromete a efetividade do processo inclusivo (A2, A3, A4, A5, A6).

Como destacam Catunda *et al.* (2023), a inclusão esportiva deve ser compreendida como a garantia de acesso igualitário às práticas, o que pressupõe não apenas a presença de recursos humanos, mas também a eliminação de barreiras físicas e estruturais. Nessa mesma perspectiva, Cardoso *et al.* (2022) ressalta que a consolidação do movimento paralímpico depende de condições que assegurem autonomia, participação plena e equidade. Assim, a infraestrutura revela-se um fator tão determinante quanto os profissionais envolvidos, pois a formação esportiva e o desempenho competitivo só podem se consolidar em ambientes que promovam acessibilidade efetiva e valorizem o potencial de cada atleta.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração dessa dissertação visou responder alguns questionamentos sobre como os Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros (CRPB) estão se desenvolvendo na atualidade no Centro-Oeste brasileiro. A partir da pesquisa, percebemos que esse projeto é uma política pública desenvolvida pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e ele está tomando proporções significativas, com um aumento expressivo no número de alunos beneficiados e a expansão dos Centros para além das capitais, focando em cidades do interior, com o objetivo de massificar o esporte paralímpico. No entanto, há uma diferença notável entre os objetivos estabelecidos nos planejamentos estratégicos e as metas almejadas pela diretoria do CPB. Enquanto o planejamento para 2024 prevê cerca de 60 centros no Brasil, um representante do CRPB mencionou que o objetivo é atingir 100 centros, um número ambicioso, mas que não foi possível alcançar em 2024, mas que talvez no ano de 2025 seja viável.

No relatório técnico de 2024 que conseguimos analisar, é informado que no ano de 2024 chegamos à marca de 72 centros, ultrapassando o objetivo sugerido pelo CPB em seu planejamento estratégico de 2021 e, com exceção do Piauí, todas as Unidades Federativas do Brasil possuem um CRPB. Assim, vemos que a inclusão das pessoas com deficiência no projeto está sendo realizada da melhor forma possível, pois como estudamos o Centro-Oeste, apenas nessa região já temos 952 pessoas sendo atendidas por 59 profissionais e estudantes da área da Educação física, sendo divididos em 33 professores, 22 estagiários e 4 voluntários.

Com a implementação e o desenvolvimento do projeto CRPB ao longo dos últimos anos, o Brasil acabou tornando-se uma das potências paralímpicas, obtendo nos Jogos Paralímpicos de 2024, em Paris, o 5º lugar dentre os 184 países que estavam participando em 22 modalidades paralímpicas. O CPB ainda não divulgou os objetivos que possuem para os Jogos Paralímpicos de 2028, em Los Angeles, mas podemos esperar que tem o objetivo de melhorarem sua colocação, chegando talvez no 3º lugar, para demonstrarem mais uma vez ao mundo que com o investimento sendo aplicado da forma certa, o esporte pode se desenvolver mais.

Pois, como visto ao longo da dissertação, não basta apenas o desejo e o interesse das pessoas com deficiência, também é necessário possuir profissionais capacitados para atuarem nas diversas áreas associadas aos esportes paralímpicos que ainda carecem de profissionais. Na área da Educação Física, está havendo a formação de profissionais para atuarem no esporte paralímpico, bem como vemos os cursos disponibilizados na Educação Paralímpica,

mas quando vemos os profissionais da nutrição, psicologia e fisioterapia, nem todos os CRPB's possuem condições financeiras de contratar esses profissionais, mesmo compreendendo sua importância, além que alguns tem medo de trabalhar com pessoas com deficiência por os considerarem diferentes do convencional.

Percebemos que para haver uma melhor disseminação do esporte paralímpico e uma maior visibilidade dele, há a necessidade de levar a informação sobre o projeto até a população, seja as pessoas com deficiência ou os profissionais que vão atuar na área. Para que, em ambos os casos, as pessoas envolvidas no projeto sejam efetivamente contempladas por ele, quer seja através de cursos e com a prática para uma melhor atuação do profissional e pela garantia de uma prática melhor desenvolvida para o atleta.

Todos os objetivos específicos que foram propostos no início dessa dissertação foram contemplados também, visto que foi possível analisar as características de cinco Centros de Referências do Centro-Oeste brasileiro em relação às modalidades oferecidas, ao número de participantes, características dos participantes, local de divulgação e desenvolvimento dos atletas participantes. Além desses pontos, cada Centro apresentou dados diversos, visto que cada um possui suas particularidades em relação às suas modalidades, quantidade de profissionais que atuam e se possuem profissionais de outras áreas para atuarem de forma multiprofissional.

Através da análise dos relatórios técnicos e estratégicos do Centro de Referência Paralímpico Brasileiro e do CPB. Foi apresentado que esses documentos desempenham um papel fundamental na compreensão dos objetivos institucionais e dos processos de gestão que sustentam o funcionamento do CRPB. Essa análise dos relatórios permitiu identificar os principais pilares estratégicos que orientam as ações do Centro, como a promoção da inclusão social por meio do esporte, o fortalecimento do esporte paralímpico em nível nacional e o desenvolvimento de talentos para competições de alto rendimento. Esses objetivos estão alinhados à missão do CPB de promover o desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil e ampliar o acesso de pessoas com deficiência à prática esportiva.

Além disso, os relatórios ressaltaram a relevância de ações de capacitação de profissionais e técnicos envolvidos no processo, bem como de iniciativas voltadas à conscientização da sociedade sobre a importância da inclusão e valorização do esporte paralímpico. Esse esforço conjunto reforça o papel do CRPB não apenas como um espaço de treinamento, mas também como um agente de transformação social, promovendo a igualdade de oportunidades e a representatividade das pessoas com deficiência.

As principais características das pessoas atendidas pelo CRPB, é que são pessoas com deficiência física, há poucos atletas com deficiência intelectual ou visual, em sua maioria possuem entre 7 e 17 anos, com alguns adultos em turmas específicas e as modalidades mais comuns são natação, atletismo, bocha e badminton. Já as condições para ensino dos esportes paralímpicos, tendem a ser precárias, devido a falta de investimento público, visto que falta de centralização dos locais de treino, exigindo adaptação das modalidades, pouca acessibilidade nos locais de treino, principalmente nas piscinas que não possuem rampas para o acesso de pessoas com cadeira de rodas.

Apesar da expansão dos Centros e do aumento do número de alunos beneficiados, a efetivação do direito ao esporte para pessoas com deficiência na região Centro-Oeste ainda se mostra limitada. Embora políticas públicas tenham sido implementadas, sua aplicação é desigual e marcada por desafios significativos, como restrições de infraestrutura, acesso precário a profissionais especializados e dificuldades logísticas para participação em competições. Esses fatores indicam que, embora avanços importantes tenham sido alcançados, o acesso ao esporte paralímpico ainda ocorre de forma parcial, exigindo uma maior articulação entre Estado, entidades gestoras e sociedade para que o direito ao esporte seja plenamente garantido e inclusivo.

Por isso, ainda existe algumas dificuldades em relação à captação de alunos no projeto, de acordo com os coordenadores, pois a divulgação se dá principalmente por meio de redes sociais, mídias televisivas, durante competições e pelo Festival Paralímpico Brasileiro realizado 2 vezes ao ano. Evento onde é apresentado modalidades para alunos com e sem deficiência, o que ainda possui pouco alcance para as pessoas que não possuem acesso a essas redes ou não conseguem ir no festival.

O tópico informando sobre as competições e o comportamento familiar possui uma questão diferenciada, pois os atletas paralímpicos em sua maioria são descobertos pelo professor de Educação Física, não pela família. Por isso, o CRPB tem a iniciativa de proporcionar vivência de várias modalidades esportivas para que o aluno descubra sua aptidão. Uma dificuldade evidente é que em todas as competições com renome nacional, necessitam de índice técnico para participação dos atletas ou da equipe, a depender da modalidade, que são pré-requisitos para Bolsa Atleta que é fundamental para o sustento dos praticantes de alto rendimento.

Sobre os aspectos sociais e pessoais dos atletas nos CRPBs do Centro-Oeste, vimos que quando há nutricionistas compondo a equipe multiprofissional do centro, o atendimento fica restrito principalmente a atletas de transição e alto rendimento. Não existem relatórios

que mostram as lesões que acontecem em treinos nos atletas, poucos centros possuem fisioterapeutas dedicados à prevenção e reabilitação de lesões. Os centros de Goiás e do Distrito Federal possuem orientação psicológica para os praticantes, não só para o alto rendimento.

O tópico sobre a formação das equipes dos CRPBs do Centro-Oeste envolve professores, estagiários e, no caso do Distrito Federal, voluntários, sendo este o único centro com essa atuação diferenciada. Destaca-se a dificuldade de contratação de profissionais qualificados para o paradesporto, devido à formação insuficiente na graduação em Educação Física e à baixa oferta de cursos específicos. Os coordenadores ressaltam a importância da prática e dos cursos complementares oferecidos pelo CPB, além da necessidade de maior representatividade de pessoas com deficiência nas equipes. Apesar dos avanços, há carência de infraestrutura em alguns estados e de reconhecimento profissional na área

Por fim, a relação dos objetivos criados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro no momento da implementação dos Centros de Referência em 2019, a revisão que fizeram em 2021, no momento pós-pandêmico e como estão sendo contemplados atualmente na prática esportiva, foi outro aspecto importante no que diz respeito à importância que esse projeto possui na atualidade para a disseminação do esporte paralímpico.

Com isso, esse estudo conseguiu compreender como o Centro-Oeste está massificando o esporte paralímpico para os atletas com deficiência, através da entrevista com seis pessoas, sendo o supervisor nacional dos CRPB's e os coordenadores regionais dos estados. Assim, em futuros estudos espera-se que as outras regiões do Brasil também sejam estudadas, a fim de compreender como o projeto está sendo desenvolvido nelas e não apenas em estados específicos, para assim observarmos como os objetivos do projeto estão sendo contemplados.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A.. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. in: AQUINO, J. G. DIFERENÇAS E PRECONCEITOS NA ESCOLA: Alternativas teóricas e Práticas. São Paulo Summus Editorial, 1998.

ANDRADE, A.; BRANDT, R. A psicologia do esporte aplicada a atletas portadores de necessidades especiais: reflexões epistemológicas, filosóficas e práticas. Revista digital, Buenos Aires, ano 13, n. 121, 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd121/a-psicologia-do-esporte-atletas-portadores-de-necessidades-especiais.htm>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ARAÚJO, PF de. Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade. 1997. 140f. 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/114168>. Acesso em: 08 fev. 2024.

AVILA, E. B.; Benini, M.; Bittar, P. Centro de Referência Paralímpico de Ribeirão Preto: Um sonho capaz, p. 47-57. In: Centro de Referência Paralímpico no Brasil: contribuições para o esporte paralímpico brasileiro. 1. ed. Roraima: UERR Edições, 2023. v. 1. 119p.

BARBOZA, F. L.; Souza, R. P.. Centro de Referência Paralímpico Brasileiro – São Paulo – CTPB, p. 110-119. In: Centro de Referência Paralímpico no Brasil: contribuições para o esporte paralímpico brasileiro. 1. ed. Roraima: UERR Edições, 2023. v. 1. 119p.

BARSAGLINI, R. A.; BIATO, E. C. L.. Compaixão, piedade e deficiência física: o valor da diferença nas relações heterogêneas. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 22, n. 3, p. 781–796, jul. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/RXcNzQtFPq8mpfD7nxShMs/?lang=pt#>. Acesso: 01/08/2024.

BEGOSSI, T. D.; MAZO, J. Z.. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, p. 2989-2997, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/bcJwCZ76W4kxFY9qmpJyMDn/>. Acesso em: 10/12/2024.

BISHOP, M.; HOBSON, R. P.; LEE, A.. Symbolic play in congenitally blind children. *Development and Psychopathology*, [s. l.], v. 17, n. 02, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 30/01/2025

BREDARIOL, B.; ALMEIDA, J. J. G.. Acessibilidade de pessoas deficientes visuais à prática da natação – uma revisão da literatura. *Conexões*, v. 10, n. 2, p. 196-213, 2012. Disponível

em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637682>>.  
Acesso em: 16 dez. 2024.

CAMPOS, B.; LOMBA, G. Vocabulário da Diversidade: atletas paralímpicos explicam termos que devemos evitar. Ago. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpiadas/noticia/entenda-por-que-nao-e-bacana-chamar-atletas-das-paralimpiadas-de-exemplos-de-superacao.ghtml>. Acesso em: 05 jun. 2024.

CARDOSO, V. D.. Centro de Referência Paralímpico no Brasil: Contribuições para o Esporte Paralímpico Brasileiro. [s.l.] : UERR Edições, 2023. DOI: 10.24979/uerr.edicoes.70. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/book/70>. Acesso em: 25 jul. 2024.

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. C.. A classificação funcional no esporte paralímpico. Conexões, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 132–146, 2014. DOI: 10.20396/conex.v12i2.2173. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2173>. Acesso em: 30 jul. 2024.

CARDOSO, V. D.; BASTILHA, R.R.; NICOLETTI, L. P. Imigrantes venezuelanos com deficiência: O Festival Paralímpico como facilitador no acesso à saúde. SAÚDE E DESENVOLVIMENTO HUMANO, [s. l.], 28 jun. 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.18316/sdh.v10i2.8128>. Disponível em: [https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude\\_desenvolvimento/article/view/8128](https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/8128). Acesso em: 14 dez. 2022.

CARDOSO, V. D.; SILVA, R. L. S.; SERON, B. B.; NICOLETTI, L. P. PARALIMPÍADAS UNIVERSITÁRIAS: DEBATES E REFLEXÕES. Expressa Extensão, [s. l.], v. 27, ed. 3, p. 5-12, 1 set. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/22665/0>. Acesso em: 25 out. 2022.

CARUZZO, A.M. ; COSTA, E. R. O.; CALIXTO, R. F.; YAMAZAKI, A.; PIMENTEL, G. G. A.; CALEGARI, D. R.. Centro de Referência Paralímpico Brasileiro de Maringá, Universidade Estadual de Maringá, p. 86-96. In: Centro de Referência Paralímpico no Brasil: contribuições para o esporte paralímpico brasileiro. 1. ed. Roraima: UERR Edições, 2023. v. 1. 119p .

CASTELLANO, M. L.; ARAÚJO, P. F. Avaliação a partir do volume de jogo para determinar a classificação em basquete sobre rodas. In: GORLA, J. I. Educação Física adaptada: o passo a passo da avaliação. São Paulo: Phorte, 2008.

CATUNDA, F. N.; FERREIRA, H. S.; SOARES, S. L.; HOLANDA, S. A. Esporte adaptado e saúde mental: Promovendo a qualidade de vida a partir de experiências vividas. Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 34, n. 00, e023010, 2023. e-ISSN: 2236-0441. DOI: <https://doi.org/10.32930/nuances.v34i00.10164>. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/10164>. Acesso em: 14 dez. 2024.

CIDADE, R. E. A. ; FREITAS, P. . Introdução a Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência. 1. ed. Curitiba: UFPR, 2009. 124p .

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Que comecem os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020. Disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/que-comecem-os-jogos-paralimpicos-de-toquio-2020>. Acesso em: 5 jun. 2024.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Bocha, 2025. Disponível em: <https://cpb.org.br/modalidades/bocha/>. Acesso em 09 mai. 2025.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Centros de Referência do CPB têm primeira competição nacional em João Pessoa, 2022a. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/4580/centros-de-referencia-do-cpb-tem-primeira-competicao-nacional-em-joao-pessoa-saiba-mais> Acesso em: 25 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Coordenação dos Centros de Referência do CPB. **Projeto Centros de Referência: Manual de Procedimentos**. São Paulo, 21 mar. 2022b. Disponível em: <https://cpb.org.br/wp-content/uploads/2023/06/Manual-de-Procedimentos.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. **História**, 2022c. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/conteudo/detalhe/3/historia>. Acesso em: 25 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Movimento Paralímpico: Fundamentos Básicos do Esporte, 2019a. Disponível em: <http://avamec.mec.gov.br/#/instituicao/peninsula/curso/1721/visualizar> Acesso em: 25/10/2022.

\_\_\_\_\_. Outras informações sobre planos. Disponível em: [https://gestaorecursos.cpb.org.br/outras\\_planos.php](https://gestaorecursos.cpb.org.br/outras_planos.php). Acesso em: 14 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Relatório técnico, 2018. Disponível em: <https://cpb.org.br/governanca-e-etica/relatorio-tecnico/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Relatório técnico, 2019b. Disponível em: <https://cpb.org.br/governanca-e-etica/relatorio-tecnico/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Relatório técnico, 2020. Disponível em: <https://cpb.org.br/governanca-e-etica/relatorio-tecnico/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Relatório técnico, 2021. Disponível em: <https://cpb.org.br/governanca-e-etica/relatorio-tecnico/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Relatório técnico, 2022d. Disponível em: <https://cpb.org.br/governanca-e-etica/relatorio-tecnico/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Relatório técnico, 2023. Disponível em: <https://cpb.org.br/governanca-e-etica/relatorio-tecnico/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Relatório técnico, 2024. Disponível em: <https://cpb.org.br/governanca-e-etica/relatorio-tecnico/>. Acesso em: 22 abril 2025.

\_\_\_\_\_. Resultado do Brasil, 2024. Disponível em: <https://cpb.org.br/competicoes/jogos-paralimpicos-de-verao/resultados-do-brasil/#menu-programas>. Acesso em: 13 dez. 2024.

CORDEIRO, T. P. Ambiente e acessibilidade para pessoas com deficiência no desenvolvimento de atividades esportivas em piscinas: um estudo de casos. 2010. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2010. Disponível em: <www.univates.br/bdu>. Acesso em: 16 dez. 2024.

DA COSTA, A. M.; Sousa, S. B.. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 25, n. 3, 2004.

DALLA DÉA, V. H. S.; LIMA, M. D.. Diversus: dança, diversidade, educação e acessibilidade [Ebook]. 01. ed. Goiânia: Ciar UFG, 2023. 80p. Disponível em: [https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/colecao\\_inclusao/livros/9/index.html](https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/colecao_inclusao/livros/9/index.html). Acesso em: 17 jun. 2025.

\_\_\_\_\_; MART, E. B.; RIOS, G. B.; DUARTE, E.; OLIVEIRA FILHO, C. W. de. Participação da pessoa com deficiência intelectual e síndrome de Down nas Paralimpíadas: o direito à visibilidade. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 35, n. 3, p. 77-87, 2021. ISSN: 1981-4690. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.v35i3p77-87>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/194549>. Acesso em: 03 fev. 2022.

\_\_\_\_\_; ROCHA, C.. Visibilidade do esporte e atleta paralímpico. 1. ed. Goiânia: UFG, 2019. v. 1000. 128p.

\_\_\_\_\_; Vasconcelos Cunha, M.; Augusto Dos Santos Nascimento, O.; Fonseca De Lima, A.; Dorneles De Lima, M. INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NOS PROJETOS DE EXTENSÃO DE PRÁTICAS CORPORAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Pensar a Prática, Goiânia, v. 16, n. 4, 2013. DOI: [10.5216/rpp.v16i4.20237](https://doi.org/10.5216/rpp.v16i4.20237). Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/20237>. Acesso em: 3 ago. 2024.

DUARTE, E.; WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. In: Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância. Rio de Janeiro: UGF, v. 3, 1995.

FREITAS, P. S. Fundamentos básicos da classificação funcional do esporte para deficientes físicos. Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, Bauru, v.10, n. 1, p. 22-25, 2005.

FOSSHAUG, Siv. "Deaf Sports: An Empowerment Perspective." WFD News (Vol. 17 No. 2): 5-6 2006. Disponível em: <https://www.deaflympics.com/publications/deaf-sports-an-empowerment-perspective>. Acesso em: 30/07/2024.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLD, J. R.; GOLD, M. M. Access for all: The rise of the Paralympic Games. *The Journal of the Royal Society for the Promotion of Health*, v. 127, n. 3, 2007. p. 133-141.

GRASSELLI, S. de M.; PAULA, A. H. Aspectos teóricos da atividade aquática para deficientes. **Revista Digital**, 2002.

GUIMARÃES, R. Esporte e inclusão social: o impacto das práticas esportivas no desenvolvimento de pessoas com deficiência. São Paulo: **Editora Vozes**, 2018.

HEIDEGGER M.. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes; 1988.

HEIL, E. A percepção de atletas com deficiência visual sobre o esporte adaptado. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade da Vale do Itajaí, Centro de Ciências da Saúde, 2008.

HILGEMBERG, T. **Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência**. *Recorde*, v. 12, n. 1, p. 1-19, 2019a. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/25663>. Acesso: 03/01/2023.

\_\_\_\_\_. Visibilidade do Atleta e Esporte Paralímpico: formas de exposição. In: Vanessa Dala Déa; Cleomar Rocha; Geovana Ramos; Júlia Mariano Ferreira; Natália Lima; Tatiane Hilgemberg; Diogo Menezes; Gleyson Batista Rios; Haryelle Santo; Lara Vitória Guimarães; Talita Azevedo; Natália Borges Xavier. (Org.). *Visibilidade do Esporte e Atleta Paralímpico*. 1 ed. Goiânia: Gráfica UFG, 2019b, v. 1, p. 17-30.

HOULIHAN, B.; ZHENG, J.. The Olympics and elite sport policy: Where will it all end? *The international journal of the history of sport*, v. 30, n. 4, p. 338-355, 2013. Disponível em: [https://researchportal.northumbria.ac.uk/en/publications/the-olympics-and-elite-sport-policy-where-will-it-all-end\(5e5c6b1b-b781-4f1d-9af5-8bbfe5559ae5\)/export.html](https://researchportal.northumbria.ac.uk/en/publications/the-olympics-and-elite-sport-policy-where-will-it-all-end(5e5c6b1b-b781-4f1d-9af5-8bbfe5559ae5)/export.html). Acesso em: 19 dez. 2024.

INTERDONATO, G. C.; GREGUOL, M.. Promoção da saúde de pessoas com deficiência: uma revisão sistemática. **HU Revista** (UFJF. Impresso) , v. 37, p. 369-375, 2012.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, **The Agitos Logo – Paralympic Symbol**, 2019. Disponível em: <https://www.paralympic.org/logo>. Acesso em: 29/07/2024.

MACHADO W. C. A., Figueiredo N. M. A., Tonini T., Barros R. F., Galdino Q.. Promoção da saúde para inclusão de idosos e pessoas com deficiência no Centro Sul Fluminense: a intersetorialidade na gestão pública municipal. **Enferm Brasil**. 2011; 10(6): 355-61. DOI: <https://doi.org/10.33233/eb.v10i6.3886>. Disponível em: <https://convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/3886>. Acesso: 01/08/2024.

MARQUES, R. F. R. *et al.* A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspetivas de atletas portugueses. *Motricidade*, [s. l.], v. 11, ed. 3, p. 123-147, 27 dez. 2015. DOI <https://doi.org/10.6063/motricidade.4704>. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/motricidade/article/view/4704>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MARQUES, R. F. R. *et al.*, Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro, **Revista Brasileira de educação física e esporte**, São Paulo – SP, 2013.

MAUERBERG, E. C.. Atividade física adaptada. Ribeirão Preto: **Tecmedd**, p. 327-403, 2005.

MAYER, S. M.; DA CUNHA TRINDADE, L. V.; ELESBÃO, H.; BORFE, L. Projeto Piracema - natação para pessoas com deficiência: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 1, p. 343–348, 2019. DOI: 10.36453/2318-5104.2019.v17.n1.p343. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/20623>. Acesso em: 2 jan. 2023.

MELO, A. C. R.. Descrição da aptidão inicial para natação em lesionados medulares. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 15, n. 6, p. 441–445, nov. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-86922009000700008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/KZnFGVZLqSjdxbyQ4fBXM8C/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 02/08/2024.

MELO A. C. R., López R. F. A.. O Esporte Adaptado. **EFDeportes**, 2002; 8(51): p.1-11. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd51/esporte.htm>. Acesso em: 30/07/2024.

MINAYO, M. C. DE S.. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, mar. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Disponível: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/#>. Acesso: 06/08/2024.

MISSIUNA, C.; POLLOCK, N.. Play Deprivation in Children with Physical Disabilities: The Role of the Occupational Therapist in Preventing Secondary Disability. *The American Journal of Occupational Therapy*, [s. l.], v. 45, n. 10, p. 882–888, 1991.

MUNGUBA, M. C.; VIEIRA, A. C. V. C.; PORTO, C. M. V. Da invisibilidade à participação social: promoção da saúde em pessoas com deficiência. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S. l.], v. 28, n. 4, p. 463–470, 2015. DOI: 10.5020/18061230.2015.p463. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/4410>. Acesso em: 13 ago. 2023.

NAZAR, T. P.; GOMES NASCIMENTO, L. C.; P. SCHULLER, J. A.; LOBO BITTAR, C. M.; MARQUES TONELLO, M. G. O ENSINO NA NATAÇÃO: UTILIZAÇÃO DE TUTORES PARA TREINOS EM ATLETAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA. **Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica**, [S. l.], v. 6, n. 04, p. 38-57, 2019. DOI: 10.36524/dect.v6i04.178. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/dect/article/view/178>. Acesso em: 2 jan. 2023.

OLIVEIRA, R. S.; VASCONCELOS, F. L. R.. Centro de Referência Paralímpico de Campina Grande – PB. In: Centro de Referência Paralímpico no Brasil: Contribuições para o Esporte Paralímpico Brasileiro. 1. ed. Boa Vista: UERR Edições, 2023. v. 1. p. 73-80. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/book/70>. Acesso: 25/05/2024.

PINHEIRO, L. S. P. **Epidemiologia de problemas de saúde e avaliação periódica no esporte paraolímpico**. 2023. 129 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

PONCE, K. B. *et al.* O desporto no contexto amazônico: O Centro de Referência Paralímpico no Amazonas. In: Centro de Referência Paralímpico no Brasil: Contribuições para o Esporte Paralímpico Brasileiro. 1. ed. Boa Vista: UERR Edições, 2023. v. 1. 58-72p. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/book/70>. Acesso: 30/12/2024.

ROCHA, J. P. da S., Nicoletti, L. P., dos Santos Neto, S. C., & Cardoso, V. D. (2021). PROJETO CENTRO DE REFERÊNCIA PARALÍMPICO DE RORAIMA: CONTRIBUIÇÕES PARA A INICIAÇÃO PARALÍMPICA. *Revista Extensão & Cidadania*, 9(15), 64-73. <https://doi.org/10.22481/recuesb.v9i15.8630>.

SANTANA JR *et al.* Conhecendo o movimento Surdolímpico. [S. l.]: UNIFESP, 2023. 13 p. ISBN ISBN978-65-00-74888-8. Disponível em: [https://paradesporto.unifesp.br/producao/conteudo/Conhecendo\\_o\\_Movimento\\_Surdolimpico.pdf](https://paradesporto.unifesp.br/producao/conteudo/Conhecendo_o_Movimento_Surdolimpico.pdf). Acesso em: 30 jul. 2024.

SANTOS S. M., Furtado S., Poffo B. N., Velasco A. P., Souza D. L.. (2018). Mídia e os Jogos Paralímpicos no Brasil: A cobertura midiática da Folha de São Paulo entre 1992 e 2016. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, 41(2), 190–197. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.012>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328917300975?via%3Dihub>. Acesso em: 20/07/2024.

SASSAKI, R. K. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

\_\_\_\_\_. Terminologia sobre deficiência na era da Inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**. São Paulo, ano 5, n. 24, p.6-9, jan/fev. 2002. Disponível em: [https://accessibilidade.ufg.br/up/211/o/TERMINOLOGIA\\_SOBRE\\_DEFICIENCIA\\_NA\\_ERA\\_DA.pdf?1473203540](https://accessibilidade.ufg.br/up/211/o/TERMINOLOGIA_SOBRE_DEFICIENCIA_NA_ERA_DA.pdf?1473203540). Acesso em: 02/10/2022.

SILVA, A. *et al.*. Centro de Referência Paralímpico Brasileiro vinculado ao Centro de Treinamento Esportivo da UFMG CRPB/CTE/UFMG. In: Centro de Referência Paralímpico no Brasil: Contribuições para o Esporte Paralímpico Brasileiro. 1. ed. Boa Vista: UERR Edições, 2023. v. 1. 21-38p. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/book/70>. Acesso: 25/05/2024.

SILVA, A.; MELLO, M. T. *Esporte Paralímpico: da organização ao alto rendimento*. Editorado Editores (São Paulo), 408p. 2021.

SILVA, M. L.; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 2003, n. 3, p. 69-76, 2003.

SIMIM, M. A. M.; ROSARIO, C. A. M.; Catunda, F. N. Centro de Referência Paralímpico Brasileiro na cidade de Fortaleza/CE. In: Centro de Referência Paralímpico no Brasil:

Contribuições para o Esporte Paralímpico Brasileiro. 1. ed. Boa Vista: UERR Edições, 2023. v. 1. 39-46p. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/book/70>. Acesso: 30/12/2024.

SOUZA, D. L.; CIDADE, R. E.. EXPLORANDO DIFERENTES FACES DO CAPACITISMO E DA LUTA ANTICAPACITISTA: CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS DISCURSOS MIDIÁTICOS RELACIONADOS COM OS JOGOS PARALÍMPICOS. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 143-164, 13 jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.36311/2674-8681.2023.v24n1.p143-164>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/14437>. Acesso em: 5 jun. 2024.

SOUZA, D. L.; MORAES E SILVA, M.; MOREIRA, T. S. O PERFIL DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA ONLINE EM PORTUGUÊS RELACIONADA ÀS MODALIDADES OLÍMPICAS E PARALÍMPICAS. *Movimento*, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 1105–1120, 2016. DOI: 10.22456/1982-8918.64591. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/64591>. Acesso em: 4 jan. 2025.

SOUZA, G. H. A.. O Centro de Referência Paralímpico na Faculdade de Educação Física e Dança - FEFD: um estudo de caso. 2023. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Dança, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/22303>. Acesso em: 11 set. 2023.

SOUZA, G. H. A.; DALLA DÉA, V. H. S.. O CENTRO DE REFERÊNCIA PARALÍMPICO NA FACULDADE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA - FEFD: UM ESTUDO DE CASO. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, Marília, SP, v. 25, n. 1, p. 101–122, 2024. DOI: [10.36311/2674-8681.2024.v25n1.p101-122](https://doi.org/10.36311/2674-8681.2024.v25n1.p101-122). Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/15734>. Acesso em: 17 jun. 2025.

TOMAZ, R. V. V. *et al.*. Políticas públicas de saúde para deficientes intelectuais no Brasil: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 1, p. 155–172, jan. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015211.19402014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/GzrBtJYrhsDTxLrywRysmVD/#>. Acesso em: 01/08/2024.

TSUTSUMI, O. *et al.*. Os Benefícios da Natação Adaptada em Indivíduos com Lesões Neurológicas. *Revista Neurociências*. Vol. 12. Núm. 2. 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/242196952\\_Os\\_Beneficios\\_da\\_Natacao\\_Adaptada\\_em\\_Individuos\\_com\\_Lesoas\\_Neurológicas](https://www.researchgate.net/publication/242196952_Os_Beneficios_da_Natacao_Adaptada_em_Individuos_com_Lesoas_Neurológicas). Acesso em: 03/01/2025.

TWEED, S.; HOWE, D. Introduction to the paralympic movement. In: VANLANDEWIJCK, Y.; THOMPSON, W. (org.). *The paralympic athlete*. Singapore: Wiley-Blackwell, 2011. p. 294.

ZALCMAN, F. A importância da visibilidade do esporte paralímpico. *Olimpíada todo dia*, 2020. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/paralimpicos/266102-a-importancia-da-visibilidade-do-esporte-paralimpico/>. Acesso em: 25. out. 2022.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - ROTEIROS DE ENTREVISTAS

### ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O COORDENADOR GERAL DOS CRPB

- 1 – Nome completo:
- 2- Função no Comitê Paralímpico Brasileiro:
- 3- Formação:
- 4 – Qual o objetivo dos Centros de Referências?
- 5 – O Comitê Paralímpico Brasileiro tem seu principal foco no esporte de alto rendimento? Se sim, qual motivo que iniciou a atuação na iniciação esportiva? Podemos dizer que as instituições que deveriam fazer essa iniciação não fazem?
- 6 – Qual a idade dos alunos que possuem em sua região?
- 7 – Quantos Centros de Referência existem hoje no Brasil?
- 8 – Quantos estão em universidades?
- 9 – Qual a importância da parceria das universidades com os Centros de Referência?
- 10 – Os centros de referências atendem as deficiências não elegíveis para o esporte paralímpico?
- 11 - Existem projetos específicos para atendimento do Transtorno do espectro autista?
- 12 – Na nossa pesquisa pretendemos conhecer as atividades de cinco Centros de Referências do Brasil, sendo um de cada região brasileira. Você poderia nos indicar quais são os cinco centros mais atuantes ou com maior número de participantes de cada região?
- 13 – Quais os planos/futuro que o Comitê Paralímpico imagina para os Centros de Referência? Vão crescer em números até quanto for possível ou chegará um momento em que eles acabarão?
- 14 - Há algum coordenador ou professor com deficiência no centro de referência paralímpico?

### ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS COORDENADORES REGIONAIS DOS CRPB

#### **Conhecendo o entrevistado**

1. Nome completo:

2. Função no Comitê Paralímpico Brasileiro:
3. Formação:
4. Você é uma pessoa com deficiência? Se sim, qual?

#### **Perfil e quantidade das pessoas atendidas**

5. Quantas pessoas com deficiência são contempladas no seu Estado, pelo Centro de Referência Paralímpico?
6. Quais modalidades seu estado oferece?
7. Quais perfis de deficiência estão mais presentes?
8. Aceitam pessoas com deficiência não legíveis para o esporte paralímpico? Tem pessoas com TEA, surdez, síndrome de Down, entre outros na mesma condição?
9. Qual a média de idade das pessoas beneficiadas pelo projeto?
10. Tem turmas de adultos?
11. Tem turmas de bebês com deficiência?
12. Como são divididas as turmas?

#### **Condições para o ensino dos esportes paralímpicos**

13. Os locais são adequados para a prática dos esportes paralímpicos? Como é sua estrutura? Possui material adequado?
14. Como é o transporte dos alunos/atletas até o local que será desenvolvido as práticas?
15. Como é a captação dos atletas? A propaganda em geral é suficiente? Ou tem que ser através de captação interpessoal?

**Competições e relacionamento familiar**

16. Vocês possuem condições financeiras de ir para competições e levar os atletas?
17. Quando vão para as competições, a família vai junto? Como funciona essa questão?
18. Qual a participação da família no dia a dia no Centro de Referência? E como é a participação nas competições?
19. As instituições de direito da pessoa com deficiência participam? Como?
20. A Secretaria de Esportes atua junto ao CRP? Como?
21. Tem apoio de políticos ou de empresas privadas?
22. Há dificuldades relacionadas à acessibilidade em eventos e competições? Como o Comitê lida com essas questões para garantir a participação dos atletas?

**Aspectos sociais e pessoais dos atletas**

23. Como é a alimentação dos atletas? Eles possuem dificuldades alimentares? Acha que é uma alimentação adequada?
24. Os atletas possuem ou adquirem alguma lesão com a prática?
25. Quais as dificuldades mais encontradas para as pessoas com deficiência possuírem acesso ao esporte paralímpico pelo CRPB?
26. Existe algum tipo de suporte psicológico disponível para os atletas? Se sim, como é realizado e qual a frequência desse acompanhamento?
27. O CRPB realiza atividades que promovam a inclusão social dos atletas fora do ambiente esportivo? Quais ações são desenvolvidas para facilitar essa integração?

**Formação de equipe:**

28. Vocês têm facilidade para encontrar profissionais para atuarem no CRP?
29. Você acredita que a formação na universidade é suficiente para essa atuação?
30. Os cursos oferecidos pelo CPB são suficientes para a atuação?
31. Qual formação ou curso você acha que poderia colaborar com a atuação e formação de atletas no CPB?
32. Há pessoas com deficiência atuando profissionalmente no CPB?

**Complementar:**

33. Tem mais alguma questão que gostaria de abordar que acredita que pode favorecer essa pesquisa?





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**



(                    ) Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

(                    ) Permito utilizar esses dados para pesquisas futuras.

(                    ) Não Permito utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Pode haver também, a necessidade de utilizarmos sua imagem e/ou dos seus filhos em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(                    ) Permito a divulgação da minha imagem e/ou dos meus filhos nos resultados publicados da pesquisa.

(                    ) Não Permito a divulgação da minha imagem e/ou dos meus filhos nos resultados publicados da pesquisa.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

**1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:**

Eu, ....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "CENTRO DE REFERÊNCIA PARALÍMPICO: inclusão da pessoa com deficiência na iniciação esportiva objetivando o esporte de alto rendimento". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável Glauber Henrique de Almeida Souza sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, ..... de ..... de .....

---

Assinatura por extenso do(a) participante



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



---

Pesquisador: Glauber Henrique De Almeida Souza

## APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### Entrevista A1 - Coordenador Geral dos CRPB

**Pesquisador:** Qual é sua função no Comitê Paralímpico hoje?

**Entrevistado A1:** Hoje eu sou supervisor, minha função é de supervisor do comitê paralímpico brasileiro, eu tô ligado à diretoria de desenvolvimento esportivo do CPB, então eu faço a supervisão de alguns projetos, dentro desses projetos está o centro de referência paralímpico brasileiro.

**Pesquisador:** Qual é sua formação?

**Entrevistado A1:** Eu sou professor especialista em Educação Física adaptada/esportes para pessoas com deficiência.

**Pesquisador:** Uhum... E qual é hoje o objetivo dos centros de referência paralímpico?

**Entrevistado A1:** Então o principal objetivo, o centro de referência tem alguns objetivos, né? Mas o principal deles é a massificação do esporte paralímpico, o CPB tem a missão de oferecer esporte paralímpico para todas as pessoas em todos os, em todas as pessoas que residem em nosso país. Então a ideia que a gente tem aí é polos do centro de referência espalhados por todo país, seja nas capitais, seja nos interiores, nas cidades mais afastadas, que a gente consiga massificar o esporte paralímpico, oportunizar crianças e jovens principalmente, que muitas vezes não tem essa oportunidade na escola, ali no seu dia a dia, na infância, então oportunizar é ter um local que tenha um acesso bacana, que tenha professores especializados para que essa criança e esse adolescente com deficiência, seja atendido e conheça o esporte paralímpico, o grande objetivo é esse.

**Pesquisador:** Beleza! E o Comitê Paralímpico tem seu principal foco no esporte de alto rendimento?

**Entrevistado A1:** Não, hoje não mais! O Comitê hoje, ele como eu te falei, existe a diretoria de desenvolvimento esportivo, que o principal foco dessa diretoria, o objetivo é o contrário

né, então é buscar fomentar o esporte, busca oportunizar crianças e jovens a conhecer o esporte, a praticar, dentro dessa diretoria existem vários projetos, até chegar ali na entrada do alto rendimento, então hoje a diretoria de desenvolvimento esportivo que faz parte do CPB, está focada na massificação e na iniciação esportiva, aí se o atleta, se o aluno, se o cliente que vem e faz as atividades no centro de referência ou em qualquer outro projeto do CPB, se for um atleta de alto rendimento. Bacana! Muito legal! Se não for, vamos estar cumprindo nossa missão que é de oferecer e massificar o esporte paralímpico. *(Pesquisador: Não, beleza!)* Além do alto rendimento, o CPB também se preocupa e muito com essa iniciação, com a oferta de esporte para crianças e jovens com deficiência.

**Pesquisador:** Não, beleza! Se você quiser olhar também junto, está na pergunta 6. Mas vamos passar direto para a 7, que é quantos centros de referência hoje existem no Brasil?

**Entrevistado A1:** Hoje nós estamos aí com 40 centros de referência no Brasil, acordados! Mas, se não me engano, 38 já estão em atividades, faltam 2 aí, por termos burocráticos né, de assinatura, mas hoje são 40 centros, tem alguns polos também, temos uma parceria com os centros de reabilitação em todo o país e a gente hoje também tem considerado esses centro de reabilitação como centro de referência, então além dos centros como acontece aqui em Goiás, que tem aqui os espaços esportivos, a gente também tem atuado dentro dos centros de reabilitação. *(Pesquisador: Não, entendi!)* Deixa eu te falar, o principal foco, na verdade na 5 aqui, dá pra gente falar, sempre problema, né? *(Pesquisador: Pode falar!)* O objetivo do CPB final é o esporte de alto rendimento, mas hoje não é o principal foco, mas é o produto final do CPB. Mas acho que então era isso mesmo, pois a pergunta era foco mesmo, né, foco não é não! Então a resposta é essa aí mesmo.

**Pesquisador:** Então o objetivo geral do CPB, é traçar um planejamento desde a iniciação esportiva até o alto rendimento.

**Entrevistado A1:** Exatamente isso, o alto rendimento, o atleta medalhista ali é o principal produto do CPB hoje né, só que hoje o CPB tem várias vertentes e não só tem o foco no alto rendimento, é o contrário, ele tem o foco desde a iniciação esportiva e que também perpassa por transição de carreira, hoje a gente tem o programa de transição de carreira, onde o CPB oferece muitas oportunidades para algumas universidades, para que o atleta, a pessoa que com deficiência que já praticou o esporte em algum momento, consiga também ter acesso a

universidade através de bolsas de estudo. Aí hoje o principal produto é o alto rendimento, é o atleta que chega lá e ganha medalha, só que até chegar lá e ganhar medalha, o CPB tem vários outros programas aí de iniciação ao esporte, do fomento ao esporte paralímpico, de ajuda e apoio às pessoas com deficiência, né, utilizando sua marca e suas parcerias com universidades e tudo mais.

**Pesquisador:** Uhum, e você sabe quantos Centros de Referência estão em universidades hoje?

**Entrevistado A1:** Cara, olha eu não sei te dizer exatamente aqui, mas posso só abrir o mapinha aqui do Brasil que posso te falar, são muitos. *(Pesquisador: A grande maioria, né?)* Cara, hoje acho que a maioria sim! *(Pesquisador: Porque no Estado de Goiás mesmo, todos são em universidades)* É aqui então a gente tem a parceria nossa no Estado de Goiás, por exemplo é no Estado com o município, no caso do município que é o caso daqui, o município executa as atividades dentro da Universidade Federal também, entendeu? *(Pesquisador: Uhum!)* Só que a gente tem além dessas opções, a gente tem parcerias direta com as Universidades, seja ela Particular, Estadual ou Federal, entendeu? *(Pesquisador: Não, beleza!)* Posso pegar aqui para te passar? Eu sei de cabeça, só preciso ver os estados, então hoje a gente tem no Acre, na Universidade Federal do Acre, no Amazonas com a UFAM, Universidade Federal do Amazonas, Roraima com a Universidade Estadual de Roraima, Rondônia a gente ainda não conseguiu fechar, Pará não é, Amapá com ahhh eu esqueci o nome de lá, mas é a Universidade Federal do Amapá, Pará não é, Tocantins com a Universidade Federal do Tocantins, Mato Grosso não é, Goiás a gente tem a parceria, só que é executada com a Universidade Federal. Com o Rio Grande do Sul a gente tem o contato, ainda não fechamos, mas será com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Santa Catarina com a Universidade Federal de Santa Catarina está fechando agora um acordo, Paraná com a Universidade Estadual de Maringá, está contando aí? *(Pesquisador: Não)* Eu não contei não kkk, São Paulo a gente tem com a USP, Universidade Estadual de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto, em Minas Gerais com a UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, no Piauí na Universidade Federal do Piauí, Maranhão não! Acho que são essas, quase a maioria, a grande maioria.

**Pesquisador:** Cerca de 15 por aí (Entrevistado A1: Exatamente) Então a maioria dos Estados Brasileiros já estão sendo contemplados, né?

**Entrevistado A1:** Cara, hoje, a gente assim, querendo ou não, ainda não iniciamos as atividades em Porto Velho e Rio Grande do Sul, mas já tem o acordo firmado verbalmente e está em trâmites burocráticos, de assinaturas de contratos, parte de reitoria. (Pesquisador: Entendi) Mas a ideia inicial do centro de referência era essa, ter pelo menos um em cada estado e depois ampliar, hoje a gente já tem em vários estados tem mais de um, Goiás é um exemplo disso é a gente quer chegar no centésimo centro de referência no ano de 2024. (Pesquisador: Nossa, bom demais!) Então até 2024 a gente chegar a 100 centros de referência, é o projeto hoje que tem atendido aí mais ou menos 5000 crianças e jovens, 5000 pessoas com deficiência, se a gente colocar aí também no alto rendimento.

**Pesquisador:** Entendi! Aí qual é a importância assim das parcerias com as Universidades, do Centro de Referência Paralímpico?

**Entrevistado A1:** Então cara, as Universidades hoje, a importância principal, acredito que a principal delas é primeiro abaixar, muito se fala a um tempo atrás dos muros da Universidade, principalmente Federais, a gente não conseguia ter acesso a programas para pessoas com deficiência, era muito difícil, não não é 100%, mas existia uma dificuldade. Então primeiro a gente conseguiu ter esse acesso, ter essa conversa com reitores, os gestores das Universidades Federais e que eles entendam que também a Universidade é um espaço para as pessoas com deficiência, seja ela um cursista ou seja ela nas atividades de extensão, ou até como acontece aqui em Goiânia as atividades de um projeto que está dentro da Universidade Federal de Goiás e é executado com parceria com professores, já é um grande ganho, aí você vem na multidisciplinaridade, o projeto acaba ganhando também com a equipe multidisciplinar, então não só a Educação Física que atua diretamente dando as aulas ou de repente um apoio psicológico, muitas vezes não só para os alunos, mas para os pais também, a família, aí entra a nutrição, fisioterapia e psicologia esportiva, todas essas outras áreas que complementam aí a atividade esportiva. Além disso, o projeto, ele oferece, como você está fazendo uma grande gama de assuntos e que você faça projetos, faça estudos, entendeu? Faça pesquisas, então né, um grande número de pessoas com deficiência de tantas deficiências diferentes, um grande número de modalidades que o projeto oferece, então assim, é um campo bacana que ainda tem muito pouco estudo sobre, sobre o projeto, sobre as pessoas com deficiência, sobre as modalidades, então para os cursistas, principalmente que estão nesses cursos ligados aí ao projeto, a atividade física, ao movimento, acredito que seja também de grande valia para a

universidade, então é uma parceria que o CPB hoje entende, que tem valia para os dois lados, e assim pra gente como CPB é muito importante ter essa parceria com tantas Universidade, principalmente no âmbito Federal.

**Pesquisador:** Uhum, e os centros de referência paralímpico atende a deficiências que não são elegíveis para o esporte paralímpico?

**Entrevistado A1:** Então, alguns atendem, não é o objetivo principal, o esporte paralímpico ele tem as suas restrições, não é uma restrição que é escolha nossa ou do CPB, é uma restrição que vem do comitê internacional que as deficiências elegíveis são as deficiências física, visual e intelectual. Como a gente tem Centros de Referência no Brasil inteiro e cada cidade nossa do Brasil é diferente, a gente tem uma cultura diferente, a gente tem uma especificidade, então assim, existem sim muitos alunos que não são elegíveis para o esporte, por exemplo de competição, mas que são atendidos sim nos centros de referência, então a gente tem alunos com deficiência auditiva, alunos com autismo por exemplo, com deficiências intelectuais que não são elegíveis, mas existem sim, é uma parcela menor, é uma parcela que para pratica esportiva, não tem problema nenhum, só que é uma parcela que hoje não consegue competir devido às limitações das classificações funcionais das modalidades.

**Pesquisador:** Entendi, aí existe um projeto específico para as pessoas com transtorno do espectro autista?

**Entrevistado A1:** Então, não cara, do CPB não, do CPB tinha uma parceria até pouco tempo atrás, ela se encerrou, com a Secretaria Nacional do paradesporto, que é o TEA ativo, que inclusive é um projeto muito bacana. Então, o nosso diretor Ramon Pereira, ele reescreveu esse projeto, apresentado na época, no ano passado, para o secretário em atividade, foi aceito! A gente conseguiu até inclusive colocar alguns profissionais desse TEA ativo, com recurso aí do projeto, para atuar dentro do Centro de Referência, só que o projeto acabou se encerrando e não foi renovado. Hoje o CPB, instituição Comitê Paralímpico Brasileiro, não tem nenhum projeto voltado especificamente para pessoas, crianças e jovens, com transtorno do espectro autista (TEA).

**Pesquisador:** Não, beleza! Entendi! Aí a 12, na nossa pesquisa, a gente pretende conhecer quais são as atividades de cinco Centro de Referência Paralímpico do Brasil, sendo um de

cada região brasileira. Você poderia nos indicar quais são os cinco centros mais atuantes ou com maior número de participantes de cada região?

**Entrevistado A1:** Perfeito! Com certeza, a gente vai contar aqui também em Goiás? *(Pesquisador: Pode ser!)* Então pode ser que Goiânia com a parceira com o município, lá na região sudeste, a gente pode contar com São Paulo, no CT que hoje é nossa matriz, onde fica o Comitê Paralímpico Brasileiro. Na Região Sul, Blumenau que hoje é uma potência também, atende, eles estão atendendo lá mais ou menos 400 alunos. *(Pesquisador: Santa Catarina?)* Sim, Santa Catarina! Brasília, na verdade, já está aqui em Goiânia, então não conta. *(Pesquisador: Mas Brasília também é um dos maiores?)* Sim, é também um dos mais antigos, então tem muita força também, lá no Sudeste a gente também tem a UFMG. No Nordeste hoje, nós temos uma força bem grande me Recife, Recife acho que seria a cidade do Nordeste hoje indicada, e lá no Norte, a gente tem nos 5 Estados do Norte, se não me engano são 5, o Amapá tem feito um trabalho muito bacana, Roraima também tem feito um trabalho muito bacana, acredito que o Amapá seria mais representativo, por conta da distância, né? Por conta da dificuldade que o estado tem né, assim até de profissionais capacitados, mas que fazem um trabalho realmente muito bacana, principalmente por eles terem muitas pessoas com nanismo lá, muitas crianças com nanismo, então assim tem um público que participa do esporte paralímpico que a grande maioria dos estados do Brasil não tem, entendeu? Acredito que é uma parceria bacana de você ver e conhecer, e se puder abrir para outros centros de referência, a gente também consegue, sem problema nenhum.

**Pesquisador:** Aí, a última, quais os planos/futuro que o Comitê Paralímpico imagina para os Centros de Referência? Vão crescer em números até quanto for possível ou chegará um momento em que eles acabarão?

**Entrevistado A1:** É, assim a ideia não é acabar né, pelo contrário, a ideia é exatamente crescer, né cara, eu não sei se é uma utopia, mas pessoalmente falando assim, a ideia é crescer cada vez e quem sabe a gente consiga atender aí 10% dos municípios do Brasil, por exemplo ou mais do que isso. Sendo que, tem uma limitação, a nossa presidência que está hoje no Comitê ela se encerra em 2024, e ela não pode ser, hoje o nosso presidente não pode ser reeleito, por exemplo, então hoje a nossa meta até 2024 é chegar a 100 centros, tá? A gente espera que nossos próximos anos, o comitê hoje é uma instituição fortíssima, que seja eu estiver lá, ou nosso presidente ou qualquer outra pessoa que esteja a frente, que consiga seguir

com esses projetos, para que cada vez mais ele cresça, então pelo contrário, hoje a nossa meta é chegar em 100 até 2024, mas a gente espera muito mais, se Deus quiser, a gente vai poder estar contribuindo, mas se não tiver, espero que esse projeto continue crescendo cada vez mais e atendendo cada vez mais pessoas no Brasil inteiro e que a gente mude um pouquinho esse cenário de que a criança, ela não pratica esportes na escola, a criança com deficiência ela não tem acesso, muitas vezes ela é liberada apresentando um atestado médico, a nossa ideia é mudar esse cenário, além do Centro de Referência, essa criança conseguir praticar esses esportes na escola dela, na vizinhança dela, no município dela, independente de projetos como o Centro de Referência, então a ideia do Comitê hoje é massificar, que todo tenha acesso ou grande parte, porque a gente mantém mais essa dificuldade, aí só não vai fazer o esporte se ele não quiser, se a criança não quiser. Mas não é, a ideia é ela não deixar de fazer porque não tem oferta, tem oferta aí vai quem quer, vai quem a gente sempre trabalha aí nesse caso, com a vontade das pessoas de querer ou não, mas a ideia é ter a oferta, muitas vezes as pessoas queriam, queriam, mas também não tinham. Ficava por isso mesmo, hoje a gente tem, a gente tem condições de falar “ah lá em Roraima, eu tenho? Tenho! Temos um Centro de Referência lá”; “lá em Goiânia, tem? Tenho dois lá!”; “Lá no Sul tem? Tenho em Blumenau!” Então essa é a grande ideia, a grande sacada do Centro, a gente ter espaço para que as pessoas consigam ir até lá e quanto mais a gente conseguir abrir, se tiver aí realmente essa vontade dos gestores, dos nossos gestores, a gente vai abrindo cada vez mais.

**Pesquisador:** Não, entendi! Aí teria mais alguma coisa que você poderia falar? Assim que não está aqui no nosso script.

**Entrevistado A1:** Ah cara, então é isso que eu falei, é um projeto hoje que eu tenho uma alegria imensa de estar a frente dele, ele é um projeto que vem crescendo muito, acho que eu nem falei aqui assim, hoje a gente atende mais de 5 mil alunos, mas a nossa ideia é atender 10 mil, 20 mil, hoje a gente tem o festival paralímpico que a nossa meta esse ano é atender 18 mil crianças com deficiência simultaneamente, entendeu? Em duas datas, a ideia é essa, a ideia do Comitê Paralímpico Brasileiro, isso vem de cima para baixo, desde o meu presidente, o meu diretor direto, assim a nossa ideia é massificar mesmo, chegar aos locais e ver que as pessoas com deficiência estão sendo atendidas, e não somente atendidas, estão sendo bem atendidas, por profissionais capacitados. Com pessoas que não estão ligadas diretamente, mas que estudam sobre o Centro, que vão poder pesquisar e falar mais sobre esse trabalho, que não é meu, do CPB, do Entrevistado A1 ou do Ramon e nem do Misael que é o presidente, mas de

toda comunidade da pessoa com deficiência, que hoje é muito atuante, que tem cada vez, cada ano que passa, mais relevância em nosso país e a gente espera que cada vez tenha mais, que a gente, né, que essas pessoas sejam ouvidas, tenha voz e não tenham só acesso ao esporte paralímpico, onde também qualquer outra atividade né, que seja do direito delas, eu acredito que é isso.

**Pesquisador:** Não, então é isso! Valeu!

**Entrevistado A1:** Show de bola meu parceiro!

**Pesquisador:** Muito obrigado! Top demais!

#### Entrevista A2 - Coordenadora Centro de Referência Paralímpico de Campo Grande - MS

**Pesquisador:** Hoje qual é a sua função no Comitê Paralímpico Brasileiro?

**Entrevistado A2:** Eu sou coordenadora do Centro de Referência Paralímpico de Campo Grande.

**Pesquisador:** Então é no Mato Grosso do Sul? (**Entrevistado A2:** Isso!) Tem apenas um no MS?

**Entrevistado A2:** Só! Tem mais dois que estão em conversa para abrir, só que estão em questões burocráticas, um acho que vai sair aqui em Dourados, o outro acho que não vai sair não.

**Pesquisador:** Não, entendi! Aí a sua formação é qual?

**Entrevistado A2:** Sou formada em Licenciatura em Educação Física e tenho mestrado também.

**Pesquisador:** Mestrado na área da Educação Física mesmo?

**Entrevistado A2:** Isso! Educação Física!

**Pesquisador:** Você é uma pessoa com deficiência?

**Entrevistado A2:** Não!

**Pesquisador:** Agora passando para a próxima parte aqui, já sobre o centro de referência. Quantas pessoas com deficiência são contempladas no seu Estado, pelo Centro de Referência Paralímpico?

**Entrevistado A2:** Hoje nós estamos com 138 inscritos.

**Pesquisador:** Muito bom! Quais modalidades seu estado está oferecendo atualmente?

**Entrevistado A2:** Nós temos atletismo, natação, bocha, futebol para paralisados cerebrais, basquete em cadeira de rodas, tiro com arco, goalball e judô.

**Pesquisador:** Quais são os perfis de deficiência que estão mais presentes?

**Entrevistado A2:** Aqui nós temos majoritariamente deficiência física, acho que 70% é deficiência física.

**Pesquisador:** Vocês aceitam pessoas com deficiência não legíveis para o esporte paralímpico? Tem pessoas com TEA, surdez, síndrome de Down, entre outros na mesma condição?

**Entrevistado A2:** Então, se ele tiver outra deficiência, se for só a deficiência que não é elegível, aí depende do professor, se ele consegue atender. A gente não divulga, mas chegam alguns casos, a gente avalia e se o professor conseguir atender, pode atender! Mas são poucos alunos não elegíveis que a gente tem!

**Pesquisador:** Beleza, mas vocês possuem uma média de idade das pessoas beneficiadas pelo projeto?

**Entrevistado A2:** Não tenho uma média, mas eu sei que a maioria está entre 18 e 35 anos.

**Pesquisador:** Então o público é mais adulto? (**Entrevistado A2:** É)

**Pesquisador:** Tem turmas específicas para adultos?

**Entrevistado A2:** Geralmente depende dos horários assim, mas geralmente é misturado, só algumas turmas que são separadas que é pra iniciação, que é das crianças principalmente! Mas as de adultos geralmente é misturada.

**Pesquisador:** Entendi! E tem alguma turma para bebês com deficiência?

**Entrevistado A2:** Não, nossa idade mínima é 7 anos.

**Pesquisador:** Entendi! E como são divididas as turmas?

**Entrevistado A2:** Então, as turmas são divididas a depender da modalidade, mas assim, é o desenvolvimento na modalidade, que é geralmente iniciação e quem treina já faz um tempo. Por exemplo: a natação tem a turma só da iniciação e daí tem a outra turma que vai pra transição e rendimento que treina tudo junto.

**Pesquisador:** Entendi! Então basicamente são divididos em duas turmas? Iniciação e da transição para o alto rendimento? (**Entrevistado A2:** Isso!)

**Pesquisador:** Beleza! Aí agora sobre as condições para o ensino dos esportes paralímpicos. Os locais são adequados para a prática dos esportes paralímpicos? Como é sua estrutura? Possui material adequado?

**Entrevistado A2:** Sim, são adequados! Assim, nosso centro de referência é diferente de outros, pois não é em um lugar só, são em vários polos, tem atendimento em instituições também, que nem instituto de cegos, na APAE. Então esses locais são bem adaptados, aí também na universidade federal também quando não tem a adaptação pra alguma coisa. Agora faz alguns meses que a gente começou o tiro com arco nos espaços e não tinha como os cadeirantes chegarem no local que seria realizado, aí foi um professor construiu uma rampinha lá, um acesso para que pudessem chegar. Mas a maioria por atender em lugares e instituições especializadas, são acessíveis.

**Pesquisador:** Compreendi! Como é o transporte dos alunos/atletas até o local que será desenvolvido as práticas? Tem algum transporte específico?

**Entrevistado A2:** Não, estamos em busca disso, tentando conseguir parcerias para que tenha um maior número né, para que o ônibus leve os alunos para as aulas

**Pesquisador:** Beleza! Como funciona a captação dos atletas? A propaganda em geral é suficiente? Ou tem que ser através de captação interpessoal?

**Entrevistado A2:** É, a gente tenta pelo Instagram fazer uma divulgação, aqui o nosso centro é conveniado com a secretaria do estado, com a fundação de esporte. Então a fundação de esporte também publica algumas coisas sobre o centro de referência, parte de mídias sociais para tentar alcançar mais pessoas e a gente vai nas escolas né, principalmente quando tem os festivais paralímpicos, a gente vai maciçamente nas escolas da região e daí já divulga o centro de referência e no festival paralímpico. A gente fala e entrega um folderzinho, para divulgar o centro de referência. Mas é isso, é uma busca propriamente nas escolas e também vou em algumas instituições, falar sobre o centro de referência, principalmente instituições que tenham pessoas com deficiência.

**Pesquisador:** Entendi! Aí assim em relação às competições e relacionamento familiar. Vocês possuem condições financeiras de ir para competições e levar os atletas?

**Entrevistado A2:** Então, geralmente os atletas que treinam no centro de referência acabam, os próprios professores que dão aula, geralmente são vinculados a alguma associação, então eles treinam daí quando estão prontos para uma competição vão para associação desse professor e a Fundesporte mesmo ela dá passagens. Então assim, a gente faz um planejamento e tal, envia das modalidades e a maioria das passagens, a Fundesporte acaba oferecendo para que possam ir para as competições, essa parceria.

**Pesquisador:** O nome da associação é Fundesporte?

**Entrevistado A2:** Fundesporte é a fundação do esporte e lazer do Mato Grosso do Sul.

**Pesquisador:** Entendi! Quando vão para as competições, a família vai junto? Como funciona essa questão?

**Entrevistado A2:** Não, geralmente consegue ou passagem de ônibus ou passagem de avião. Por exemplo, a bocha que tem o Staff que geralmente vai a mãe ou o pai, mas geralmente vai só o atleta.

**Pesquisador:** Na bocha vai o Staff para segurar a calha! Como funciona a participação da família no dia a dia no Centro de Referência? E como é a participação nas competições?

**Entrevistado A2:** Olha, aqui no MS tem poucas competições, geralmente as modalidades principalmente escolares é uma competição quando tem seletiva, sendo atletismo, natação, tênis de mesa, parabadminton e bocha, que tem geralmente. Aí os pais estão presentes, mas quando viajam não estão e nos treinamentos não tem uma proximidade muito grande assim dos pais e não tem nada voltado para os pais no nosso centro de referência. Estamos querendo implementar também uma ideia bem legal, então assim tem uns pais que deixam o atleta para treinar e depois voltam para buscar, alguns poucos ficam assistindo o treino, mas é assim!

**Pesquisador:** Não, entendi! As instituições de direito da pessoa com deficiência participam de alguma forma?

**Entrevistado A2:** Então, algumas dessa forma que eu falei, ahh o professor ele ministra lá uma modalidade e é dessa instituição. E aí a instituição vai participar né, dando uniforme e fornecendo coisas para os campeonatos, fora isso nosso apoio mesmo é mais da fundação do esporte.

**Pesquisador:** Em relação também a isso, a Secretaria de Esportes aí do MS atua junto ao CRP?

**Entrevistado A2:** Então é a Fundesporte que aqui chama fundação, não é secretaria.

**Pesquisador:** Então aí vocês possuem apoio de políticos ou de empresas privadas?

**Entrevistado A2:** A gente está fechando parcerias com o círculo militar e com o SESC, agora outras empresas e políticos a gente também não tem!

**Pesquisador:** Entendi! Há dificuldades relacionadas à acessibilidade em eventos e competições? Como o Comitê lida com essas questões para garantir a participação dos atletas?

**Entrevistado A2:** Então, geralmente quando tem alguma competição aqui por exemplo, dos centros de referência, agora os meetings, locais são escolhidos antes, mas a gente teve problema por exemplo, com tiro esportivo, a gente teve um meeting esse ano, a gente não encontrou um stand que fosse acessível e a gente conseguiu um local por fim que não era um stand que a gente adaptou e tal, teve essa dificuldade. A gente tem essa dificuldade do tiro esportivo aqui, agora o restante: atletismo, natação, geralmente a gente consegue espaços que geralmente desenvolvem as competições e que já são adaptados.

**Pesquisador:** Entendi, então o tiro esportivo foi realizado aí no MS?

**Entrevistado A2:** Foi! No meeting deste ano foi!

**Pesquisador:** Agora em relação aos aspectos sociais e pessoais dos atletas. Como é a alimentação dos atletas? Eles possuem dificuldades alimentares? Achar que é uma alimentação adequada?

**Entrevistado A2:** Olha, a maioria não, assim que a gente tem assim, tem uns atletas da bocha mais comprometidos, alguns usam sonda, para além disso não tenho conhecimento.

**Pesquisador:** Os atletas possuem ou adquirem alguma lesão com a prática?

**Entrevistado A2:** Desde que eu estou no centro de referência, tirando assim as vezes lesões no treino, ahh no judô, acontece muito, já aconteceu de romper ligamento no joelho, lesionar clavícula. No judô principalmente acho que é o que tem mais lesões, pois tem contato direto né e tal.

**Pesquisador:** Hum, entendi! Você está no Centro de Referência faz quanto tempo?

**Entrevistado A2:** Eu estou há 3 anos, 1 ano como professora de Goalball e 2 anos como coordenadora, desde que começou aqui.

**Pesquisador:** Entendi! Quais as dificuldades mais encontradas para as pessoas com deficiência possuírem acesso ao esporte paralímpico pelo CRPB?

**Entrevistado A2:** Eu acho que hoje aqui é realmente o conhecimento que eles têm a opção do centro de referência, que é gratuito. Que eu vou nos lugares e nas escolas e falam: “Ah, mas eu não sabia que tinha”. Todo lugar que eu vou tento divulgar, se eu vejo alguém na rua, eu vou falar! Então assim, falta eles saberem, eu tento divulgar das formas que eu posso, mas saber que tem, mas tem alguns casos de questão de horário, porque tem algumas escolas do Estado que são em tempo integral e aí não consegue treinar mais, porque não tem horário e/ou os pais não conseguem levar, são essas as dificuldades.

**Pesquisador:** Existe algum tipo de suporte psicológico disponível para os atletas? Se sim, como é realizado e qual a frequência desse acompanhamento?

**Entrevistado A2:** Não, nós estamos em busca na universidade dessa parceria com o psicólogo mesmo, mas não temos nenhum psicólogo, nem fisioterapeuta, nenhuma parceria ainda. (**Pesquisador:** Nem nutricionista?) Não, só o treinamento mesmo.

**Pesquisador:** Compreendi! O CRPB realiza atividades que promovam a inclusão social dos atletas fora do ambiente esportivo? Quais ações são desenvolvidas para facilitar essa integração?

**Entrevistado A2:** De eventos né, geralmente é mais voltado para modalidades, ahh o atletismo faz a confraternização ou algum evento, mas de forma geral não, com todos do centro não!

**Pesquisador:** Entendi, mas assim, fora da questão esportiva, tem algo de incluir eles na sociedade?

**Entrevistado A2:** Olha a gente está sempre assim, todo mundo sabe que eu trabalho com isso aqui, então se tem alguma oportunidade, por exemplo: vaga de emprego para PCD. Me passam e eu divulgo, mas de forma direta assim, constante não! São ações pontuais!

**Pesquisador:** Entendi! Agora sobre a formação da equipe, vocês têm facilidade para encontrar profissionais para atuarem no CRP?

**Entrevistado A2:** Então aqui, o salário, o piso assim enquanto professor é alto. Então o salário do CPB pra gente é bem complicado porque é baixo, então pra ser contratado pelo CPB, tem que ser um professor que realmente goste muito, que queira um propósito maior para estar ali. Fora isso, a gente tem a parceria lá com a Fundesporte, com a secretaria de educação do estado, aí a gente consegue ceder os professores, então eles são contratados por um programa da fundesporte, programa de esporte escolar e aí eles atuam com o centro de referência, aí dessa forma eu consigo de uma forma mais fácil os professores.

**Pesquisador:** Uhum, entendi! Então o problema maior é o valor salarial aí?

**Entrevistado A2:** É! Complicado!

**Pesquisador:** Complicado! Você acredita que a formação na universidade é suficiente para essa atuação?

**Entrevistado A2:** Não, a universidade não fornece quase nada de questão específica né, aí cada professor tem que fazer o curso da modalidade ou uma especialização, a prática mesmo também proporciona muito conhecimento né, mas a universidade em si, nessa área ainda é bem pobre né, assim de conhecimento.

**Pesquisador:** É, realmente! Então, nesse caso, os cursos oferecidos pelo CPB, na educação paralímpica, eles são suficientes para a atuação?

**Entrevistado A2:** Não sei se são suficientes, mas acho que hoje são essenciais assim, então estou sempre mandando para os professores, ahh abriu curso de basquete, mando para o professor de basquete, nível 2, nível 3. É muito legal isso que eles estão fazendo essa especialização agora, estão lançando bastante curso, então eu acho que agrega bastante na

formação deles, mas ainda acho que a prática, às vezes eles fazem esse intercâmbio com outros professores e aí é uma forma de adquirir conhecimento.

**Pesquisador:** Realmente! Qual formação ou curso você acha que poderia colaborar com a atuação e formação de atletas no CPB?

**Entrevistado A2:** Formação dos atletas?

**Pesquisador:** Isso! Os professores fazem para formar melhor os atletas.

**Entrevistado A2:** Ah tá, olha eu acho que esses cursos de modalidades, nível 1, 2 e 3, são muito bons assim. É claro que eles são focados mais no atletismo e na natação né, não tem mais cursos das outras modalidades, por exemplo goalball que é minha modalidade que faz o nível 1, nível 2 com um professor especialista, acho que cursos não voltados só para o treinamento, mas questão psicologia do esporte, pois a gente que é técnico, a gente tem que fazer de tudo um pouco, o básico assim de psicologia, de nutrição e até de fisioterapia. Não que a gente vá atuar como fisioterapeuta, mas o básico ali do corpo, de lesões e tal, acho que é interessante para os professores no dia a dia deles desenvolverem, ter esse conhecimento.

**Pesquisador:** Não, entendi! Eu não perguntei antes, não está aqui, mas é algo que estou perguntando para os outros professores também, se você sabe quantos pessoas atuam aí com você no CRPB de MS? Entre professores e estagiários.

**Entrevistado A2:** Então eu tenho 8 professores hoje e aí a questão dos estagiários, eu tenho um pouco de dificuldade, porque eles vêm só pela universidade federal e aí entra naquela questão que eles fazem geralmente quando é disciplina lá de estágio ou disciplina de adaptadas, então tem essa variação, cada semestre tem um tanto de alunos, entendeu? Aí é só no período lá do estágio e atuam principalmente no atletismo e na natação, acaba que nas outras modalidades, eu não tenho estagiário, não tenho ninguém! Então aí por volta de 4 a 5 estagiários por semestre que vão estagiar, então falar que eu alcanço 15 profissionais aí.

**Pesquisador:** Então sempre varia em cada semestre, nunca teve nenhum que vigorou?

**Entrevistado A2:** Falar aí que teve uns 2 que depois quiseram trabalhar, mas aqui a gente está trabalhando para essa questão de formação de profissionais, tentando já na universidade, fazer os seminários, os cursos, para que eles saiam da universidade e vão trabalhar. Porque realmente, os profissionais que trabalham aqui são muito bons, mas que são antigos, falta essa renovação de profissionais,

**Pesquisador:** Entendi! Algum dos seus professores é alguma pessoa com deficiência?

**Entrevistado A2:** Não!

**Pesquisador:** A pergunta que eu coloquei, era se tinha algum profissional atuando dentro do CPB, mas no CPB eu sei que tem, mas você sabe se no CRPB tem algum professor, não precisa ser só do MS, mas tem algum professor que seja uma pessoa com deficiência?

**Entrevistado A2:** Sim, sei que tem alguns centros de referência mesmo que tem, Maringá mesmo, o professor de basquete em cadeira de rodas, se não me engano é cadeirante e já vi sim no centro de Prudente, o coordenador mesmo acho que é um atleta da nataçao paralímpica.

**Pesquisador:** Humm, entendi! A última questão é se tem mais alguma questão que gostaria de abordar que acredita que pode favorecer essa pesquisa?

**Entrevistado A2:** Ahh só um resumo mesmo, acho que o centro de referência é um projeto que veio para realmente desenvolver o esporte paralímpico no Brasil, agregar! Aqui no caso do MS, nós somos um estado assim que as pessoas não dão muito, não é muito conhecido, mas estamos ali entre os 10 primeiros nas paralimpíadas escolares. Entre os 5 primeiros, é um esporte que tem um bom desenvolvimento de base, mas o CRPB proporciona que mais crianças principalmente participem né. Então eu acho que a gente consegue disseminar, querendo ou não tem essa semente e a gente está tentando levar para o interior também, fomentar e fazer a formação de professores, para que mais pessoas trabalhem, atendam mais pessoas com deficiência, então acho que foi uma ideia muito boa, que vai dar uns frutos daqui uns anos assim, vai dar um *boom* de praticantes né, no esporte paralímpico.

**Pesquisador:** É, tomara! E a gente já viu nessas últimas paralimpíadas de Paris, o Brasil pegando 5º lugar, se continuar nesse empenho todo e aumentar os centros de referência, em Los Angeles, vai ser incrível.

**Entrevistado A2:** Sim, vai ter gente de todas as classes, porque pessoas com deficiência têm bastante em nosso país.

**Pesquisador:** O único difícil pra mim pelo menos, em pensamento é a deficiência intelectual, achar atletas e incentivar eles a praticar, porque em sua maioria, pelo menos aqui no meu estado, a gente acha apenas pessoas que possuem deficiência intelectual que possuem síndrome de down e eles, como podemos perceber nunca acha uma pessoa com síndrome de down em uma paralimpíada, devido as classificações, é complicado!

**Entrevistado A2:** É, aqui a gente tem bastante intelectuais, mas geralmente eles estão no TEA, porque também é muito difícil ter só deficiência intelectual, geralmente eles têm outras coisas no laudo.

**Pesquisador:** Pois é, é uma deficiência que ela é difícil de falar que a pessoa possui, além da classificação tem que ser descoberto antes da maioridade, aí é complicado. Quando a gente para pra olhar é difícil achar estudos de pessoas com deficiência intelectual, por isso que as deficiências físicas e visual são as mais fáceis de dar aula, ensinar e tudo mais.

**Entrevistado A2:** Sim, verdade!

**Pesquisador:** Então Entrevistado A2, basicamente é isso, a gente conseguiu contemplar todas as questões! Obrigado!

**Entrevistado A2:** Eu que agradeço!

#### Entrevista A3 - Coordenador Centro de Referência Paralímpico de Cáceres - MT

**Pesquisador:** Qual sua função no Comitê Paralímpico Brasileiro?

**Entrevistado A3:** Eu sou supervisor do CRPB de Cáceres aqui no Mato Grosso, onde funciona o Comitê Paralímpico.

**Pesquisador:** Qual sua formação?

**Entrevistado A3:** Eu sou bacharel em Educação Física, sou formado pela Universidade Federal de Londrina, tenho mestrado também na área de atividade física e saúde também pela Universidade Federal de Londrina.

**Pesquisador:** Beleza, você é uma pessoa com deficiência?

**Entrevistado A3:** Não!

**Pesquisador:** Vamos passar para próxima etapa, sobre o perfil e quantidade das pessoas atendidas, gostaria de saber quantas pessoas com deficiência são contempladas no seu Estado, pelo Centro de Referência Paralímpico?

**Entrevistado A3:** No estado, eu não tenho essa informação, porque nosso centro atua aqui em Cáceres, a gente tem outro centro que é o centro de Várzea Grande, atualmente sendo atendidos de maneira regular no projeto, nós temos 56 alunos com deficiências físicas e intelectuais, deficiência visual não temos nenhum aluno participando.

**Pesquisador:** Hmm, beleza! Aí em Cáceres que você falou, no MT, são dois centros que vocês tem?

**Entrevistado A3:** Isso! Aqui em Cáceres e em Várzea Grande, que fica na região da capital, perto de Cuiabá, na região metropolitana de Cuiabá.

**Pesquisador:** Compreendi, beleza! Quais modalidades seu estado oferece?

**Entrevistado A3:** Aqui nós temos natação, atletismo, badminton e bocha. Então essas 4 modalidades, nós começamos o projeto com natação e badminton, a gente foi identificando as demandas por tipo de deficiência. Também é uma questão estrutural, por exemplo no período

de inverno, a nossa piscina não é coberta e nem aquecida, então a gente teve que pensar em outra lógica de prática, daí a gente colocou o atletismo também.

**Pesquisador:** Beleza! Aí, você falou quais perfis de deficiência que estão mais presentes, mas assim entre os de deficiência física e é o visual que vocês não têm, né?

**Entrevistado A3:** Isso! Que a gente não tem pessoas com deficiência visual, em Cáceres em poucas pessoas, a gente tem mapeado nas escolas aqui 2 alunos, mas aqui o processo para até eles fazerem a matrícula e começar a participar das atividades do CRPB é um pouco demorado, as vezes tem, muitos deles têm dificuldade de transporte e liberação médica, então esse processo às vezes acaba demorando um tempinho.

**Pesquisador:** Compreendi! Entre os que possuem deficiência física, quais são os perfis de deficiência mais presentes?

**Entrevistado A3:** A gente tem bastante alunos com paralisia cerebral e mielomeningocele, mas a gente tem algumas amputações e má formação também de membro, mas grande número é paralisia cerebral e mielomeningocele, a gente tem alguns alunos com baixa estatura também.

**Pesquisador:** Entendi, e deficiência intelectual?

**Entrevistado A3:** Deficiência intelectual também temos, temos alguns alunos com síndrome de down, também é um público relativamente grande dos que a gente atende, e a gente conseguiu manter o atendimento aos alunos com autismo, a gente tem um conjunto grande dos alunos que além do autismo, tem a deficiência intelectual, então acaba entrando pro movimento paralímpico, a gente tem uma pequena parcela dos alunos que atendemos que tem só o autismo, não tem nenhum comprometimento intelectual.

**Pesquisador:** Hum, entendi! Interessante! Basicamente a 8ª pergunta era sobre o que você acabou de falar, se vocês atendiam algumas pessoas que não são elegíveis para o esporte paralímpico e no caso, não tem pessoas com surdez?

**Entrevistado A3:** A gente não atende, inclusive a gente começou a estreitar nossa relação com a associação de surdos aqui, mas a gente por enquanto não atende essas pessoas e os alunos com síndrome de down que a gente atende são todos menores de idade, a maioria, então eles ainda conseguem participar das paralimpíadas escolares, então a gente atende esse pessoal nessa faixa etária.

**Pesquisador:** Beleza, então a idade média das pessoas beneficiadas pelo projeto, está mais entre a idade pré-estabelecida pelo CPB, que é dos 7 aos 17?

**Entrevistado A3:** Sim, isso! A gente começa a atender a partir dos 6 anos de idade, então a gente percebeu aqui uma carência gigantesca no processo de desenvolvimento motor e cognitivo dessas pessoas, então a gente puxou um pouco pra baixo a idade que a gente atende, então a gente começa atender a partir dos 6 anos de idade.

**Pesquisador:** Tem turmas específicas só para adultos?

**Entrevistado A3:** Não! A gente começou a estudar essa ideia agora, então a gente até uns 2 meses atrás, a gente estava bem restrito a ideia mesmo do que o CPB preconiza pro centro de referência né, essa ideia inicial de atendimento e para as pessoas mais velhas serem basicamente atletas já. Não esse atendimento pensando no projeto reabilitar, a gente não tinha entrado muito nele, mas agora a gente já está estudando essa possibilidade de atender essas pessoas de maior idade.

**Pesquisador:** Não, tranquilo! Então, no caso, não possuem turmas de bebês com deficiência?

**Entrevistado A3:** Bebê não!

**Pesquisador:** Tem alguma questão específica para divisão das turmas, por exemplo alto rendimento e iniciação esportiva?

**Entrevistado A3:** Antes do centro de referência acontecer aqui em Cáceres não tinha nada de prática esportiva, o projeto está implementando já tem uns 2 anos e meio, agora uma turma de badminton começa a já estar em um nível que precisa de um momento específico de início de aprofundamento e aperfeiçoamento na modalidade, então por enquanto é a única modalidade

que tem uma turma específica pensando no alto rendimento já. (**Pesquisador:** Só no badminton?) Isso! Só no badminton, no atletismo e na natação ainda não, grande parte dos nossos alunos que estão indo para competições agora, por exemplo para parolimpíadas escolares, eles têm aí 1 anos e meio no máximo de prática esportiva, então ainda não está nesse momento de especializar muito. Então a gente não precisa ainda fazer essa separação deles por turma específica.

**Pesquisador:** Beleza! Tranquilo! Aí agora das condições para o ensino dos esportes paralímpicos. Os locais são adequados para a prática dos esportes paralímpicos? Como é sua estrutura? Possui material adequado?

**Entrevistado A3:** O ginásio que a gente utiliza, ele é adequado, ele dá conta da gente realizar as atividades. A piscina não tem tantas adaptações assim, então eu penso em rampa de acesso para o chuveiro ali, eu não tenho essa estrutura! Mas, nada impede da gente realizar as atividades, a gente consegue desenvolver tranquilo, a gente está com a reforma aqui da pista da universidade, então a pista está sendo reformada, daí totalmente acessível, então do ponto de vista de estrutura física não temos muito do que reclamar, a gente consegue atender bem, banheiro e tudo isso é tranquilo. Só a piscina que é um pouco mais limitada, principalmente o chuveiro ali do entorno da piscina, de material quando o centro foi implementado aqui, o espaço em que o centro está inserido, que é o centro interdisciplinar de pesquisa em esporte e exercício físico, já tinha uma estrutura muito boa de material, então desde o começo a gente não teve problema com acesso a material e o aporte que o CPB faz todo ano para aquisição de materiais, de acordo com as demandas do CRPB, tem dado conta de atender toda nossa demanda de materiais sem problema nenhum.

**Pesquisador:** Humm beleza, interessante! Tem alguma especificação para o transporte dos alunos? Como ele é? Da casa deles até o local das práticas.

**Entrevistado A3:** É, isso foi uma barreira que a gente encontrou aqui bem grande, logo no início do projeto, muitas pessoas não tinham a condição de vir justamente por não ter o transporte, então Cáceres é uma cidade que não tem transporte público, é uma cidade que tem 90 mil habitantes e a cidade não tem transporte público e o nível socioeconômico geral da cidade é muito baixo, então o principal meio de transporte aqui é bicicleta e moto. Então você pensa em uma pessoa na cadeira de rodas, então muitas vezes não tem condição, então a gente

fechou uma parceria com a secretaria de educação do município e a gente tem o acesso ao transporte escolar no período que esse transporte fica ocioso, então a gente utiliza isso! O transporte passa na casa dos alunos, pega eles, traz pro projeto, depois leva de volta pra casa, a gente começou a ter esse transporte 2 vezes por semana, no período da manhã e da tarde, agora eles nos atendem 4 vezes por semana, no período da manhã e da tarde.

**Pesquisador:** Nossa, muito bom! Como é a captação dos atletas? A propaganda em geral é suficiente? Ou tem que ser através de captação interpessoal?

**Entrevistado A3:** É, isso foi algo que no começo a gente bateu um pouco de cabeça aqui, então quando a gente começou a divulgar o projeto, a gente foi para todas rádios, todas as Tvs, reportagem e a gente viu que as pessoas não chegavam e daí tem 2 pontos, o primeiro é realmente essa necessidade de um contato direto com as pessoas que estão envolvidas no projeto, para as famílias terem essa percepção que essas pessoas entendem do que estão fazendo, tem relação com a percepção inicial aqui, pois muitas pessoas não sabiam que elas poderiam fazer uma prática esportiva. Aqui no interior ainda a gente tem muitas pessoas com essa percepção de que “putz! Meu filho não pode fazer isso, será que é certo? É perigoso?”. A gente encontrou um pouco dessa barreira e também a gente percebeu que anteriormente umas ações começaram e terminaram, em relação ao atendimento da pessoa com deficiência na prática esportiva, isso foi uma barreira principalmente no primeiro ano do projeto, então muitas pessoas sabiam que o projeto acontecia, só que eles com esse receio de que isso vai acabar daqui 2 a 3 meses, então acabo não inscrevendo meu filho. A partir do segundo ano do projeto, tivemos um crescimento muito expressivo no número de participantes, principalmente quando eles começam a entender que isso é um projeto a longo prazo e tem continuidade, então isso que a gente utilizou como estratégia, primeiro divulgação não surtiu muito efeito, depois um contato direto, mas acho que é muito mais um questão cultural que acabou impedindo a vinda desses alunos de primeiro. Direto a gente está nas escolas, rodando as escolas, fazendo um convite e demonstração das atividades que a gente desenvolve aqui.

**Pesquisador:** Entendi! Esse tema é engraçado que aqui foi a mesma coisa, aqui em Goiás, o pessoal tinha muito receio de começar a adentrar os filhos e tudo mais, até o pessoal que é mais adulto que tem aqui que participa, tinha mais receio de praticar, porque não sabiam se eles podiam e como que era, só foram realmente começar a praticar, quando viram amigos, familiares e as competições, como esse final de semana mesmo, teve os jogos paralímpicos

abertos, onde tiveram várias modalidades que no momento pelo menos aqui em Goiânia, o que mais tem ênfase é o atletismo e a natação, o vôlei sentado tem um atleta só que é da seleção brasileira, mas que está ainda desenvolvendo bastante. Então assim, a gente só percebeu que as coisas aqui começaram a encaminhar, quando teve mais esse contato pessoal um com o outro, o pessoal chega e convida outras pessoas com deficiência para participar, por exemplo aqui tem várias associações de pessoas com deficiência, aí quando chega lá, divulga e apresenta pra eles, que aí sim começa a prática esportiva.

**Entrevistado A3:** Aqui em Cáceres, por exemplo, até um mês e pouco atrás não tinha nenhuma associação para pessoa com deficiência regularizada, então por exemplo o centro está dentro da universidade, foi possível mobilizar o curso de direito que auxiliou justamente nessas associações de pessoa com deficiência. Por exemplo, a gente não tinha nem onde ir atrás, as pessoas estavam espalhadas aleatórias, mais um impacto que o centro de referência tem, nessa ideia de formalização dessas entidades de representação social.

**Pesquisador:** Realmente! Outra questão. Vocês possuem condições financeiras de ir para competições e levar os atletas?

**Entrevistado A3:** A gente tem conseguido levar os atletas para algumas competições, enfim o que envolve a parolimpíada escolar, é basicamente responsabilidade do estado, o estado tem dado conta disso. Para as competições sem ser a parolimpíada escolar, a gente tem dado um foco justamente por conta do perfil dos alunos maior no badminton, então a gente tem conseguido levar os atletas para participar das competições nacionais do badminton, então desde o ano passado a gente tem levado esses alunos, a gente tem alguma verba interna que basicamente é capaz de custear algumas diárias, então muitos alunos não tem condição de pagar alimentação, enfim dentro dos projetos que a gente desenvolve aqui, a gente tem alguns valores de diárias, e a secretaria de estado de esporte, lazer e cultura tem dado um suporte, na aquisição das passagens aéreas, que é o maior custo pra gente se deslocar, porque praticamente tudo acontece em São Paulo, mas a gente não tem encontrado dificuldades. Por exemplo, esse ano a gente vai participar de todas as etapas do campeonato brasileiro de parolimpíada, a gente foi pra Curitiba, foi pra São Paulo esse mês e está indo para São Paulo agora no final do mês de novo, para participar das competições. Então a gente tem conseguido! Internamente a gente não tem tanta verba ainda para aquisição de passagens, mas

a gente tem conseguido uma relação com outras entidades do estado que tem viabilizado essa participação.

**Pesquisador:** Hmm, interessante? Quando vão para as competições, a família vai junto? Como funciona essa questão?

**Entrevistado A3:** Não, não vão! Na verdade, não deixa nem pai ficar na arquibancada assistindo aula, porque atrapalha, a ideia é justamente desenvolver a autonomia dessas pessoas, então para as modalidades que a gente desenvolve agora não faz sentido o acompanhamento dos pais. Então, se for pensar na bocha, por exemplo, talvez faça sentido, mas não temos nenhum aluno de bocha, por exemplo BC3 que foi para alguma competição, acho que nesses casos específicos não tem problema, mas para as modalidades que não é necessário, os pais não acompanham os atletas.

**Pesquisador:** Compreendi! Então a pergunta 18 a gente pode deixar, só perguntar a 19, pois é uma parte que você tinha falado, mas só para ter certeza. As instituições de direito da pessoa com deficiência participam? Como?

**Entrevistado A3:** É, é aquilo que eu disse né, até a gente chegar aqui, a única coisa que tinha mesmo era a APAE, por exemplo. Na APAE ali primeiro a gente encontrou uma resistência, então a gente não teve muito acesso e o perfil que as pessoas da APAE aqui atendem, então são pessoas grande parte, mais de 90% das pessoas que eles atendem tem mais de 20 anos de idade. Nesse momento inicial, não era o público que a gente estava buscando para o projeto.

**Pesquisador:** Não, compreendi! Hoje tem alguma outra instituição além da APAE?

**Entrevistado A3:** Não, tem essas associações, têm uma associação de pessoas com deficiências ocultas, autismo, deficiências múltiplas e uma associação de surdos, existem basicamente essas 4 associações, pensando nas pessoas com deficiência.

**Pesquisador:** Entendi! A próxima você respondeu também, que é se Secretaria de Esportes atua junto ao CRP.

**Entrevistado A3:** É, a secretaria de esporte do Estado sim, a do município a gente não tem muita relação, com secretaria de esporte do estado a gente tem uma ótima relação, trabalha direto com eles, uma série de projetos que eles também desenvolvem, projetos de formação de profissionais de Educação Física, gestores esportivos, eles convidam o CRP para levar a formação para essas pessoas, então a gente tem uma ótima relação com a secretaria de estado de esporte.

**Pesquisador:** Beleza! Tem apoio de políticos ou de empresas privadas?

**Entrevistado A3:** De empresas privadas não, do ponto de vista político a gente tem o apoio por exemplo da secretaria. (**Pesquisador:** É, fica no mesmo sentido.) Fica nisso! A gente também tem apoio da Assembleia Legislativa do estado, então a gente conseguiu emenda parlamentar para dar conta desses projetos que a gente desenvolve aqui.

**Pesquisador:** Beleza. Há dificuldades relacionadas à acessibilidade em eventos e competições? Como o Comitê lida com essas questões para garantir a participação dos atletas?

**Entrevistado A3:** Você está pensando em eventos do CPB ou eventos em geral?

**Pesquisador:** Os eventos em geral, por exemplo as competições que o CPB promove, como as paralimpíadas escolares, as competições abertas ou até os brasileiros.

**Entrevistado A3:** Tá, nunca encontramos dificuldades na participação das competições organizadas pelo CPB não, tudo tranquilo, hotel, transporte.

**Pesquisador:** Beleza! O próximo tópico aqui, que é dos aspectos sociais e pessoais dos atletas, sabe como é a alimentação dos atletas? Eles possuem dificuldades alimentares? Acha que é uma alimentação adequada?

**Entrevistado A3:** Grande parte das pessoas que a gente atende tem uma condição financeira difícil, para dizer o mínimo, então ninguém chega ao ponto de passar fome, mas enfim provavelmente alimentação não é a ideal, salada, verduras, essas coisas. Então acho que alguns deles têm essa dificuldade, a gente não tem um acompanhamento específico do perfil

alimentar dos nossos alunos, mas pensando na lógica de relação de recursos financeiros e perfil de alimentação. A gente estipula, imagina que eles talvez tenham alguma dificuldade alimentar.

**Pesquisador:** Beleza! sabe se os atletas possuem ou adquirem alguma lesão com a prática?

**Entrevistado A3:** A única lesão que tivemos aqui foi de um atleta do badminton, nada muito sério, um deslocamento da patela ali durante a execução do movimento, tirando isso não tivemos outros atletas com lesão.

**Pesquisador:** Não, beleza! Quais as dificuldades mais encontradas para as pessoas com deficiência possuírem acesso ao esporte paralímpico pelo CRPB?

**Entrevistado A3:** Tá, aqui no estado eu destaco 3 pontos, acho eu primeiro é literalmente espaços próprios para que essas pessoas tenham acesso a prática esportiva, a falta desses espaços está diretamente ligado a falta de profissionais capacitados para atender essas pessoas, então os profissionais de Educação Física que muitos não têm formação ou interesse em atender essas pessoas, pois do ponto de vista de estado, acho que é algo que falta, melhorou bastante! Mas principalmente quando eu penso em incentivo para atletas ou jovens atletas que já chegaram, bolsa atleta, essas coisas pro esporte paralímpico tem para o estado, mas falta mesmo políticas públicas pensando no incentivo para o desenvolvimento desses projetos, isso é algo que ainda é muito carente aqui no estado e localmente questão de transporte, então aqui em Cáceres isso é algo que realmente impede as pessoas, se eu não tivesse essa parceria com a Secretaria de Educação, sei lá, metade dos nossos alunos não participaram do projeto, porque não tem condição de se deslocar para Universidade participar das atividades, esses são os principais pontos de dificuldade para acessar a prática esportiva.

**Pesquisador:** Existe algum tipo de suporte psicológico disponível para os atletas? Se sim, como é realizado e qual a frequência desse acompanhamento?

**Entrevistado A3:** Nós não temos um profissional de psicologia integrando a nossa equipe ainda, mas a gente está em um centro interdisciplinar de pesquisa, então dentro do centro a gente tem enfermeiro, médico, mas um psicólogo, a gente não tem.

**Pesquisador:** O CRPB realiza atividades que promovam a inclusão social dos atletas fora do ambiente esportivo? Quais ações são desenvolvidas para facilitar essa integração?

**Entrevistado A3:** A gente realiza algumas ações esporádicas, então a gente é convidado a participar de alguns eventos, por exemplo um mês atrás a gente participou de um evento que a Secretaria de Ciência e tecnologia, promove nas escolas, então as escolas municipais e estaduais da cidade tiveram um momento de contato com o esporte paralímpico, fizemos uma palestra aí para essas pessoas, com os nossos alunos. Cáceres tem o maior festival de pesca do mundo em água doce, então a gente participa desses eventos, para muitos alunos nunca tinha tido a oportunidade de participar desse evento, então a gente sempre que possível está inserido nesses diferentes espaços sociais da comunidade de Cáceres, para que nossos alunos tenham acesso a esses espaços, mas também com uma forma de misturar esse povo aí e as pessoas perceberem que as pessoas com deficiência também existem, porque aqui ainda eles ficam muito escondidos. Sempre que a gente tem oportunidade, vamos em praças apresentar as modalidades, a gente levar nossos alunos e joga todo mundo, criança com e sem deficiência, enfim sempre que possível a gente realiza essas ações para apresentar o esporte paralímpico.

**Pesquisador:** Beleza, interessante! Na formação de equipe, essa aqui você já respondeu que é da facilidade para encontrar profissionais para atuarem no CRP, mas assim hoje vocês têm quantos professores atuando?

**Entrevistado A3:** É, nós temos 4 professores contratados para trabalhar direto no CRP e a gente tem 4 estagiários também, mas por exemplo quando o centro começou, os profissionais aqui eles eram muito bem formados, mas sem experiência para trabalhar com a pessoa com deficiência. Então, se eu quiser buscar alguém, colocar lá na descrição do cargo, obrigatório a experiência na área de esporte adaptado, dificilmente vou encontrar alguém com esse perfil aqui no estado.

**Pesquisador:** Entendi! Tenho uma pergunta aqui bem interessante, você acredita que a formação na universidade é suficiente para essa atuação?

**Entrevistado A3:** Não, 60 horas de carga horária não dá conta de nada, mas daí a importância do CRP por exemplo dentro da Universidade, então nossos estagiários agora que estão para se formar, passaram 2 anos e meio praticamente tendo contato direto, auxiliando professor na

execução das aulas, planejamento, estudo. Então, o que o currículo de formação oferece não é suficiente, mas as oportunidades que o CRP pode oportunizar para os alunos, informação, aí eu acho que dá conta. Hoje as nossas estagiárias estão se formando e eu tenho tranquilidade de colocá-las para trabalhar e assumir turmas de iniciação e desenvolvimento das modalidades paralímpicas.

**Pesquisador:** Beleza, a UFMT que é essa universidade que você está falando?

**Entrevistado A3:** Não! É a UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso. (Pesquisador: Ah sim, a estadual?) Sim, estadual.

**Pesquisador:** Entendi, aí do outro centro que é a UFMT?

**Entrevistado A3:** Então, do outro centro a parceria é com a prefeitura de Várzea Grande, eles também têm parceria com uma professora da UFMT também, mas a parceria é direto com a prefeitura e o CPB.

**Pesquisador:** Entendi, aqui no Estado de Goiás, a parceria é com a UEG e a UFG. E os cursos oferecidos pelo CPB são suficientes para a atuação?

**Entrevistado A3:** Eles são muito bons, os cursos de habilitação técnica, classificação funcional e arbitragem, então isso é algo meio que obrigatório dos nossos professores, é conseguir esses curso de habilitação técnica que o CPB oferece, então todos os nossos professores fazem esses cursos, a professora de badminton tem um curso específico lá da própria confederação também. Então, sempre que esses cursos estão disponíveis, os nossos professores realizam, então eles têm dado conta de trazer novos conhecimentos aí pra eles melhorarem a prática deles.

**Pesquisador:** Qual formação ou curso você acha que poderia colaborar com a atuação e formação de atletas no CPB?

**Entrevistado A3:** Eu acho que são esses cursos que o próprio comitê já desenvolve, então esses cursos de habilitação técnica, por baixo aí nossos professores viajam duas vezes por ano para São Paulo para fazer uma capacitação lá direto no centro de treinamento lá de SP, então

passam lá 4 a 5 dias trabalhando com os professores lá do CT, acho que são as oportunidades que o comitê tem oferecido para todos os CRP tem sido muito boas e suficientes para melhorar a formação dos nossos professores.

**Pesquisador:** Beleza! E há pessoas com deficiência atuando profissionalmente no CPB?

**Entrevistado A3:** No CPB?

**Pesquisador:** É, se tem por exemplo aí no Mato Grosso e nos outros cargos do CPB também.

**Entrevistado A3:** No CPB eu sei que tem, lá em São Paulo tem, aqui no nosso CRP não, nós não temos nenhuma pessoa com deficiência compondo a nossa equipe.

**Pesquisador:** É, então para finalizar, tem mais alguma questão que gostaria de abordar que acredita que pode favorecer essa pesquisa?

**Entrevistado A3:** Não, acho que é isso, acho que deu para contemplar tudo.

**Pesquisador:** Mas é isso aí, agradeço muito pelo interesse de ter participado da pesquisa e ajudado a gente.

**Entrevistado A3:** Legal! É importante relatar e divulgar tudo que está acontecendo. Beleza, valeu!

**Pesquisador:** Valeu, obrigado!

#### Entrevista A4 - Coordenadora Centro de Referência Paralímpico de Goiás

**Pesquisador:** Sua função no Comitê Paralímpico Brasileiro, é qual?

**Entrevistado A4:** Sou supervisora e coordenadora do Centro de Referência Paralímpico do Estado de Goiás.

**Pesquisador:** Qual sua formação?

**Entrevistado A4:** Sou formada na Estácio de Sá, graduada em Bacharel em Educação Física.

**Pesquisador:** Tem alguma especialização? Algo do tipo?

**Entrevistado A4:** Eu tenho os 3 cursos do nível CPB, nível 1, 2 e 3 de capacitação técnica em natação e tenho do olímpico também, o nível 1, 2 e 3.

**Pesquisador:** Top! Você é uma pessoa com deficiência?

**Entrevistado A4:** Não, sem deficiência!

**Pesquisador:** Beleza! Agora sobre o perfil e quantidade das pessoas atendidas pelo CRP, hoje quantas pessoas com deficiência são contempladas no seu Estado, pelo Centro de Referência Paralímpico?

**Entrevistado A4:** A gente no momento estamos atendendo 230, desses 230, são divididos nas parabadminton, natação, vôlei sentado, bocha e atletismo.

**Pesquisador:** Hum, beleza! Já respondeu a outra pergunta, já era essa. Agora, quais são os perfis de deficiência que estão mais presentes?

**Entrevistado A4:** Deficiência Física, o primeiro, a gente tem vamos dizer 65% são deficiência física, o segundo lugar é deficiência intelectual e por último deficiência visual.

**Pesquisador:** No intelectual, estou perguntando a maioria das pessoas, porque a gente está tentando uma dificuldade na deficiência intelectual aqui no Brasil, a maioria é pessoa com síndrome de down ou tem outros tipos de pessoa com deficiência intelectual aqui?

**Entrevistado A4:** Sim, aqui a gente trabalha com a deficiência intelectual, que engloba síndrome de down, autismo, principalmente o nível 1, que ele acaba hoje em dia a confederação brasileira de intelectual, eles já abriram 3 categorias para deficiência intelectual, ele enquadra deficiente intelectual autista, né? Então tem o público que a gente atende que é o autista né, é um dos maiores grupos nosso, mais do que Down e o intelectual que a gente fala

que é o intelectual 100%. Que a gente faz o Cid, faz os testes e que ela dá o teste de QI em 75 ali, a gente atende essa galerinha também.

**Pesquisador:** Entendi, interessante! Então no caso vocês aceitam pessoas com deficiência não legíveis para o esporte paralímpico? Tem algum aluno com surdez?

**Entrevistado A4:** Temos 2 atletas só, só que um é no futebol, temos outra modalidade, só que é uma modalidade mais para interagir, a galera é mais lazer que é o futebol, que temos o futebol de PC, que esqueci de informar e temos o futebol que é multi classes, nesse futebol multi classes a gente atende 2 surdos, né? Que é o Pietro e o Heitor, então temos também, mas as limitações estão no professor não saber libras e a comunicação com esses atletas, com esses alunos, são um pouquinho de ter uma dificuldade maior, então fechamos até uma parceria com o pessoal, pra gente estar tendo um curso de libras aqui para os professores.

**Pesquisador:** Entendi! Qual a média de idade das pessoas beneficiadas pelo projeto?

**Entrevistado A4:** Olha no projeto dos CRP, ele é de 7 anos até 35 anos, no projeto centros de referência, tá? Agora o projeto, são vários projetos, no projeto do estado a gente não tem faixa etária, atendemos a partir de 7 anos em diante. Então desses 230, o que se enquadra mesmo nos CRP são 158, que são os legíveis, né? Então acaba passando a planilha de relação mais dos legíveis, fora do legível, a gente atende esses 230, que agora na última reunião que a gente fez, pode estar contabilizado também no relatório do CPB, que está fora da faixa etária.

**Pesquisador:** Entendi! Interessante! Já respondeu se tem as turmas dos adultos, existe alguma turma de bebês com deficiência ou é só a partir dos 7 anos mesmo?

**Entrevistado A4:** Aqui a gente coloca a faixa etária para iniciar, mas a gente não diz não quando vem menor de idade, por exemplo hoje eu acabei de atender, saí molhada desse jeito aqui, porque acabei de atender um menino de 5 anos, é um menino potencial para bocha, mas ele veio indicação para nataação, a gente está fazendo nataação com ele, mas ele é um menino potencial para bocha. Então ele é mais comprometido e tem 5 anos, porém a gente não fecha no 7, se vir aqui eu deixo essa abertura para os professores, porque tem professores que não querem pegar meninos com menos de 7 anos, eu já pego, não tenho essa distinção não.

**Pesquisador:** Entendi, beleza! Aí hoje como são divididas as turmas nas modalidades?

**Entrevistado A4:** As turmas são divididas em iniciação; aí tem a turma de base, que aquela turminha que prepara para competições de faixa etária, no escolar; aí tem as turmas de alto rendimento. Por exemplo, na natação tem a turma de iniciação, que é a turma de adaptação, a turma de nível 1, 2 e 3 e alto rendimento. No vôlei sentado, tem a turma de base que é alto rendimento, mas é base que é para as paralimpíadas escolares, tem a turma de alto rendimento mesmo, que é a faixa etária de adulto, mas se tiver algum menino de base que dá pra acompanhar a turma adulto vai também e tem a iniciação do vôlei sentado. No parabadminton também ocorre da mesma maneira, tem a turma de iniciação, tem a turminha média que está ali na transição e tem a turma de alto rendimento e no atletismo também.

**Pesquisador:** Beleza! Então basicamente se divide nessas 3 variações de turma?

**Entrevistado A4:** Isso! Se a gente ver que há necessidade de fazer mais divisão, a gente faz também, não é alto tipo fechado, o que é fechado para todas as modalidades é ter da iniciação até o alto rendimento. Mas nessa transição pode ser que a gente possa ter que abrir mais turmas e isso fica em aberto.

**Pesquisador:** Entendi, beleza! Agora sobre as condições para o ensino dos esportes paralímpicos, os locais são adequados para a prática dos esportes paralímpicos? Como é sua estrutura? Possui material adequado?

**Entrevistado A4:** A gente tem espaços que são acessíveis, que tem um espaço bacana e tem espaço que precisa de estar fazendo umas variações para poder estar adaptando pra galerinha, por exemplo a galera de atletismo, a gente acabou de montar uma rampa aqui na parte da natação, para cadeirante poder transitar da área da natação pro campo, que é aqui da área natação mesmo. Então a maioria dos lugares são acessíveis, mas alguns a gente faz umas adaptações para ficar acessível pra galera né, a parte da bocha a gente tem rampas, não sei da outra vez que você veio aqui, mas a gente tem rampa. Ela tem essa rampa que passa os cadeirantes e vai lá pra cima pro mezanino que é onde fica a bocha, então ela é adaptada, pra quem não é muito adaptada que eu vejo assim, é mais pra galera visual, pra galera visual não tem mais tanta acessibilidade quanto a gente gostaria de ter.

**Pesquisador:** Entendi! E como é o transporte dos alunos/atletas até o local que será desenvolvido as práticas?

**Entrevistado A4:** É, por ser um local no centro, ele está localizado bem no centro, aqui a gente tem transição de transporte público o tempo todo, né? Então temos alunos aqui de Trindade, Anápolis, Goiânia, da região mesmo, de Aparecida e Senador Canedo. Hoje a gente tem uma parceria com a prefeitura de Senador Canedo, que eles trazem a galerinha em um transporte da prefeitura, a gente fez uma parceria com eles, eles trabalham no paradesporto lá de iniciação e manda a galera de alto rendimento pra cá. Então eles vêm tudo no transporte com o alto rendimento, as outras eles acabam vindo de transporte público mesmo, mas todo o transporte público para na porta, que é aqui na Paranaíba mesmo, então a localização é mais fácil de estar recebendo essa galerinha justamente por isso, nós temos os dois, transporte público e algumas cidades com parcerias.

**Pesquisador:** Compreendi! E como que funciona aqui a captação dos atletas? A propaganda em geral é suficiente? Ou tem que ser através de captação interpessoal?

**Entrevistado A4:** Ela funciona em 3 partes, né? A primeira são redes sociais, o nosso centro de referência estamos tentando bastante divulgar em redes sociais, televisão e rádio, que é uma coisa que a gente começou a conseguir a fazer agora, justamente pelos resultados que a gente ultimamente está apresentando com os atletas, redes sociais como o Instagram, a gente faz essa captação também e visitas né, a gente acaba fazendo bastante visitas. Hoje a gente acabou de fechar uma parceria com o CRER, que é o Centro de Reabilitação do Estado de Goiás e cada semana vem um supervisor deles, para estar acompanhando a galerinha da natação, do atletismo, do vôlei e eles acabam nos ajudando nessa captação de atletas né, que a maioria deles ou são acidentados e acabam passando pelo CRER e eles acabam encaminhando quando se encerra o tratamento deles lá, eles encaminham pra cá. Outro meio são visitas em escolas e levando cursos de capacitação nas escolas, a gente iniciou em cidades, em cidades de fora, com o projeto do Jota Campos, que hoje tem outro nome, não lembro o nome agora, que mudou recentemente, esse projeto Jota Campos não é nada mais do que uma capacitação de professores da rede, a cidade entra em contato com a gente, faz a solicitação e a gente leva um professor de modalidade, são sempre 3 modalidades, ou é bocha, atletismo e natação ou tênis de mesa, parabadminton e vôlei sentado, são essas modalidades que a gente mais leva, vai depender da característica do espaço que as cidades tem. Se tiver só quadra, a gente vai

acabar levando curso de capacitação mais pra quadras, ahh tem uma pista de atletismo, tem uma quadra e tem um espaço de um galpão, a gente vai acabar levando essas modalidades parabadminton, tênis de mesa, atletismo, vôlei sentado, bocha, que dá pra fazer nesses espaços, ahh a cidade não tem piscina nenhuma, a gente não leva um professor de capacitação de natação. Então a gente acaba fazendo essa capacitação fora, fizemos já em 7 cidades realizadas esse ano, é Silvânia, Montes Belos, Caldas Novas, entre outras que não me lembro de cor, a gente vai fazendo esse trabalho de formiguinha para estar captando crianças, né! Isso foi bem legal, porque a gente está tendo um resultado bacana nas paralimpíadas escolares, quando a gente convoca a galerinha, está vindo muito mais de fora do que aqui dentro mesmo na própria cidade ou ao redor da cidade, isso está bem legal.

**Pesquisador:** Não, entendi! Agora falando sobre as competições e relacionamento familiar. Vocês possuem condições financeiras de ir para competições e levar os atletas?

**Entrevistado A4:** Então, é uma questão que acabei de conversar com uma mãe, a gente não tem verba pra isso né, então a gente faz o quê? A gente sempre tenta por meio da secretaria, transporte, e quando a gente recebe uma negativa da secretaria, a gente vai através de vaquinhas, fazendo feijoada, galinhada, para estar arrecadando, a caixinha familiar que a gente chama, caixinha familiar para estar dando o suporte para as famílias, mas a prioridade são os atletas, não são os pais não são as mães. Então a gente prioriza os atletas que vão competir e acaba eles escolhendo um pai ou uma mãe ali para estar acompanhando quando são uma galerinha menor de idade, galerinha na faixa etária de 15 anos pra cima, muitas vezes os pais nem acompanham, só o técnico ou o auxiliar técnico e os atletas, mas a galerinha menor a gente faz essa acolhida familiar que é mais ou menos isso, a caixinha familiar a gente arrecada essa verba e tenta contemplar os atletas, com o transporte e tem o bazar também, a gente faz um bazar aqui.

**Pesquisador:** Beleza! A outra questão, era referente a isso, se quando há competição se a família vai junto, então pelo que você falou normalmente só vai quando é mais novo ou quando tem a verba para levar os pais, há caso dos pais pagarem para ir?

**Entrevistado A4:** Só nas paralimpíadas escolares, por exemplo. A secretaria dá o transporte e a despesa é toda do CPB, os atletas e da comissão técnica, que é a hospedagem, a alimentação e o transporte interno lá, o transporte daqui para São Paulo é da secretaria, então muita das

vezes, se tem vaga a gente coloca os pais, não tem problemas. Porém, quando chega lá, eles têm que arcar com sua própria despesa de hospedagem e alimentação, como é esse caso agora de 2024, em novembro está indo 10 pais com o transporte da secretaria, porém eles vão ter que arcar com sua própria despesa, eles querem mais acompanhar a competição do que estar junto com os filhos, nenhum deles quer estar, eles querem ir mesmo só para acompanhar, para ver como que funciona.

**Pesquisador:** Beleza! E como que é a participação da família no dia a dia no Centro de Referência?

**Entrevistado A4:** A gente tem um projeto novo que a gente vai introduzir no ano que vem, que chama acolhida familiar que é trabalhado com a psicóloga né, praticamente uma reuniãozinha com os pais, trocas de conhecimento, falar sobre questões familiares que são recorrentes e aqui funciona assim, os pais chegam, eles não ficam na área do treino dos meninos, mas tem atividade da iniciação esportiva que tem hidro, tem Yoga, têm funcional. Então os pais estão convidados a participar dessas atividades, aqueles que quiserem fazer, ok! Aqueles que não quiserem fazer eles têm um localzinho, eles ficam aqui sentadinhos esperando a atividade do aluno/atleta terminar, para estar indo embora.

**Pesquisador:** Beleza! As instituições de direito da pessoa com deficiência participam ativamente das questões relacionadas ao CRP?

**Entrevistado A4:** As associações gerais, né? (**Pesquisador:** Isso!) Aqui a gente tem duas associações que estão mais presentes com a gente aqui, que uma é a ASPAEGO, que tem a equipe de parabadminton que eles ficam muito aqui, tanto que acaba nossas atividades e eles ainda utilizam o espaço mais tarde, temos também o atletismo que a associação águia, garra, a ASPAEGO também, ela se encontra presente também, tem bastante alunos. Porque a gente precisa dessa parceria, porque a gente não consegue manter esses atletas em competição, o programa ele não é voltado para competição, mas ele é voltado para formar competidores, então ele é um pouquinho meio, até falo isso muito pro nosso chefe lá que é o Ramon, é um pouco contraditório, porque a gente forma o atleta, mas a gente não pode representar ele em competições, então a gente fecha essas parcerias com essas associações e essas entidades, e a maioria deles acaba trazendo atletas para estar participando do programa.

**Pesquisador:** Uhum, entendi! A Secretaria de Esportes atua junto ao CRP? (**Entrevistado A4:** Atua sim!) Como é a forma de atuação dela além do financeiro (da verba)?

**Entrevistado A4:** A contrapartida do centro de referência, ele é um contrato de supervisor, do nosso aqui né, cada centro de referência tem uma característica diferente. O nosso é apenas um contrato de supervisor, de um técnico (que é do vôlei sentado) e de um professor que é do atletismo, são só essas 3 contratações. Nessas 3 contratações, o CPB ele entra também com o material, o material esportivo, fora isso o restante é tudo via secretaria, então é festivais paralímpicos, a secretaria que arca com a despesa, seminários, a secretaria que arca também. E verba para a contratações dos outros professores, a secretaria que cede os professores das outras modalidades, o espaço também é da secretaria, o espaço que a gente utiliza hoje no centro de referência, ele é da Secretaria de Esporte e Lazer do Estado, aí acaba sendo essa parceria de via dupla, cada um tem sua contrapartida.

**Pesquisador:** Saquei! Aí, vocês têm apoio de políticos ou de empresas privadas? (**Entrevistado A4:** não) Nada, nada?

**Entrevistado A4:** Não, a gente não se envolve com política, na verdade a gente não pode se envolver com política, né? Por ser do estado, a gente não tem essa possibilidade de se envolver, porém as associações que estão presentes aqui acabam se envolvendo com políticos, como o William Veloso, que a ASPAEGO, se não me engano se envolve muito com o William Veloso, entre outros. Mas o CRP em si, ele não se envolve com política, a única parceria que ele tem é diretamente com a Secretaria de Esporte e Lazer, e somente essa.

**Pesquisador:** Beleza! E há dificuldades relacionadas à acessibilidade em eventos e competições? Como o Comitê lida com essas questões para garantir a participação dos atletas?

**Entrevistado A4:** Eu acho que a dificuldade hoje em dia é a questão mais de visibilidade, a gente tem uma dificuldade na questão de visibilidade para captar atletas, para convidar para um festival paralímpico, por existir 2 centros de referência no estado, acaba que os atletas acabam sendo divididos e para solucionar essa questão, o estado faz uma iniciativa por fora. Então ele tenta buscar esses atletas ou captar esses alunos, através de outras cidades, porque a própria Goiânia ela exige dois centros de referência e que não fica distante uma da outra, uma

a sede está em algumas atividades em associações, que uma é na ADFEGO, a ESEFEGO, tem o CEBRAF, são essas 3 unidades e tem a mais longe que tem, que é da nataçãõ que é na UEG. Então todos estão localizados dentro de Goiânia e praticamente no centro de Goiânia, então acaba sendo que os alunos que vem pro centro de referência do Estado de Goiás, acabam sendo os mesmos alunos que vão pro centro de referência de Goiânia. Um exemplo, a gente tem bastante cegos totais e baixa visão praticando nataçãõ e atletismo aqui no centro de referência do Estado de Goiás, são os mesmos atletas que praticam goalball e às vezes futebol de cegos, no outro centro de referência, então acaba meio que dividindo, mas contabiliza para os dois lados e isso é normal de acontecer né, acaba sendo normal, por causa da localização dos dois centros de referência e pra solucionar isso a gente acaba tentando captar por fora em outras cidades, então vejo mais na questão de visibilidade a dificuldade né. Em relação ao CPB, ele vê que por ter dois centros de referência e os dois CRP's estão cientes que existem dois CRP's, cabe a nós estar solucionando essa questão, então faz parte, acredito que faz parte e está tudo certo também, a gente não deixa de não atingir as metas, a gente tem metas à cumprir com o CPB.

**Pesquisador:** Entendi! Então, no caso aqui em Goiás, a gente tem dois Centros e ambos estão aqui em Goiânia? (**Entrevistado A4:** Isso!) Não tem mais nenhum no Estado?

**Entrevistado A4:** Não, nenhum no Estado! São os dois únicos e nenhum no estado.

**Pesquisador:** Atualmente estão tentando a abertura de outro centro de referência por aqui?

**Entrevistado A4:** Muitas associações já procuraram o CPB, mas as associações, elas não integram o CRP, são Universidades e são secretarias, tanto municipais quanto estaduais que podem captar um centro de referência. Há procuras, mas é um processo burocrático, pois tem que ser avaliado o espaço, tem que ter uma vistoria e são bastantes trâmites para conseguir captar um centro de referência.

**Pesquisador:** Entendi! Agora sobre os aspectos sociais e pessoais dos atletas vocês têm conhecimento de como é a alimentação dos atletas? Eles possuem dificuldades alimentares? Acham que é uma alimentação adequada?

**Entrevistado A4:** Hoje, a gente está com um voluntário da nutrição, só que esse voluntário está atendendo mais a galerinha pro alto rendimento, transição que é a galerinha de 12 anos para transição ao alto rendimento e a galerinha de alto rendimento, eles estão atendendo essa galera. E a gente viu realmente em um levantamento que a gente fez, essa alimentação um pouco nada balanceada né e hoje o que a gente faz? A gente faz palestras com as famílias geral, que a gente convida que é o mesmo grupo da galera da acolhida da psicologia, a gente faz com nutricionista também e a gente tenta informar e instruir da melhor forma possível, então isso se tivesse me perguntado semestre que vem ou semestre passado, eu falaria que sim, mas esse semestre já vimos uma melhoria em relação a essas tratativas.

**Pesquisador:** Entendi! Interessante essa iniciativa!

**Entrevistado A4:** Começou agora essa iniciativa, mas a gente já está colhendo frutos.

**Pesquisador:** Interessante! Sabem me informar se os atletas possuem ou adquirem alguma lesão com a prática?

**Entrevistado A4:** A gente tem fisioterapeuta também, semestre passado a gente percebeu que justamente essa galerinha de transição começou na natação, vou levantar primeiro para natação, que é minha área, que eu corri mais atrás, é apresentou muita queixa de dor, a gente começou a avaliar que precisava de um preparamento físico antes, então a gente mudou toda a estrutura aqui. A gente faz um preparamento físico, a gente faz um fortalecimento e já tem um preparador físico agora também e agora estamos sendo acompanhados por um fisioterapeuta, justamente para poder estar resguardando esses tipos de lesões, então eles são monitorados, essa galerinha de transição e alto rendimento são monitorados, agora a galerinha de iniciação a gente faz um trabalho 30 minutos antes de cada modalidade, trabalho de preparamento físico, junto com a fisioterapeuta que ela conversa com os professores, indica os exercícios mais adequados para cada modalidade e assim a gente aplica no dia a dia desses atletas, mas é mais com essa galerinha de iniciação, faixa etária de 7 a 12 anos, restante a gente já tem esse acompanhando mais direto com a fisioterapeuta.

**Pesquisador:** Não, beleza! Hoje quais as dificuldades mais encontradas para as pessoas com deficiência possuem acesso ao esporte paralímpico pelo CRPB?

**Entrevistado A4:** Hoje acredito que é informação, a gente encontra muita gente fora daqui dos portões que não tem informações onde se encontra essas modalidades e esses esportes para eles praticar, então ainda a gente bate na tecla da visibilidade, a gente ainda não tem a visibilidade que a gente gostaria de ter. E a galerinha que inicia aqui que são de outras regiões é a dificuldade de locomoção, as vezes depende muito dos pais para estar vindo, então ainda não tem aquela autonomia e por morar longe não dá pra vir sozinho, então depende muito dos pais e os pais precisam trabalhar, então hoje a gente sente essa dificuldade assim de apoio mesmo tanto de prefeituras que são distantes, podem montar um programa igual Senador Canedo funcionou bacana, os alunos que são menores de idade vem no transporte com uma supervisora acompanhando, então eles fazem atividade aqui e retornam, nos outros municípios eu vejo que falta essa informação e falta um gestor também da área, falta um gestor que abrace o paradesporto, para poder estar trazendo essa galerinha, se não tiver um gestor da área ali, os projetos não funcionam no paradesporto. Então essas são as grandes dificuldades que eu encontro e eu vejo hoje em dia, ter uma pessoa que seja o gestor, que seja o professor, nos cursos de capacitação a gente vê professores que tomam a frente, então precisa de pessoas que abracem realmente a causa do movimento.

**Pesquisador:** Entendi! Você tinha falado que já tem o suporte psicológico para os pais né, nesses grupos de acolhimento, existe algum suporte psicológico disponível para os atletas?

**Entrevistado A4:** Sim! A gente tem uma psicóloga contratada diretamente da secretaria e temos também uma estagiária contratada da secretaria, a gente vai abrir mais uma contratação para outro psicólogo, devido às demandas que está aparecendo no centro de referência, a gente tem psicólogo esportivo que é a Élide que foi contratada, ela trabalha nessa parte da galerinha do alto rendimento, porém a gente vê uma demanda grande de trabalho de psicologia clínica, que é trabalhar mais comportamento, são crianças que estão mais no projeto social que precisa também desse suporte, e aí seria mais um lado de psicologia clínica que aí foi quando a gente viu a abertura de fazer a reunião dos pais para estar trabalhando isso, tem que trabalhar primeiro com os pais, para os pais trabalhar com os filhos.

**Pesquisador:** O CRPB realiza atividades que promovam a inclusão social dos atletas fora do ambiente esportivo? Quais ações são desenvolvidas para facilitar essa integração?

**Entrevistado A4:** Sim, como eu falei a gente atende tanto a questão social quanto a questão de alto rendimento, a gente tem mais duas praças, que chama praça do esporte do Setor Pedro Ludovico e a praça do setor dos funcionários, essa galerinha que aqui já deu, estourou aqui no centro de excelência, a gente já tenta atender mais a galerinha do centro de referência legível, a galerinha que a gente vê que é mais social, que é mais questões de lazer e saúde, de esporte mesmo ou só pra praticar, a gente tem essas outras duas praças que a gente encaminha pra lá também. Então a gente acaba fazendo esse trabalho, essa ponte de 3 locais e faz essa separação.

**Pesquisador:** Saquei! E hoje em relação a formação de equipe, vocês têm facilidade para encontrar profissionais para atuarem no CRP?

**Entrevistado A4:** A gente tem dificuldade, tanto que a gente está trabalhando com essa capacitação em outras cidades para justamente estar fomentando esses cursos em outros locais. É muito difícil encontrar profissionais da bocha, formados e especializados na área, com curso técnico 1, 2 e 3 do CPB aqui no Estado de Goiás, da nataçao também, da nataçao hoje em dia se não me engano tem só a Nathy com nível 1, Priscila nível 1 e Marcão nível 1, três professores só de nataçao nível 1 do CPB também, com o curso de lá. Nas outras modalidades também tem essa dificuldade, então eu vejo assim, que ainda as pessoas têm essa limitação de se expandir para outras áreas do paradesporto.

**Pesquisador:** Entendi! E hoje tem os cursos de capacitação 1, 2 e 3, eles têm maiores chances de entrar para dar aula no CRP?

**Entrevistado A4:** Sim, com toda certeza, apesar que os centros de referência hoje em dia, ele mesmo está dando todo o suporte de passagem aérea, alimentação, hospedagem para esses profissionais que a gente indica também. Então, o Centro de Referência, ele além de ver essas dificuldades, que eles já detectaram essa dificuldade lá atrás, eles dão esse curso também, então o coordenador acaba indicando para capacitar esses profissionais lá no CPB.

**Pesquisador:** Entendi! E esses cursos são só para as pessoas que já estão dentro, como professor do Centro de Referência?

**Entrevistado A4:** Ele é aberto geral, na academia paralímpica ele está aberto geral, ficam na educação paralímpica, aí todo ano abre o nível 1, 2 e 3, agora acabou de abrir o nível 2, só que ele é um pré-requisito, pra fazer o 2 tem que fazer o 1, pra fazer o 3, tem que fazer o 2. Mas, pra quem é do CRP, o Comitê ele dá uma chance a mais, ele já dá passagem, já dá hospedagem e a alimentação, pra quem é de fora, tem que arcar com sua própria passagem, se não me engano quando é presencial eles dão um hotel e alimentação, pelo menos na minha época eles deram hotel e alimentação.

**Pesquisador:** Entendi! Você acredita que a formação na universidade é suficiente para essa atuação?

**Entrevistado A4:** Não, é impossível né, a não ser que realmente tenha algum professor da área que aí ela acaba indo mais fundo na metodologia do paradesporto, porque quando os acadêmicos pegam essas disciplinas, é muito superficial ou quando pega por exemplo, tem a natação, mas dentro da natação não tem o paradesporto, não tem a natação paralímpica. Muitos dos meus estagiários falaram que nunca ouviram sobre natação paralímpica no próprio curso né, então eu vejo ainda essa dificuldade, essa dificuldade grande para estar acompanhando, a galera que aprende da área paralímpica é quando eles vêm trabalhar na área, quando estágio, quando decide aprofundar mais por curiosidade, então se não despertar essa curiosidade dentro deles, não tem como eles se aprofundarem é bem difícil mesmo.

**Pesquisador:** É realmente, eu por sorte tive natação paralímpico, bem no primeiro semestre do curso, era a Vanessa, a professora, então né.

**Entrevistado A4:** A Vanessa! Por isso que eu falo gestora, mas se você perguntar para outras pessoas, outros acadêmicos, tanto na particular, principalmente na particular, na verdade. Ainda tanto a UFG quanto a UEG, eles ainda tem uns professores aqui que faz questão de colocar ali na grade, mas particular mesmo você não encontra isso, nem conhece na verdade.

**Pesquisador:** É complicado mesmo, até porque nas outras matérias que eu peguei, nenhuma falou de esporte paralímpico.

**Entrevistado A4:** Justamente! Bem difícil!

**Pesquisador:** Os cursos oferecidos pelo CPB, pela Educação Paralímpica são suficientes para a atuação?

**Entrevistado A4:** Eles dão um norte, mas não são suficientes, explico muito isso para os meninos, eu vou voltar muito para área da natação, porque é minha área, não tem como! (**Pesquisador:** Não, eu entendo!) Não tem como mesmo, não tem como mesmo! Ele te dá um norte, você entende um pouco, mas é só na prática, através da prática que você vai aprender mesmo, porque cada dia que passa, você descobre uma deficiência nova. Então as deficiências principalmente as degenerativas, elas são muito diferentes umas das outras, muito distintas uma da outra, então se você não sabe um pouco de classificação da área ou você não tem um pouquinho de noção é muito difícil você se capacitar só com esses 3 níveis, você tem que ter realmente a experiência de trabalhar, eu indico a fase de estágio, está na faculdade? Vai ser voluntário, vai estagiar, vai entrar na área do paradesporto para poder estar pegando um pouco desse segmento.

**Pesquisador:** Não, entendi! Qual formação ou curso você acha que poderia colaborar com a atuação e formação do professor, para formar melhores atletas no CPB?

**Entrevistado A4:** Formar melhores atletas? (**Pesquisador:** Isso!) Tá, formação dos atletas, eu vejo mais questão de limitação do professor, o que que acontece, as modalidades são iguais ao do convencional, a natação paralímpica ela é igual ao do convencional, a metodologia ela é igual! Não muda! O que vai mudar é a dinâmica que você tem que ter em relação às classes, as provas e a deficiência, então você vai ter que enquadrar esse tipo de deficiência dentro daquela metodologia, mas a metodologia não muda, não muda para natação. No vôlei sentado, ela faz uma adaptação, acaba fazendo sentado, mas ela tem umas questões de umas regras que tem umas modificações também, no atletismo tem umas modificações para enquadrar na pista e prova de campo tem umas modificações também, mas as metodologias são as mesmas, o que eu quero dizer propulsão de perna é a mesma, mas como você faz com um menino que não bate perna? Propulsão de braço, o que você avalia é o corpo do menino na água, a hidrodinâmica que o menino faz, o arrasto que ele faz ou seja o profissional, ele tem que estar com os fundamentos muito bem, tem que saber muito bem dos fundamentos do convencional, para poder estar transitando para o paralímpico e o que acontece aqui no estado de Goiás é ao contrário, eles começa no paralímpico para depois buscar capacitação de treinamento de alto

rendimento e já é o contrário, tem que estar com essa bagagem do alto rendimento para poder estar se especializando no paralímpico.

**Pesquisador:** Entendi, aí tem pessoas com deficiência atuando profissionalmente no CPB e no CRP?

**Entrevistado A4:** Atuando você fala paralímpico, realmente atleta paralímpico?

**Pesquisador:** Não, eu falo assim por exemplo, professor ou algum coordenador que seja uma pessoa com deficiência.

**Entrevistado A4:** Aqui no Estado de Goiás não, a gente tem uma estagiária psicóloga que é parceria da secretaria, mas ela não é contrato direto do CPB, mas aqui no Estado de Goiás no nosso centro de referência não, mas tem diversos em outras cidades. É, aqui só tem a Gabrielly mesmo que é da psicologia que é estagiária, que ela é cega total.

**Pesquisador:** Entendi! Quantos profissionais têm atuado aqui em Goiás? Professores e estagiários, se você tem essa informação.

**Entrevistado A4:** Do Centro de Referência 3, em contrapartida somos 7 professores.

**Pesquisador:** E de estagiários você tem a quantidade?

**Entrevistado A4:** No momento são 4. (**Pesquisador:** No geral?) No geral, 4!

**Pesquisador:** Beleza! Então pra gente finalizar tem mais alguma questão que gostaria de abordar que acredita que pode favorecer essa pesquisa?

**Entrevistado A4:** Não, está tudo certo, o seu é só um relatório do que eu já estou repetindo que tenho que fazer para o CPB, igualzinho!

**Pesquisador:** É isso aí! Muito obrigado!

**Entrevistado A4:** Eu que agradeço, desculpa o atraso! Tchau, tchau!

Entrevista A5 - Coordenadora Centro de Referência Paralímpico de Goiânia - GO

**Pesquisador:** Qual é a sua função hoje no comitê paralímpico brasileiro?

**Entrevistado A5:** É supervisora externa do centro de referência paralímpico.

**Pesquisador:** Aí você é coordenadora do centro de referência de Goiânia?

**Entrevistado A5:** De Goiânia, no município de Goiânia. Exato! E que o centro de referência. Hoje aqui em Goiânia é o único país que nós temos 2, que é um do Estado e um do município.

**Pesquisador:** Uh huh. Interessante. A sua formação é qual?

**Entrevistado A5:** Eu sou licenciada em educação física pela ESEFEGO, né? Universidade estadual de Goiás.

**Pesquisador:** E você, tem pós?

**Entrevistado A5:** Não pós não, eu tenho mestrado, mestrado em educação, linguagens e tecnologias pela universidade estadual de Goiás, também lá de Anápolis.

**Pesquisador:** Ah, entendi. Aí o seu mestrado, então ele é em educação.

**Entrevistado A5:** Em educação, isso!

**Pesquisador:** Ah, entendi, e você é bacharel também?

**Entrevistado A5:** Não, estou fazendo.

**Pesquisador:** Ah, entendi e você é uma pessoa com deficiência?

**Entrevistado A5:** Não.

**Pesquisador:** Beleza. Era sobre suas informações pessoais, agora é o perfil e a quantidade das pessoas que são atendidas pelo centro.

**Entrevistado A5:** É hoje nós temos assim uma quantidade, né? (Pesquisador: É.) São 142 pessoas com deficiência, então é envolve desde crianças, há jovens e até adultos. A gente tem até 35 anos, 40 anos com deficiência, né? Aí os perfis de deficiência são deficiência visual, deficiência física, deficiência intelectual e também a deficiência auditiva. Por mais que a auditiva não entre na contagem do centro de referência, né? Eles não entram como alunos do centro de referência. Eles são atendidos dentro dos nossos programas.

**Pesquisador:** Não, entendi! E as pessoas com deficiência auditiva? Eles são atendidos em quais esportes?

**Entrevistado A5:** Só no badminton.

**Pesquisador:** Ah, sim, aí você que dá aula, né?

**Entrevistado A5:** É o Michael hoje, hoje em dia é o Michael que vai para Associação dos surdos uma vez na semana e dá o badminton toda quinta-feira à tarde na associação dos surdos.

**Pesquisador:** Ah, entendi!

**Entrevistado A5:** É na aula de educação física da escola, porque lá dentro de uma associação funciona uma escola. Aí na atividade de educação física dos alunos, ele desenvolveu o Badminton, aí nesse do badminton? A gente tem uma menina de interesse no esporte, no rendimento. Ela foi pra surdolimpíada do ano passado. Aí ela tem medalha de bronze e hoje ela é bolsa nacional, mas somente uma. Que treina assim, com rendimento, né? Que participa de competições, ela vai para a regional, estadual e nacional.

**Pesquisador:** Entendi! Hoje quais são as modalidades que são oferecidas aqui no centro de Goiânia?

**Entrevistado A5:** De Goiânia nós temos o goalball, futebol de cegos, o judô, parabadminton, natação e atletismo.

**Pesquisador:** Entendi, não tem nenhum de luta?

**Entrevistado A5:** O judô!

**Pesquisador:** O taekwondo foi tirado?

**Entrevistado A5:** Não, é assim, é porque essa informação do parataekwondo, ela não entra na lista das contagens de alunos atendidos aqui. Inclusive tentar com Gleison e conversar com ele, porque eu sei que ele tem os alunos atendidos dentro de um, que é um centro esportivo lá do Guanabara, só que eu não sei se tem pessoa com deficiência. Eu não sei. Ele estava indo. É toda terça-feira lá na no parabadminton, eu desenvolvia uma parte física, sabe? Antes da gente começar o treinamento específico da modalidade, como os alunos do para badminton, então eram os mesmos alunos do para badminton. Ele atendia como parataekwondo, entendeu? (**Pesquisador:** Entendi!) E aconteceu esse semestre, ele ia toda terça feira fazia a parte física com os meninos, só que eu não sei se hoje tem pessoas com deficiência que ele atende no Cras do Guanabara, eu preciso ver isso com ele.

**Pesquisador:** Beleza. Aí é que você já respondeu um pouco disso, mas hoje, o centro de referência daqui aceita pessoas com deficiência não elegíveis ao esporte, como pessoas com autismo, surdez, síndrome de down, entre outros?

**Entrevistado A5:** Sim, atende, atende! Mesmo fora do escopo dos jogos, né? Que a gente costuma falar que são os legíveis, né? Aqueles que estão dentro dos jogos Paralímpicos, né? Que são as modalidades paralímpicas mesmo não tendo essa característica. A gente tem um programa também dentro do que faz parte do projeto da Secretaria municipal de esportes, que é o futdown, né? Então é o futebol para crianças e jovens com síndrome de down. E aí dentro desse programa da síndrome de down, a gente tem síndrome de down, autismo e deficiência intelectual.

**Pesquisador:** Entendi. Hoje, qual que é a média de idade das pessoas que são beneficiadas pelo projeto?

**Entrevistado A5:** Então, inclusive é uns relatórios que o centro de referência solicita para nós todo mês. Eles dividem na seguinte escala de 7 a 13 anos, de 13 a 18 anos e 18 a 35 e 35 mais, né? Hoje a nossa média maior de atendimento varia muito de modalidade, por exemplo, a natação paralímpica que é da professora Entrevistado A6 lá na UFG, é onde tem mais idades e crianças com idade escolar, né? Que seria ali de 7 a 13 e 13 a 17. Então assim, os dados, né? Essas informações diferem muito de modalidade para modalidade. Eu, por exemplo, no parabadminton eu não tenho alunos com idade escolar que se ele de 7 a 13 e 13 a 17, é acima de 17 a 35 mais. Na natação paralímpica, o número maior já é 7 a 13 e 17/18, entendeu? Seria a faixa etária de idade escolar, mas a média, se nós formos pensar em média, o quantitativo maior de atendimento é de 18 para cima, que seria 18/19 e 20/25. Enfim, é bem mesclado, sabe?

**Pesquisador:** Não, entendi. E tem turma específica só para adulto?

**Entrevistado A5:** Não! A gente não faz essa divisão de turma específico para adulto, justamente pela característica do esporte da pessoa com deficiência, né? A gente vê, por exemplo, a pessoa com deficiência de 40 anos, medalhando nacional. É bolsista nacional. Então ele entra ali na turma de rendimentos, sabe? Faz o treinamento junto com a galera do rendimento. É de jovens de 23/24/25, tem um quarentão. Particularidade mais minha, né? O goalball também tem muito essa característica, né? O goalball, a equipe da Entrevistado A4 ali do rendimento que participam dos regionais último centro norte que teve aqui em Goiânia, inclusive, lá no centro de excelência que foi realizado, é a equipe dela, a equipe que competiu, a equipe de rendimento é 18/19 e 20/25. É essa faixa etária. Então, às vezes a gente coloca num único grupo. A gente vai mais pro nível de rendimento do que faixa etária, né? Porque a gente entende que no esporte paralímpico a pessoa com deficiência, às vezes se insere com 27 anos, 28 e alcança resultados, começa a rodar em competição. Hoje mesmo a Samara lá tem 29, né? Quase 30 anos. Ela já está na turma do rendimento junto com a galera do sub 23 e vai para o sul-americano, ela medalhou em uma Etapa nacional, então a gente não mensura turmas a partir de faixa etária, justamente por essa característica do esporte paralímpico.

**Pesquisador:** Entendi! Aí tem alguma turma com bebê com deficiência?

**Entrevistado A5:** Bebê?

**Pesquisador:** Isso!

**Entrevistado A5:** Não, bebê não!

**Pesquisador:** Beleza! Agora, passando para outra parte aqui, que são as condições para o ensino dos esportes Paralímpicos, os locais, eles são adequados para a prática dos esportes Paralímpicos? Como que a estrutura? Possui algum material?

**Entrevistado A5:** Certo! Então, justamente pelo centro de referência do município ser descentralizado, né? A gente não tem uma estrutura esportiva no qual eles vão e lá são todas as modalidades. Nós buscamos parcerias com entidades, né? Que envolve-se tanto a modalidade, a característica da modalidade, quanto à acessibilidade. Por exemplo, se a gente for levar em consideração o goalball, o goalball é uma a modalidade que se for ali para o ginásio, a gente divide um lado com o futebol, um lado com para o badminton, por exemplo sei lá, o futebol de cegos, não consegue praticar! Justamente pela característica de silêncio, né? Precisa ter silêncio, porque se não consegue ouvir o barulho do guizo na bola. Então o goalball, ele acontece em uma estrutura que a gente tem uma parceria lá no CCEG, que é o sindicato dos empregados do comércio que fica no setor Vila Nova, lá é um uma Quadra pequena e o horário de aula é só eles que estão lá. Então, o horário de treinamento da professora de Jenny é só lá. E aí lá tem toda a acessibilidade. A gente não tem condições de, por exemplo, ter a trave, porque a trave do Google são 9m de comprimento, né? Então nós temos uma. Porém, ela fica desmontada lá na ESEFEGO quando tem competição, ou quando a professora organiza um festival interno, ou até mesmo ali, os jogos Paralímpicos do estado, né? Que esteve no mês passado. Aí a gente pega essa estrutura, pega essa trave e leva para o local e monta! Falar que não tem é mentira, porque nós temos, né? Nós temos, mas não dá para deixar a estrutura montada porque a gente usa em parcerias com locais, sabe? Então, pelo fato de usar parceria é difícil a locomoção da professora, de ficar tirando essa trave muito grande lá, nem para deslocar assim dentro do carro. Então acaba que a gente tem que fazer adaptação, né? Ela faz adaptações assim, ó, coloca 2 cones, né? Mensura ali os 9 m, que é a dimensão da trave, do goalball, coloca ali uma corda, adapta e a aula acontece normal, mas tem as bolas de goalball, né? Inclusive a gente conseguiu mais bolas, se eu não me engano foram 5 bolas novas que nós conseguimos, mas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro têm todas as vendas, tem todos os materiais. O futebol de cegos também é a mesma característica, pelo

fato de precisar de uma estrutura, por exemplo, os meninos cegos não conseguem, dependendo do local, fazer a prática do futebol de cegos em qualquer estrutura, porque precisa que tenha acessibilidade que o professor conceituou como borda sabe, são bordas que são ao redor da estrutura ali do ginásio, né? Da Quadra, para que quando ele for correr na condução de bola, né? Passa a bola, pra um colega, pro oponente, enfim, a situação de jogo, ele não, não bate em alguma estrutura e se machuque, né, porque é comum, está vendado, né? São todas pessoas cegas, né, deficiência visual. E aí por conta disso, por exemplo, um dos locais de treino é a associação dos surdos de Goiânia, porque o professor colocou uma borda, sabe? Ele adaptou lá uma borda para que não tenha, não ocorra esse acidente, aí tem que ter esse piso adequado aí, portanto a gente faz na associação dos surdos de Goiânia, lá tem acessibilidade, o acesso, ali para cadeirante também é ele é possível, no para badminton também a mesma coisa, a gente tem toda acessibilidade. Banheiro, vestiário da ESEFEGO, é possível para usuário de cadeira de rodas usar assim, sem dificuldades, a cadeira para qualquer passagem ali, tem acesso com rampa. A natação é um ponto problemático, no sentido de descer para a piscina, né? Algo que a professora sempre reclama bastante pelo fato de não ter, né? Eu não lembro o nome, mas é uma plataforma, na verdade, para acesso da pessoa com deficiência física, né? O usuário de cadeira de rodas não existe. Então tem que juntar ela e mais 2 estagiários, dependendo do perfil do aluno, 3 pessoas para poder descer essa pessoa da cadeira, colocar na piscina e depois para sair a mesma coisa precisa de auxílio, um professor sozinho, dependendo do perfil do aluno ela não consegue descer sozinho, não consegue dar aula. Então, a piscina, o acesso para piscina, hoje um problemático referente à acessibilidade e as demais modalidades, não, não há esses problemas.

**Pesquisador:** É essa, essa da natação aí? Eu sei, eu já tive que ajudar a Natália, lá.

**Entrevistado A5:** Pois é, você foi estagiário lá, né?

**Pesquisador:** Não fui, fui não. É porque eu fiz já muita pesquisa lá com ela, aí eu fiquei lá muitas vezes já observando.

**Entrevistado A5:** Ah, lá é complicado essa parte para ela é bem difícil, ela estava com aluno paraplégico. E esse aluno, ele era, ele tinha sobrepeso. E aí pelo fato dele ter sobrepeso, já não tem muita autonomia, né? Você vai observar e às vezes não tem tanta autonomia com a pessoa mais ativa. É uma pessoa nem ativa, uma pessoa treinada, né? Ao invés de destreinada? Tem

muita dificuldade de segurar e às vezes sente insegurança ali na pessoa, e também é perigoso, né? Se deixa essa pessoa cair, machucar. Era o Jorge, não sei se você chegou a conhecer ele.

**Pesquisador:** E é criança?

**Entrevistado A5:** Não! Era adulto, bem adulto.

**Pesquisador:** Ah, não conheci, não!

**Entrevistado A5:** É, tanto que era dificultoso essa participação dele que eu acho que é o foi dando no decorrer do tempo ele foi desanimando, eu acho que ele não vai mais, o Jorge, porque era muito era dificultoso sabe, descer ele era muito complicado de saber atrelar a paraplegia mais o sobrepeso era difícil.

**Pesquisador:** Ah, imagino! Você sabe como que é o transporte dos alunos até o local que é desenvolvido as práticas?

**Entrevistado A5:** Então, o transporte é totalmente individual de cada um. É infelizmente e não é a realidade de alguns estados, né? A gente vê alguns estados do país que eles tiveram recentemente a reunião dos coordenadores, né? Então em São Paulo, aí uns cases de sucesso, né? Que era os centros de referência de sucesso. Eles apresentaram como que funcionava lá a dinâmica, o centro de referência, por exemplo, Blumenau, a gente vê que o Blumenau, ali no Nordeste. Eles tinham até ônibus adaptado para buscar o aluno em casa. ficar em casa o que tiver. Da nossa aqui centro Oeste, tanto o município quanto Goiás não tem. Não tem transporte, não tem o auxílio ali de nenhuma das secretarias, entidades. Então a criança ou jovem vai com a mãe ou responsável ou vai sozinho, né? De transporte público ou Uber ou o próprio transporte, moto, carro?

**Pesquisador:** Uhm, entendi. No Mato Grosso já eles estão com transporte também.

**Entrevistado A5:** Tem, tem transporte? Tudo acessível, nossa, fica vendo, parece que é coisa de outro mundo. Que eu penso está tão distante, né? Com a realidade do nosso país, mas acontece.

**Pesquisador:** Pois é, que bom que está acontecendo aos poucos, pelo menos está acontecendo.

**Entrevistado A5:** É quem sabe um dia aqui, né?

**Pesquisador:** E hoje, como que é a captação dos atletas? A propaganda no geral, ela é suficiente? Eu tenho que ter algum outro tipo de captação?

**Entrevistado A5:** Então, a captação, eu costumo falar que a gente está no meio da rua, está andando a bordo dessa pessoa. A gente tem muito hábito de abordar, né? O professor que está vai trabalhando ali no paradesporto, ele tem esse hábito de procurar, a gente quase que fica procurando pessoas com deficiência mesmo, eu penso para fazer, estou dentro do carro, a gente aborda, a Natália na academia a gente aborda, mais um outro elemento que auxilia muito tem os jogos, os jogos paradesportivos do CRER, todo ano a gente vai, quando a gente vai nesses jogos a gente fica ali observando o perfil de crianças, conversa com os pais e conseguindo captar muito através dos jogos, a natação mesmo, a gente tem muito aluno através dos jogos paradesportivos do CRER, que acontece sempre na semana do mês de setembro, que é próximo da data do atleta paralímpico. É um dia antes do festival, dia 20 de setembro, que acontece todo ano. E outra coisa que a gente faz também é visita em escola é algo que assim é rotineiro. De tempos em tempos, a gente vai dentro das escolas da rede municipal de educação, conversa com o coordenador, conversa com o diretor que está dentro da unidade, pede para que faça às vezes uma lista dessa criança com deficiência. A gente sabe que às vezes, dentro da escola, o que que é um problemático, muito comum lá pra gente chegar lá, a gente pergunta quais são as crianças com deficiência? A própria gestão passa para nós uma lista de muito de deficiência intelectual, né? Que são aqueles alunos que precisam de professor de apoio. Só que tem as deficiências que não tenham necessidade de professor de apoio e são legíveis para o esporte, né? Já aconteceu de eu estar numa visita numa escola. Quando cheguei lá, a professora falou que não tinha. Aí depois ela. Não, eu acho que a gente tem um aluno. Aqui. Aí eu falei, uai, ela falou, não, deixa eu ver se ele está aqui, que aí eu te chamo, você conhece ele. Eu não sei se é perfil para o esporte, mas deixa eu te apresentar. Ele aí tá lá no jornalista, na escola jornalista do meu armário. Aí chegou o rapaz, quando chegou o rapaz, ele tinha uma má formação congênita na mão, Mateus, falei, nossa, ele é elegível sim. Só que só pra uma modalidade, pro vôlei sentado, passei meu contato. Eu tive que insistir umas 2/3 vezes porque ele tinha vergonha, escondia a deficiência, ele usava a blusa dentro da

camisa, a camisa dentro da mão, assim, para esconder. Aí encaminhei para o vôlei sentado. O professor de vôlei sentado, inclusive, encaminhei para o CRP do estado, porque a gente não tem vôlei sentado. E hoje o menino é da seleção brasileira de base, porque tem 17 anos, fez 18 agora.

**Pesquisador:** Uhum. Olha só!

**Entrevistado A5:** É, sim, caminho para ser atleta. Então, o que é muito comum, às vezes eu peço sempre para os meninos, os professores, a inspeção na escola, não vai baseado só nessa lista que a gestora se apresenta, porque geralmente essa lista tem lá pessoas com deficiência intelectual. É muito comum eles esquecem dessa deficiência física que não precisa de professor de apoio. Por exemplo, esse menino precisava do professor de apoio. E aí a gente tem que observar o recreio, não tem jeito a gente tem que observar recreio, porque às vezes é uma deficiência, às vezes é uma paralisia, uma paralisia cerebral, também que só afeta ali um hemisfério motor direito do corpo da criança, mas não impacta no cognitivo, ele não entra como apoio, não impacta nenhuma atividade curricular da escola e nem nas aulas de educação física, mas é elegível para o esporte paralímpico, entende? Eu falo demais, viu?

**Pesquisador:** Saquei, Beleza! Começar o outro aqui é as competições e o relacionamento familiar. Hoje vocês possuem condições financeiras de ir para as competições e levar os atletas?

**Entrevistado A5:** Não, não muito! Muito difícil! Quer que justifique ou só sim ou não?

**Pesquisador:** Pode falar!

**Entrevistado A5:** Posso falar? Então hoje, no Estado de Goiás, nós temos 2 associações ativas, né? Que contribui ali, porque quando a gente vai para competição, geralmente precisamos esquecer a paralimpíada escolar. A Paralimpíada escolar não tem a necessidade de estar enquadrada em um clube. Então nós precisamos de uma instituição para representar, o atleta representar um clube, né? Uma instituição, no Estado de Goiás, a gente não tem um clube, mas a gente tem entidades, né? Que são associações montadas por pessoas com deficiência, que é a ASPAEGO e a ADFEGO, que são essas duas associações que nós temos hoje, que os atletas representam, né, em clube. E essas entidades, elas auxiliam em algumas

competições, né? É. Às vezes paga uma inscrição ou às vezes só dá o transporte, o aluno tem que arcar com o restante, hospedagem, alimentação. Então falar que existe uma associação, um clube ou uma entidade que mantém 100% financeiramente esse atleta em competições é mentira, não existe 100%. Existem alguns auxílios, entendeu? Essas associações sempre dão alguns auxílios e depende muito do calendário, tem calendário que não, tem calendário, eles não conseguem atender todas as demandas. Estou estacionando aqui, tô chegando, não consegue atender, por exemplo, todas as demandas de todas as competições. Ah, é o badminton tem 3 etapas. Aí é não a gente vai conseguir custear 2 e vai conseguir custear com transporte, o restante é com atleta, entende? Não tem como, eles não auxiliam com tudo 100% e o aluno às vezes tem a bolsa atleta, né? Se organiza para poder estar custeando as outras despesas, e é isso.

**Pesquisador:** Uhum, entendi!

**Entrevistado A5:** Entendeu?

**Pesquisador:** Então assim, quando tem as competições, a família vai junto, como é que é?

**Entrevistado A5:** Vai não!

**Pesquisador:** Normalmente, só o treinador e o atleta?

**Entrevistado A5:** Geralmente é o treinador e os atletas. Ou acontece, por exemplo, é se a gente for falar de parolimpíada escolar, acontece do familiar em si, por exemplo, a parolimpíada escolar quem custeia é 100% o CPB. E a Secretaria estadual do esporte, lida com a parte uniforme, o transporte, dependendo da modalidade, por exemplo, a bocha não sei se já teve oportunidade de conhecer, ela é para crianças com alto nível de comprometimento motor, então, por exemplo, você vai encontrar um BC1, né, que seria ali a criança depende de uma pessoa 100% para fazer o é fazer as a higienização, né? Fazer alimentação, aí tem um acompanhante. Aí precisa de acompanhante, entendeu? Mas é só na Parolimpíada escolar e quando, lembrando dessa modalidade, né? Aí, por exemplo, têm regional também, um é um estadual de Bocha, aí é a única modalidade de verdade que pode ter, tem que ter um calheiro e um acompanhante, entendeu?

**Pesquisador:** Aham, entendi. Então basicamente é só a bocha que realmente ela é obrigatória, ter uma pessoa junto?

**Entrevistado A5:** Depende também do nível mesmo? Exato, depende da classificação, sabe? Porque dependendo da classe, se for BC1, tem um acompanhante dependente, se for BC 3, só vai o treinador e o calheiro, entendeu? O treinador e o calheiro.

**Pesquisador:** Entendi! Outra pergunta aqui é, qual é a participação da família no dia a dia no centro de referência? E como é a participação deles nas competições?

**Entrevistado A5:** Cara, então é referente a faixa etária, eu acho eles muito ativos as crianças ali, os jovens, por exemplo, de 7 a 17 na natação paralímpica, que é o que a gente mais tem criança, as mães são extremamente engajadas. Elas são engajadas se a gente vai fazer uma ação, um festival paralímpico, se vai fazer uma confraternização interna entre a gente. As tentativas fazem muita questão ali de estar no cotidiano, de apoiar, inclusive, às vezes elas ficam até cobrando, será que o meu aluno vai? Será que meu filho vai ter rendimento, vai um dia para uma competição. Relação familiar eu acho muito próximo e muito engajado, e até dia de jovem mesmo. Eu estou com um jovem de 19, que fez 19 agora, novinho, 18 anos. Os pais vão para o treino, faz questão de conversar com a gente, conhecer um pouco sobre a modalidade. Vai viajar, por exemplo a primeira vez que ele foi sozinho para competição, eles vão vão junto até o local que vai sair o transporte, conversa com a gente, conversa com com os gestores do clube, da entidade. A relação é bem próxima, às vezes pega o nosso contato, vai conversar durante a semana, durante a competição.

**Pesquisador:** Olha, muito bom, viu?

**Entrevistado A5:** É muito bom.

**Pesquisador:** Em relação às competições, você já falou da ADFEGO e da ASPAEGO, mas elas são as únicas instituições de pessoa com deficiência que participam?

**Entrevistado A5:** De competição, sim. São as 2 únicas que nós temos hoje. A gente tinha uma participação ativa, acho que até 2018, se eu não me engano, 19, eu lembro que eu estava na faculdade. Tem, mas não é tão ativo ainda. Tem minto, ainda tem a APAF ficou tênis em

cadeira de rodas, que é a do é o presidente, é o Tiago. E aí eu sei que tem atletas vinculados à APAF, que treinam na APAF, que representa a APAF quando vai para a competição do tênis, do tênis em cadeiras de rodas, tanto do Tiago, mas aí o do professor Lázaro, que é a Mary Cool e tal, que é essa galerinha, que é o Bruno Mankey, que eles representam a ASPAEGO.

**Pesquisador:** Entendi!

**Entrevistado A5:** Entendeu? Eu sei hoje da APAF ativo, é com o tênis em cadeira de rodas, da natação é uma característica muito social, a galera lá não compete.

**Pesquisador:** A APAF é o que?

**Entrevistado A5:** Peraí, deixa eu pesquisar!

**Pesquisador:** Essa daí eu não conhecia não.

**Entrevistado A5:** Não, o presidente é o Tiago, chama Tiago. Ele é filho ou. Espera aí. Se eu não me engano, a Natália trabalhou lá. Chama-se Associação Paralímpicos do Futuro. Aí já foi muito bom, ela já foi muito engajada, sabe? Ela foi muito, quem fala isso é o João. Na época do João Turíbio era muito engajado, o ex-presidente era muito entusiasta. Assim, ele faleceu, se eu não me engano, foi na pandemia 21/22 e ele era muito ativo na entidade. Depois disso, o filho acabou assumindo o Tiago. Ele é até assessor do William Veloso, que é o presidente da entidade. Entendi até aquela mesmo tipo, recurso não capta tanto recurso. A associação Paralímpicos do futuro, eu dei um Google aqui. Entrei e eu estou vendo aqui. A última publicação, 28 de setembro de 2019, atletas da APAF fizeram bonito no Meeting de natação paralímpica em Brasília. Eu não sei ainda se esses atletas representam APAF. Eu estou até reconhecendo alguns aqui, a Fernandinha. Ela é de síndrome de down, o Diego também é síndrome de down, mas olha só, 28 de setembro de 2019, o que eu sei que eles são mais ativos hoje é no tênis em cadeira de rodas, Entendeu? Tem alguns atletas, eu até conheço, alguns que representam a APAF.

**Pesquisador:** Hum. A Secretaria de Esportes, hoje ela atua junto com o centro de referência?

**Entrevistado A5:** Isso! Aqui, a Secretaria é parceria, né? Aqui a gente tem a parceria direta com o comitê paralímpico brasileiro.

**Pesquisador:** E você trabalha tanto na Secretaria como no comitê, no comitê paralímpico?

**Entrevistado A5:** Não, não trabalho na Secretaria. O meu único vínculo é como supervisor do centro de referência. E aí o vínculo é quem é que literalmente paga o salário é o comitê, entendeu? E aí eles vão aqui, não roda nem folha, a folha de pagamento nem cai aqui na Secretaria. Mas como tem parceria sempre que a gente tem, eu sempre tento estar por aqui, sabe? (**Pesquisador:** Ah, entendi) Mas eu fico muito em polo, né? Como eu trabalho com eu atrelo a supervisão com o parabadminton, eu sou treinadora do parabadminton, então eu fico durante a tarde na ESEFEGO. E alguns dias eu venho para cá. Se às vezes precisar fazer alguma demanda burocrática, eu venho para cá ou vou para as para os próprios locais de atendimento, porque lá ESEFEGO é local de atendimento também, né? Porque lá também acontece o atletismo, Fut Down também é lá. Alguns treinos do goalball também é lá. Mas eu não tenho vínculo público, hoje eu não tenho nenhum vínculo público. O meu vínculo é só com o Comitê e eu leciono também na Estácio, né, que é uma instituição privada também.

**Pesquisador:** Entendi, então basicamente está em 2 serviços?

**Entrevistado A5:** Isso estou em 2 serviços.

**Pesquisador:** Mas um é dobrado no comitê?

**Entrevistado A5:** Não, o comitê é praticamente dobrado. É assim, o contrato com o comitê é muito flexível, né? Inclusive, no contrato ele está escrito que é 30 horas flexível, mas eu tenho 6 horas, né? 6 horas que a gente. Tem essa flexibilidade, entendeu?

**Pesquisador:** Aham, entendi.

**Entrevistado A5:** Total flexibilidade, porque é o vínculo total é esse com São Paulo é direto de lá.

**Pesquisador:** Beleza, aí hoje o centro de referência daqui ele tem apoio político ou de alguma empresa privada?

**Entrevistado A5:** Hoje nós não temos Pesquisador nenhum apoio de empresa privada.

**Pesquisador:** E nem político?

**Entrevistado A5:** Ah, o William Veloso, é apoiador. O William Veloso? Por exemplo, ele não financia financeiramente, ele manda emenda para as entidades. Então, por exemplo, foi levado emenda para ASPAEGO e para AFEGO, se a gente for falar de cunho esportivo, né? E acaba que essas entidades nos atendem, né? Então, existe!

**Pesquisador:** É indiretamente?

**Entrevistado A5:** Exato, indiretamente existe! O último festival paralímpico, 21 de setembro, que aconteceu? Nós não tínhamos transporte, teria pela secretária, aí mudou o contrato. Enfim, durante o ano foi falado que não vai ter mais, porque é esse contrato de ônibus previa pagamento por quilometragem. Como o festival era interno, era dentro da cidade. Não teria como eles nos atenderem, aí a gente foi recorreu a ADFEGO e ao vereador. Aí que o vereador fez, a ADFEGO tem a van, né? Ele tem van agora, tem um ônibus, aí ele foi e pagou do bolso dele mesmo, pagou o combustível e pagou a diária do motorista. E a gente ficou, graças a Deus deu certo, aí o William, não tem palavras, ele é um cara assim, que ajuda mesmo, ele é do beleza. Aí ele foi, pagou combustível, pagou a diária do motorista e aí a gente conseguiu buscar as crianças das associações, entendeu? É crianças, jovens, com deficiência. E daí nós fomos lá no CRESPO, que é uma associação São Paulo apóstolo, que atende prioritariamente deficiência intelectual. O motorista pegou a van cedinho, buscou essa galera, fez 3 voltas, porque eram muitos alunos, levou para ESEFEGO e aconteceu o festival. Ah, tem parceria, por exemplo, eu estou com 2 atletas cadeirantes que a cadeira de rodas esportiva é um material um pouco caro, né? Um material ali na faixa de 9000 a 8000 reais, aí a parceria que a ADFEGO tem com a Alfa mix, que é a empresa que faz a cadeira de rodas. É uma empresa privada? Mas quem intermedia isso é a ADFEGO, então eu não conceituo como privado não, porque é pela instituição, né?

**Pesquisador:** É, mas essas cadeiras são para qual esporte mesmo? (**Entrevistado A5:** Parabadminton). Ah, entendi a do parabadminton, ela é diferente do basquete.

**Entrevistado A5:** É diferente! Elas têm duas rodas e uma de chip, né, que é uma rodinha atrás, além das 2. Porém, a de basquete ela tem uns aros, sabe que ficam em volta da cadeira, porque como tem muito contato, ela permite esse atrito, esse contato, aí do badminton o que difere são esses aros em volta e que algumas têm 2 aditivos, outros têm somente um aditivo. Ah, algumas adaptações de característica da modalidade mesmo.

**Pesquisador:** Uhum, você já viu a do rugby?

**Entrevistado A5:** Já, já vi.

**Pesquisador:** Pois é, essa eu já até tive um experimento nela, é muito diferente.

**Entrevistado A5:** É muito diferente, ela é bem mais baixa também. É baixa, assim fica com um quadril baixo.

**Pesquisador:** Aí há outra questão aqui é se há dificuldade relacionada à acessibilidade nos eventos e nas competições e como que o comitê lida com essas questões para garantir a participação dos atletas?

**Entrevistado A5:** Você diz competição interna ou competição externa?

**Pesquisador:** Ah, pode ser as 2 que é qualquer tipo de evento.

**Entrevistado A5:** Quando acontecem dentro do comitê é Acessibilidade total, né? Problema zero em relação a isso, mas quando ela acontece em alguns locais específicos, a gente esbarra em alguns problemas, como, por exemplo, os últimos jogos Paralímpicos do estado de Goiás, que foi ali no centro de excelência, né? As estruturas do ginásio. Fica ali no quarto andar, né? Não é sempre que o elevador funciona, né? Mas é quando não funciona, eu sempre trabalhei lá, né? Sobe ali até o terceiro andar, sobe um lance de escada segurando, um leva a cadeira. O outro segura o aluno no braço mesmo, sobe e um outro problema que a gente tem em relação

ao banheiro. É banheiro, às vezes a gente vai fazer no local que não tem banheiro muito adaptado.

**Pesquisador:** Por causa que pelo menos na ESEFEGO lá no andar de cima não tem nenhum banheiro, né?

**Entrevistado A5:** Não tem, não tenha excelência, né?

**Pesquisador:** Uhum.

**Entrevistado A5:** Não tem, mas acontece! Assim, falar que é uma Barreira, não é. Tem as dificuldades? Tem! Mas a gente vai vencer.

**Pesquisador:** É, pelo menos isso. Em relação aos aspectos sociais e pessoais dos atletas, vocês têm conhecimento de como é a alimentação deles, se possui algumas dificuldades alimentar, você acha que é uma alimentação adequada?

**Entrevistado A5:** Assim, acaba que essa relação mais detalhada, a gente consegue ter sim com aqueles que já estão na rodagem, rodagem que eu falo é participando ou de meeting, por exemplo, os atletas da Natália me tem alguns que já participam de meeting paralímpico, de regional, que hoje eles fazem etapas para poder classificar para paralimpíada escolar. Então que a paralimpíada cresceu, é um evento nacional, reunindo pessoas com deficiência dos 12 até 17 anos, de todo país, como cresceu muito ali, por exemplo, na natação. Hoje a natação já faz regional para classificar, para para saber se tem condições de ir para o para a paralimpíada nacional, que agora é para semana que vem inclusive. Aí que acontece quando ela tem esses atletas aí que são, a gente é conceitua como estágio de aperfeiçoamento, né? Então a gente vai responder relatório, fala aperfeiçoamento. Hoje ela tem uns 10 de aperfeiçoamento. Ela fala que ela enquanto professora, ela tende a cobrar, como que tem sido a sua alimentação, né? Conversa com os pais. Ela cita o nome de um atleta lá em específico, ó, está com sobrepeso, cuida da alimentação! Aí eu sei que um dos atletas dela, inclusive tem a Victória, não sei se você conheceu com a síndrome de down, atrelou as dietas com a musculação, aí ela vai lá pra ADFEGO, faz um treinamento de força e com a professora Entrevistado A6, e à tarde vai para piscina, né? O Luiz Felipe também é a mesma coisa. Eu não sei como que está a assiduidade, mas ele estava indo para a academia e o pai chegou a pagar um personal. Eu acho que o pai

estava pagando um personal, pra justamente melhorar essa composição corporal, né? Tem uma redução de gordura, né? Manutenção e ganhos de massa muscular, por ter essa preocupação com as competições. Então no estado de aperfeiçoamento é comum a gente ter esse tete a tete, né? Essas cobranças mais pessoais, de entender como que tem sido realizadas as refeições, mas não é possível acontecer com todos sabe? Devia ter uma estrutura de clube, né? Uma estrutura grande de clube eu uso muita referência no Sesi, né? O Sesi São Paulo, tem todo aquele clube interdisciplinar, né, tem preparador físico, tem psicólogo, tem nutricionista, então é independente do nível de rendimento, né, de aperfeiçoamento, todos eles têm esse acompanhamento, né? Nutricional e psicológico, a gente não consegue ter com detalhes, a gente tem essas características que eu te falei.

**Pesquisador:** Entendi! Alguns atletas que vocês possuem aqui no centro de Goiânia, eles têm alguma lesão que adquiriram antes ou depois da prática do esporte?

**Entrevistado A5:** Não, não tem! É comum, às vezes eles reclamarem ali, aí to com dor no ombro. Mas eu vou dar um exemplo dos meus, né, que é o que eu mais tenho contato em conversa, que é o parabadminton, nós temos a parceria deles representarem a ADFEGO, então a ADFEGO, ela tem uma parceria com a Estácio com estudantes em períodos de estágio, sabe? Da fisioterapia. E atrelado a isso, eles fazem fisioterapia para sanar essas dores. Eles fazem à noite, eu sei que eles têm os atendimentos à noite. Então a galera da fisio lá, mas é dor muscular, de algumas vezes repetição de um exercício ou até mesmo em decorrência da deficiência, né? Hoje o Manoel Roseane, por exemplo, ele tem a lesão de motor de plexo braquial em decorrência dessa ruptura de plexo braquial. Aí a gente compensa, né? Você sabe você é da educação física? A gente tende a compensar, né? Perde o membro ali, compensa o outro, aí o outro que é compensado sente dor demais? Pelo estilo de vida, eu também, né? Atrelado a teu estilo de vida e o esporte também né.

**Pesquisador:** Hoje quais são as dificuldades mais encontradas para as pessoas com deficiência possuírem acesso ao esporte paralímpico?

**Entrevistado A5:** As principais dificuldades? Nossa! São tantos. Deixa eu pensar... Então, Sabe como que eu conceituaria, a falta de acesso à informação, você acredita? Eu falo porque sempre tem uma pessoa com deficiência fala, eu não sabia que tinha esse projeto, sério? Eu posso ir? Eu desconheço, eu não sabia, eu já vi na televisão e tal. Mas tem Goiânia? Como

que funciona? Como que eu participo? É bem, é bem isso. O que nós temos que fazer é sempre trazer visibilidade, eu acho que a principal lacuna é a visibilidade, quando você traz visibilidade, traz informação, a gente consegue atrair mais.

**Pesquisador:** Hoje, existe algum tipo de suporte psicológico para os atletas? Se sim, como que é realizado? Qual é a frequência do acompanhamento?

**Entrevistado A5:** Existe! Porém, a agenda dela é muito complicada, que é a psicóloga da ADFEGO. Então, depende muito da disponibilidade, porque o grupo é muito grande, né? Também a ADFEGO atende muita modalidade, tem basquete, tem vôlei sentado, tem o tênis de mesa, tem a natação, o parabaminton. Eu tenho um que faz assiduamente, se não me engano, ele encontra ela uma vez na semana. (**Pesquisador:** Uhum, entendi.) Mas é um trabalho de parceria, entendeu? É uma parceria ali com a entidade vai muito da agenda do psicólogo, né? Da quantidade que ela pode atender.

**Pesquisador:** E também do tempo disponível, né? (**Entrevistado A5:** Exato!) Hoje, o centro de referência, eles realizam atividades que promovem a inclusão social dos atletas fora do ambiente esportivo.

**Entrevistado A5:** Não entendi! Como que seria isso?

**Pesquisador:** Por exemplo, algo que não é relacionado ao esporte, algum evento cultural, por exemplo, aqui o centro de referência promove, algo que integre eles mais à sociedade.

**Entrevistado A5:** Entendi! É inclusive, é uma das minhas propostas. Eu tenho muita vontade de fazer, está nas minhas ideias. Eu quero colocar em prática 2025, a balada Down, eu vi uma colega lá de Ponta Grossa, do Paraná, fazendo. Ela falou, a gente fechou uma balada só para os alunos com a síndrome de down participar, só que a gente até fica para implantar, além do festival paralímpico, tem o da dança da Vanessa, nós temos alunos do Centro Referência que participam, que é o projeto Diversus, né?

**Pesquisador:** É isso mesmo!

**Entrevistado A5:** Então, hoje a gente tem o festival e o Diversus.

**Pesquisador:** Hmm, realmente.

**Entrevistado A5:** Só os 2, vou pensar se tem outro. Não, se tiver, eu desconheço.

**Pesquisador:** Ah, agora das últimas questões que é relacionado à formação de equipe é, vocês têm facilidade hoje para encontrar profissionais para atuarem no centro de referência?

**Entrevistado A5:** Você fala, professor ou estagiário?

**Pesquisador:** Professor.

**Entrevistado A5:** Assim, pessoas interessadas existem, né, Pesquisador? Existe muito, só que pela exigência de cumprimento de carga horária, de ter que ser um trabalho, se a pessoa não for remunerada, é muito difícil ela ter continuidade sem remuneração, né? Ficar lá uma manhã toda, uma tarde toda. O que nós temos hoje são os analistas, né? Da Secretaria, que é a contrapartida são os professores contratados do Centro de Referência e estagiário a gente tem 3 hoje.

**Pesquisador:** 3 no geral? (**Entrevistado A5:** no geral!) Entendi! E de professor, vocês têm quantos hoje?

**Entrevistado A5:** Michael, Tiago, Everton, da Secretaria. São 3. Deixa eu olhar aqui. Espera aí, estou esquecendo de alguém? Não, Gleison 4.

**Pesquisador:** E a Natália?

**Entrevistado A5:** Natália não é Secretária, ela é CRP!

**Pesquisador:** Ah, entendi! Aí tem diferença?

**Entrevistado A5:** Sim, porque os analistas aqui quem paga é a prefeitura, né? Eles são prefeitura! E o centro de referência é CPB, né? É o comitê. Então nós temos 4 pela secretaria: Everton, Tiago, Gleison e Michael. E pelas pelo centro de referência que quem contrata é o

comitê, é Jhenni, Natália, Matheus, João e eu, porque eu exerço tanto a coordenação, como também dou treino, então são 9.

**Pesquisador:** Aquele outro que dá aula com a Natália, mas ele dá de manhã.

**Entrevistado A5:** É o Gleison, ele é professor da Secretaria, ele é analista.

**Pesquisador:** É, eu não estava lembrando qual era o nome dele. Então, basicamente hoje os professores são 9 ao total?

**Entrevistado A5:** Isso! São 9 professores e 3 estagiários.

**Pesquisador:** Beleza, 3 estagiários, mais 2 são da natação, né?

**Entrevistado A5:** Isso 2 da natação, que é o André e o João.

**Pesquisador:** O Gustavo saiu?

**Entrevistado A5:** Gustavo saiu.

**Pesquisador:** Ah, entendi!

**Entrevistado A5:** Ele ia se formar e a carga horária estava incompatível.

**Pesquisador:** Ele vai se formar agora! Vou ser até banca do TCC dele semana que vem. Vai dar certo! Você acredita que a formação na universidade, ela é suficiente para atuação?

**Entrevistado A5:** Não, não mesmo!

**Pesquisador:** E os cursos oferecidos pelo CPB, eles são suficientes para atuação?

**Entrevistado A5:** Também não! Agrega muito, nossa senhora! Mas o que é ideal para formação e atendimento é você estar em beira de quadra e beira de piscina, não tem jeito, está

lá na prática, está? O estágio, eu conceituaria como um dos principais, o estágio atrelado ao curso do CPB.

**Pesquisador:** Hoje você tem até qual nível do para badminton?

**Entrevistado A5:** Eu sou a única que tem o curso de level one. E agora vou para o treinamento da PONAN em dezembro, né? Mas eu tenho um coach level one, que é o um, né? Tem até o 3. Eu só tenho o um.

**Pesquisador:** Um, entendi, aí ninguém mais de Goiás tem.

**Entrevistado A5:** Não, só eu.

**Pesquisador:** Quando eu conversei com a Entrevistado A4, ela falou que era a única do estado também que tinha até o 3.

**Entrevistado A5:** Sim. Isso era a única que tem até o 3, é isso mesmo.

**Pesquisador:** Eu falei, gente? Esses cursos são muito concorridos mesmo.

**Entrevistado A5:** É, mas assim é porque demanda um tempo, né? A pessoa tem que estar envolvida, a Natália tem o 1 e ela está esperando, abrir o 2 para fazer, mas ainda não disponibilizou, disponibilizou um novamente e disponibilizou um de natação, um de halterofilismo e um de atletismo, que por exemplo, o atletismo o Everton já vai fazer agora que é professor nosso aqui, né? Fazer o que vai ser na segunda quinzena do mês de janeiro ele vai fazer um de atletismo e o Gleison vai fazer um de Halterofilismo

**Pesquisador:** Entendi! Halterofilismo tem aqui em Goiânia?

**Entrevistado A5:** Ah, boa pergunta. Então nós tivemos, inclusive, uma atleta muito forte em Goiânia, né? Que era acho que é a Roseane, aí ela teve até a carreira interrompida por conta de doping, pegaram o doping dela e tal, mas ela era top assim do ranking, estava tendo bons resultados, parou, não sei nas notícias. E aí? O que acontece, o professor Gleison está ficando na musculação cedo, né, lá na ADFEGO, e fica segunda, quarta e sexta. Ele tem treinado um

atleta lá do halterofilismo, ele só não foi pra competição ainda porque ele é único, aí acaba que não engaja muito assim para conseguir o transporte, a inscrição. Aí falou: “Entrevistado A5, eu quero fazer o curso e ver se o ano que vem eu tento levar”. Eu falei: “professor, você leva uma vez um, que vai despertando o olhar, às vezes você desperta outra pessoa ali que tem perfil, ele chama Atos, depois você quiser até ver uma rede social dele. Ele é muito forte, já vi ele levantando mais de 140 kg no supino.

**Pesquisador:** Credo, homem é forte mesmo.

**Entrevistado A5:** Forte! E é lesão medular, paraplégico!

**Pesquisador:** Interessante! Qual formação ou curso você acha que poderia colaborar com a atuação e a formação de atleta do CPB? Isso que o professor faria.

**Entrevistado A5:** A primeira introdução ao movimento paralímpico é disponibilizado pela educação paralímpica, inclusive eu estava conversando com um colega meu ontem, que quer trabalhar nessa perspectiva também do halterofilismo, ele é personal e tal, e sempre teve muito interesse. Temos essa conversa com ele. Aí disponibilizou esse curso de halterofilismo e só que é obrigatório você fazer qualquer curso que o CPB fornece ter o de introdução. E é um curso online você faz ele de graça, EAD você faz ele super rápido, você pegar uma semana, você faz o curso. Ele vem falando coisas históricas, começa ali com a história da pessoa com deficiência, código da pessoa com deficiência. Vai passando, tipo, resumidamente, em todas as modalidades. Fala um pouco sobre todas as classificações, como funciona de cada uma, tem uma prova no final e você consegue certificar de introdução ao movimento. Aí quando você tem esse curso, aí você está habilitado a fazer os demais, aí eu estou trabalhando com atletismo, aí você vai fazer as habilitações técnicas para atletismo.

**Pesquisador:** Hoje há pessoas com deficiência atuando profissionalmente no centro de referência? Como professor ou algo assim!

**Entrevistado A5:** Acredita que não? Não tem!

**Pesquisador:** É, normalmente essa é uma dúvida que eu sempre tenho, porque, tipo assim, lá dentro realmente do comitê paralímpico tem pessoas com deficiência, mas nas ramificações dele, que é no centro de referência, nesse caso é bem difícil a gente encontrar, né?

**Entrevistado A5:** É muito difícil! Eu inclusive, eu vi ontem uma informação, não sei se é verdade, mas eu voltei a ler um trechinho aqui para você, mandaram aqui no grupo nosso da modalidade que eu trabalho. Uma aluna falou o seguinte, a presidência do contemporâneo brasileiro deverá ser ocupada apenas por pessoa. Ah, mas é a presidência? Apenas as pessoas com deficiência e elegíveis para o esporte, após os jogos de Los Angeles 2028. A medida foi aprovada por unanimidade em reunião extraordinária da assembleia geral realizada nesta terça-feira e passa a valer na próxima eleição do Comitê, é um começo, não é? Se a gente pensar aqui na presidência, talvez seja uma denominação que desencadeie para centro de referência, não sei. De ter pelo menos um profissional, quando eu trabalhava no Estado. No Centro de Referência do estado, nós tínhamos, era o Professor Weverton, não sei se você conhece, o cego total de deficiência visual. Ele era estagiário, porque ele era estudante ainda de educação física, ele era estagiário do atletismo.

**Pesquisador:** Conheço ele!

**Entrevistado A5:** Ele era ele, ele era funcionário do CPB.

**Pesquisador:** Aí ele formou e não contrataram ele?

**Entrevistado A5:** Não, pelo que eu sei, eu acho que ele tem um contrato pela ASPAEGO!.

**Pesquisador:** Ah, entendi. Olha Entrevistado A5, então vamos pra última questão é, se você tem mais alguma questão que gostaria de abordar que acredita que pode favorecer a pesquisa?

**Entrevistado A5:** Certo! Deixa eu pensar? Tá, acho que é uma questão interessante que você pode trazer no seu trabalho, é sobre como as entidades, as associações de pessoas com deficiência e principalmente aquelas que trabalham com esporte, tem pensado que a captação de recurso e quais são os critérios que eles denominam para poder investir em determinada modalidade? Porque hoje em dia eu vejo muito pouco, sabe? Entidade X trabalha com esporte paralímpico X, aí o que determina em qual competição que ele vai contribuir? Assim, então

talvez acho que fique uma coisa legal de você trazer para o seu trabalho é de que maneira é que essas associações determinam critérios para poder investir ou não em um atleta. A partir de que momento que eu vou colocar ele para ir para o sul americano ou que eu vou pagar a passagem para ele ir para o internacional? Ou definir calendário? Oh, vamos abrir o calendário, a gente tem 3 competições no ano, a mais importante é essa aqui, então a gente vai fomentar com transporte essa, e essa aqui vai ser com inscrição, não? Então no mês de junho a gente vai renovar uniformes, não tem! Sabe? Não tem critério! A gente vê recurso entrando, porém não tem clareza sobre a distribuição desse recurso no movimento paradesportivo, né, no esporte.

**Pesquisador:** Entendi! É, então acredito que é isso. Nossa entrevista deu 57 minutos! Muito bom!

**Entrevistado A5:** Quando você for defender, você me fala que eu assisto.

**Pesquisador:** Beleza, vai ser EAD, então vai ser mais tranquilo também.

**Entrevistado A5:** Então tchau meu amigo, obrigada!

**Pesquisador:** Eu que agradeço.

#### Entrevista A6 - Coordenadora Centro de Referência Paralímpico do Distrito Federal

**Pesquisador:** A sua função hoje aí tá está sendo qual?

**Entrevistado A6:** Hoje, eu sou gestora técnico e social da CETEPE.

**Pesquisador:** CETEPE é o centro de referência do DF?

**Entrevistado A6:** Isso! É uma associação, Associação Centro de Treinamento de Educação Física Especial.

**Pesquisador:** Entendi! Sua formação é em que?

**Entrevistado A6:** Educação Física, eu tenho pós-graduação na área de inclusão e na área de gestão de pessoas com deficiência.

**Pesquisador:** Entendi! E você é uma pessoa com deficiência?

**Entrevistado A6:** Não!

**Pesquisador:** A coordenadora é?

**Entrevistado A6:** Não!

**Pesquisador:** É, passando aqui pela parte do perfil e quantidade das pessoas atendidas, quantas pessoas com deficiência são contempladas no seu Estado, pelo Centro de Referência Paralímpico?

**Entrevistado A6:** Hoje a gente tem, porque, aqui na CETEPE muda um pouquinho a partir dos programas, né? No geral, a gente tem 471, mas no Centro de Referência Paralímpico que aí não entra as modalidades de reabilitação, né? A gente tem 386. Mas quando o CPB pede pra gente um número geral que como conta em grupo, às vezes uma fisioterapia, uma terapia ocupacional. Então acaba uma musculação, acaba contemplando os mesmos beneficiários. Então o total é 471, nos programas de esporte, 386 beneficiários, nos programas de reabilitação 115.

**Pesquisador:** Compreendi! E hoje aí, quais modalidades são oferecidas?

**Entrevistado A6:** A gente atualmente tem 14 modalidades, então a gente tem o atletismo, a bocha, futebol de paralisia cerebral, goalball, Halterofilismo, rugby em cadeiras de rodas, judô, natação, o badminton, tênis em cadeira de rodas, tênis de mesa, tiro com arco, vôlei sentado e a vela adaptada, sendo que a vela adaptada a gente só tem dois beneficiários, porque como a gente não tem professor para a modalidade, então a gente não recebe novos. Mas os beneficiários que tem, como eles têm o próprio barco, né? Então eles acabam treinando e representa o centro de referência, mas a vela é o único aqui que não recebe novos alunos.

**Pesquisador:** Ah, entendi. Nossa, é bastante que tem aí!

**Entrevistado A6:** Sim, tem bastante!

**Pesquisador:** Acho que de todos que eu entrevistei é o que tem mais modalidades.

**Entrevistado A6:** Acho que Minas, se não me engano tem muitas modalidades, tirando de São Paulo, né?

**Pesquisador:** E hoje, quais são os perfis de deficiência que estão mais presentes?

**Entrevistado A6:** A gente hoje a maioria é deficiência física, né? E também o TEA, a gente tem bastante na área do TEA, mas para elegíveis assim, é deficiência física na competição, né?

**Pesquisador:** Entendi! E hoje vocês aceitam pessoas com deficiência não elegível para o esporte, tanto como pessoas com TEA, surdez, síndrome de down, entre outros?

**Entrevistado A6:** Sim, a gente tem atendimento de todos os tipos de deficiência, mesmo não sendo elegível para o esporte, porque uma das bases do centro de referência e também da CETEPE, é fazer o atendimento da pessoa com deficiência, não só voltado para a área do esporte, o esporte a gente fala que é uma consequência dos atos, mas mesmo ele competindo ou não, ele vai continuar naquela turma, seja de Rugby, futebol, mesmo não sendo elegível.

**Pesquisador:** Tranquilo! Independente do esporte que ele escolher, vai estar sendo contemplado.

**Entrevistado A6:** Isso mesmo se ele passar por uma classificação e não for elegível, ele pode continuar naquela modalidade.

**Pesquisador:** E vocês têm alunos com surdez também?

**Entrevistado A6:** Também temos surdos, não é uma grande quantidade, porque para isso. Você é de qual Estado?

**Pesquisador:** Goiânia, Goiás.

**Entrevistado A6:** Goiás? Ah, é pertinho daqui, porque aqui a gente tem escolas para surdos, né? E nessa escola de surdos o atendimento é integral das crianças, então dificilmente a gente consegue. A gente está tentando uma parceria com a Secretaria para conseguir um ônibus que tragam eles para cá, como eles estudam o dia inteiro, então dificilmente a gente consegue criança que não esteja o dia inteiro na escola, por isso a gente não tem muitos surdos. Mas é um dos nossos objetivos, um dos projetos que está em andamento é de um transporte para sair da escola de surdos e vir aqui para CETEPE, né? Para o centro de referência, para fazer atividade, depois voltar para escola.

**Pesquisador:** É, hoje qual a média de idade das pessoas beneficiadas pelo projeto?

**Entrevistado A6:** A gente tem atendimento a partir de uma idade, porque a gente tem modalidades também, que entram na área de reabilitação, que é de estimulação, mas elas não contam para o centro de referência em números, né? Mas a gente faz esse tipo de atendimento aqui, então a gente sempre menciona, aí já para a modalidade paralímpica ou paradesportiva, né? É a partir dos 6 anos de idade. Mas as áreas de reabilitação, que é da estimulação, né? Básica e a estimulação global a gente atende a partir de 1 ano.

**Pesquisador:** Beleza! Aí tem turmas nas modalidades específicas para adultos?

**Entrevistado A6:** Tem também! A gente tem as turmas de iniciação tanto de adulto quanto de criança, né? E também tem a de aperfeiçoamento e as turmas de alto rendimento, todas essas turmas são divididas por idade e classe funcional, que assim junta mais de uma deficiência na mesma turma, né? Mas a gente tenta colocar todo mundo no mesmo nível esportivo. E também tem o grupinho do social são aqueles que não são para os fins de competição, eles nadam mesmo pela qualidade de vida, por exemplo.

**Pesquisador:** Beleza! Aí as turmas que são específicas para bebês com deficiência, no caso são só para estimulação?

**Entrevistado A6:** É estimulação básica, é o atendimento de 1 ano até 6 anos de idade, ela visa essa parte da reabilitação. Então, a maioria dos pais ou responsáveis estão naquela

descoberta da deficiência, né? Principalmente se for parte de síndrome, então a gente está junto ali com o trabalho de fisioterapia, ajudando na parte motora inicial, tentar resgatar o padrão motor tanto cognitivo quanto o também, o de motricidade daquela criança. Então a gente tenta resgatar o que ela ainda não alcançou ou tentar manter aquilo que ela já alcançou, pensando em padrão motor e cognitivo.

**Pesquisador:** Beleza! A 12 você já respondeu, agora vamos passar direto para as condições para o ensino dos esportes paralímpicos, os locais são adequados para a prática dos esportes paralímpicos? Como é sua estrutura? Possui material adequado?

**Entrevistado A6:** E a gente aqui trabalha junto com uma parceria que a ENAP, é uma escola do governo, aí dentro da ENAP eles tem um complexo esportivo, aí nesse complexo esportivo, né? Tem quadras de tênis oficiais, tem campo society, tem uma piscina de 25m, que é uma piscina semiolímpica adaptada, com rampa. A gente tem a parte aqui da área de musculação, sala de halterofilismo, temos também box para atendimento de reabilitação, fisioterapia, que também é uma parceria com a universidade. E aí a gente também tem o nosso ginásio, que no momento está em reforma, né? Então ele está na reforma do piso, que o piso estava bem danificado, então a ENAP está fazendo a reforma desse ginásio para poder continuar esse atendimento, aí nesse momento que o ginásio, por exemplo, a gente não está tendo atividade aqui no ginásio, aí a gente procurou outros locais para que os alunos beneficiários não fiquem sem as aulas. Então a gente divide os professores e as turmas em outros locais que a gente consegue parceria também, seja numa escola, numa quadra comunitária pra gente fazer esse atendimento. Mas no geral, quando não tá em reforma, tudo ocorre aqui dentro da ENAP, exceto a modalidade goalball e badminton, que aí o goalball, ele tem no centro. Aqui em Brasília a gente tem os centros olímpicos e paralímpicos, né? São 11 centros olímpicos e paralímpicos que são chefiados pela secretaria de esporte, então a gente tem uma parceria lá com eles para conseguir esse atendimento. E aí o complexo esportivo externo já foi todo reformado ano passado, ele está indo por etapas, então a gente já utiliza ele.

**Pesquisador:** Entendi! Então esse centro já está muito bem estruturado.

**Entrevistado A6:** Já! A gente já está aqui há 34 anos aqui.

**Pesquisador:** Entendi! Hoje, como é realizado o transporte dos alunos ou os atletas até o local que é desenvolvido as práticas? Tem algum transporte específico para eles?

**Entrevistado A6:** Então, a gente tem algumas formas de transporte, né? Uma delas é o público mesmo, porque a gente tem aqui o metrô e parada de ônibus próximo ao centro de referência. Aqui na ENAP, eles também oferecem uma van que tem adaptação para cadeiras de rodas também, pega na parada e no metrô em horários específicos, além do transporte particular de cada beneficiário. E eles também aqui em Brasília, a gente tem um projeto da ATCB que são vans adaptadas, que faz justamente o transporte de pessoas com deficiência. Eles pegam a pessoa com deficiência na sua residência e a levam para o local de atendimento, então muitos beneficiários fazem uso desse transporte aqui também, aqui para o centro de referência.

**Pesquisador:** Hum, entendi! É interessante haver um transporte mais exclusivo para eles também.

**Entrevistado A6:** Isso! É um programa da secretaria da pessoa com deficiência junto com a secretaria de mobilidade.

**Pesquisador:** Beleza, como é realizada a captação dos atletas? A propaganda em geral é suficiente? Ou tem que ser através de captação interpessoal?

**Entrevistado A6:** Não, ela é suficiente, a gente capta pelo site, né? E normalmente temos muitos locais que indicam aqui também, o centro de referência paralímpico, mas a maioria dos nossos pedidos são pelo site, então eles escrevem no site. No momento, por exemplo, o site será fechado, que a gente estava finalizando já novembro. Então a gente não vai ter novos atendimentos, só vai finalizar com os que já tem, então em fevereiro, por exemplo, a gente abre o site novamente para fazer as novas avaliações, atingindo a meta de avaliações daquele mês, a gente fecha né, as solicitações dos sites. E aí todo mês a gente faz esse processo, de abrir e fechar. A solicitação no site tem a demanda, a gente atende aquela demanda, fecha o site e espera para o próximo mês até completarem as vagas. Aí completou a vaga em determinada modalidade ou deficiência, aí a gente não tem mais aquele atendimento de avaliação para aquele futuro beneficiário, vamos dizer assim.

**Pesquisador:** Uhum, Beleza! Em relação às competições e ao relacionamento familiar. Vocês possuem condições financeiras de ir para competições e levar os atletas?

**Entrevistado A6:** Aqui em Brasília, a gente participa de um projeto que é da Secretaria de escolas, que é o chamado Compete Brasília, eles oferecem passagem aérea ou terrestre para aqueles atletas que vão competir. A gente também entrou com um projeto junto com o serviço CBCP, que já foi aprovado, né? Que é o comitê de clubes paralímpicos, que também utiliza, que é para beneficiar, senão me engano é um valor de 200 mil para passagens de transporte aéreo ou terrestre que vão competir, então normalmente, a gente usufrui desses 2 tipos de atendimento. Quando acontece de algum atleta não conseguir ou então não for contemplado no programa. Aí a gente verifica a prioridade daquela competição, então já ocorreu da CDF ter que financiar a passagem, porque é uma passagem muito importante para o atleta que oferecia né, que principalmente esse ano foi vagas para as paralimpíadas, o comitê oferecia vagas, oportunidade de vaga nas Paralimpíadas e também, principalmente se a questão da bolsa atleta, que é uma das nossas prioridades, né? Então se aquele evento, ele vale pontuação ou classificação para uma bolsa atleta. Aí, se ele não for contemplado pelo programa do Compete Brasília, a gente ajuda financeiramente na compra daquela passagem.

**Pesquisador:** Beleza! E quando vocês vão para as competições a família vai junto? Como é que funciona essa questão?

**Entrevistado A6:** Aí depende da Confederação. Então, algumas confederações ela tem a liberdade de ter um acompanhante na competição, né? Outras não, né? Então, por exemplo, a ANDE, que é da Bocha, então cada atleta tem direito a um Staff, né? Aí já uma outra modalidade, por exemplo, o goalball que é outra Confederação, eles já não precisam tanto, eles têm um número limite de Staff que são 3, então depende muito da modalidade, mas quando tem, é a oportunidade de ter um Staff. Se ele não for o Staff da equipe, aí pode ir familiar, principalmente dependendo da deficiência, né? Porque tem algumas deficiências que precisa, né, de intervenções, vamos dizer assim, mais íntimas, né, que precisa realmente de um familiar, que aí o nosso técnico e nem nosso Staff pode estar oferecendo o suporte para aquele beneficiário, principalmente do Rugby, por exemplo, né? A maioria deles também precisa de um auxílio, normalmente de um familiar da Bocha, varia muito dependendo da deficiência, quando a deficiência ela não necessita desse apoio, né? De intervenções técnicas por causa da deficiência, aí a gente leva um Staff nosso, da equipe, a gente dá oportunidade

para o estagiário de educação física ou monitor, que já está sendo voluntário naquela modalidade. Então a gente vai sempre verificando qual que é a necessidade maior ali naquele momento.

**Pesquisador:** Beleza, tranquilo! E qual que é a participação da família no dia a dia do centro de referência? E como que é nas competições também?

**Entrevistado A6:** Das crianças, a maioria dos familiares, eles estão aqui porque requer um responsável, né? Para o acompanhamento, então não pode, por exemplo, deixar a criança, né, o menor de idade aqui e fazer outras coisas. A gente requer que o responsável esteja presente durante o período das aulas, então, quando é menor de idade, o familiar está aqui presente ou responsável, né? E aí, nas competições, a gente usa a mesma metodologia que eu te falei anteriormente, não é? Dependendo do tipo de deficiência, das intervenções que aquela pessoa necessita ou criança, né? Aí ele vai junto, se não a gente dá oportunidade para outras pessoas estarem presentes. Mas a maioria das famílias são muito presentes, eles sempre são, né? Conosco, a gente realiza estudos de caso também junto com os familiares para a gente conseguir trabalhar com aquela criança ou com aquela pessoa que está tendo um atendimento dele, que a gente possa seguir sempre uma mesma linha de trabalho.

**Pesquisador:** Beleza! As instituições de direito da pessoa com deficiência participam de alguma forma com vocês?

**Entrevistado A6:** Sim, a gente tem aqui a secretaria de esporte, que oferece essa van, né, junto com a Secretaria de mobilidade, por exemplo. Então a gente tem o apoio, né? Do governo, é aí um apoio governamental, né? Todas as pessoas com deficiência do Distrito Federal têm esse direito, não só o nosso Centro de Referência. Então a gente utiliza desses serviços do governo para poder estar se beneficiando também não é, beneficiando os nossos alunos. E aí quando são projetos específicos, né, de outras instituições para pessoas com deficiência, a gente sempre insere os nossos projetos para a gente conseguir recursos, né? E a gente tem uns parceiros também, por exemplo, a gente sempre encaminha para a universidade, a área da fisioterapia aqui, o atendimento de fisioterapia é uma parceria na clínica escola, da universidade, da UDF, do Distrito Federal. Então, a gente sempre procura parcerias para poder beneficiar os nossos atendimentos, a mesma coisa com a UNB também, que a gente faz nas áreas de pesquisa, né? Também é da área voltada para pessoas com

deficiência, de eletroestimulação, então a gente sempre tem essas parcerias para poder estar utilizando nos nossos alunos.

**Pesquisador:** Então a questão, a pergunta 20 já, que essa Secretaria de esportes ela trabalha junto com O CRP, no caso, ela trabalha mais nessas questões que você tinha informado? Do transporte e financiamento, alimentação e tudo mais?

**Entrevistado A6:** É, na realidade é o transporte, alimentação normalmente tem sempre no CT paralímpico, né? E aí as confederações, na maioria das vezes, eles sempre dão alimentação e hospedagem nas competições, na secretaria de esporte a gente tem esse apoio nos ajuda muito, que é o do compete Brasília, que é justamente o apoio do transporte, porque são muitas competições, você viu que a gente tem muita modalidade, então praticamente todo mês tem modalidade, atleta viajando, então realmente sem esse apoio do compete Brasília. Do CRP do Distrito Federal, que aí a gente do CRP e CETEPE fez um cadastro na Secretaria, eles verificaram se a gente estava apto a receber esse benefício e aí contemplou, mas é um programa do governo do Distrito Federal, teve só os CRP.

**Pesquisador:** Tranquilo! Aí vocês têm apoio de políticos ou de alguma empresa privada?

**Entrevistado A6:** Através de emenda parlamentar, a gente consegue o apoio político dessa forma, né? Então o nosso não é apoiando o candidato X ou Y, principalmente durante a campanha. A gente não faz nenhum tipo de apoio durante campanhas. Mas, por exemplo, tem alguns deputados, senadores. É, aqui não tem vereador, né? Mas deputado, senador, é que apoiam essa causa da pessoa com deficiência, então eles sempre lançam emendas parlamentares, né? E a gente tenta buscar essas emendas também para poder ajudar, principalmente nos materiais esportivos. Mas assim, dinheiro, parte de pecúnia, a gente não recebe nenhum tipo de apoio político. Que tem apoia politicamente ou até por conta própria, né? A gente não tem esse tipo de apoio!

**Pesquisador:** Nenhuma empresa privada também?

**Entrevistado A6:** Também não! Todas as nossas empresas aqui que oferecem suporte é em contrapartida. Então, por exemplo, a gente está aqui na ENAP, né? E aí, em contrapartida, a gente faz o atendimento da ENAP, dos colaboradores, da ENAP na área de educação física e

do Bem-estar. A parte do centro olímpico e paralímpico, estar treinando o goalball, por exemplo, né, que é a nossa modalidade goalball treina lá, então a gente faz essa avaliação deles das pessoas com deficiência. Então a gente encaminha essas pessoas com deficiência para as modalidades, então a gente faz essa avaliação profissional. Então, sempre em contrapartida com os nossos serviços, a gente tem uma parceria com o SESC, por exemplo a mesma coisa, a gente faz a avaliação física ou estudo de caso de algum aluno deles com deficiência em troca de espaço físico quando a gente necessita, então sempre são ações de contrapartida. Apoio de empresa privada, alguns dos nossos atletas tem, mas é próprio não contempla toda a equipe, por exemplo, ele que conseguiu um patrocínio de alguma empresa, né? E aí ele tem, é exclusivo para ele, a gente não pega nenhum percentual, né? E também nem solicita para ele oferecer pra equipe toda.

**Entrevistado A6:** Há dificuldades relacionadas à acessibilidade em eventos e competições? Como o Comitê lida com essas questões para garantir a participação dos atletas?

**Entrevistado A6:** Aqui na ENAP, a gente não tem essa questão de acessibilidade, né? Aqui é todo ambiente acessível, a gente tem rampa, tem elevadores, os banheiros são adaptados. Nosso problema mesmo é a acessibilidade urbana, que aí não está mais, né? A gente não consegue mudar, né? Vamos dizer assim, e nem a ENAP e CPB, por exemplo, que a gente aqui já tentou uma parada de ônibus bem próximo a nossa entrada, porque tem que ter uma subida aqui pra entrar, então para usuários de cadeiras de rodas, por exemplo, acaba sendo perigoso e desgastante eles subirem pela pista. Então a gente entrou com um projeto, junto aos órgãos do governo, para colocar uma parada de ônibus próximo a ENAP, no sinal. Então essas ações de mobilização a gente faz junto também, mas a gente entende que não é imediato, né? Leva aí, um tempo, então a acessibilidade urbana, a gente tem a dificuldade que a gente tem em todo o país, com acessibilidade urbana, mas aqui dentro da ENAP todos os espaços são acessíveis.

**Pesquisador:** Beleza! Agora vamos aos aspectos sociais e pessoais dos atletas. Como é a alimentação dos atletas? Eles possuem dificuldades alimentares? Acham que é uma alimentação adequada?

**Entrevistado A6:** A gente tem aqui a nossa equipe de assistência social e a gente recebe esse feedback dos professores, então se o professor percebeu que aquele aluno, aquele beneficiário,

está com algum déficit, seja na sua alimentação, uma parte financeira, qualquer carência, ele é encaminhado para nossa equipe de assistência social, sabe? A gente tem duas assistentes sociais. E eles fazem o acolhimento e estudo de caso, aí a gente oferece cesta básica, né? Ou então alguma ajuda de custo para pagamento de aluguel, conta de água, luz, a gente pode oferecer se ele não tem os programas do governo, por exemplo né, ele não está usufruindo dos programas do governo que ele tem direito. A gente faz esse encaminhamento, então a gente tenta dar um suporte nessa área da parte social. Como a gente é uma instituição antes do Centro de Referência, a gente é uma instituição social, então a gente tem o foco desse atendimento social dos nossos beneficiários.

**Pesquisador:** Tranquilo! Em relação a lesões, os atletas possuem ou adquirem alguma lesão com a prática?

**Entrevistado A6:** Sim, tem lesões, né, devido ao esporte, a gente trabalha aqui com um atendimento de prevenção de lesão, junto com a nossa fisioterapia em parceria com a UDF, mas acaba ocorrendo, né? E às vezes eles fazem exercício para os locais ou vão fazer alguma coisa fora, por exemplo, vá, vou jogar futebol. Então, normalmente as lesões que eles têm é por algumas práticas que a gente não orientou, foi inadequada, então acaba. Lesão por esforço repetitivo, só quando tenho aqueles atletas que tem uma idade mais avançada, que já está há muito tempo no esporte, então eu tenho aquele desgaste natural da articulação ou da musculatura que acaba lesionando, né? Por causa dos anos dedicados aquele esporte mesmo.

**Pesquisador:** Tranquilo! Em relação à pergunta 25, você já trouxe algumas temáticas para a gente, do transporte e da acessibilidade até chegar no momento lá da prática, mas não tem algumas dificuldades para relatar que é encontrado pelas pessoas para possuírem acesso ao esporte paralímpico?

**Entrevistado A6:** É uma das questões seria essa parte do transporte, então se a gente pudesse ter uns transportes, o apoio da Secretaria, por exemplo de educação, que a gente não tem condições financeiras de um transporte. Então, o apoio da secretaria de educação de conseguir esse transporte para trazer esse, que é o nosso objetivo realmente é aumentar o número de crianças no centro de referência, né? Então hoje a gente tem a maioria dos adultos e um dos nossos objetivos é aumentar o número de crianças. Então saírem essas crianças para virem aqui que nós atendemos direto da escola como se fosse uma aula deles. A gente está com esse

projeto, fazer parte do currículo, as atividades aqui no centro de referência seria uma ótima, né? Porque realmente aumentaria o número de crianças. A gente tem dificuldade também nas vagas, então a gente precisa muito de professores, a gente tem 14 modalidades, os professores se dividem nessas modalidades, né? Então não tem um professor para cada modalidade, os professores são para 2/3 modalidades, então a gente tem essa dificuldade de profissional, então pelo quantitativo que a gente tem, a gente precisaria de mais uns monitores, mais estagiários. A gente tem uma parceria com a universidade, né? De educação física, que tem os estagiários, porém sempre entram para acabar aquele estágio, né? Então o estágio durou ali 3 meses, então a gente fica um a dois meses descobertos até abrir uma nova turma de estágio na faculdade. E então a gente, a maior dificuldade que a gente percebe é realmente a parte de profissional, que a gente precisaria de mais profissionais, né, para poder fazer o atendimento, completo né, das crianças, oferecer mais vagas, porque algumas modalidades mesmo já estão lotadas, né? Desde o início do ano, já iniciou com o número limite de vagas, então a gente precisaria de mais profissionais para aumentar esse limite de vagas e o transporte também que alguns pais como trabalham o dia inteiro realmente não tem como trazer a criança para cá. Se tivessem um transporte da escola para cá, a gente conseguiria aumentar esse número, essas são as principais queixas, né, que a gente percebe que precisa muito para a gente conseguir melhorar o nosso trabalho.

**Pesquisador:** Uhum. Existe hoje algum tipo de suporte psicológico disponível para os atletas? Se sim, como é realizada e qual a frequência desse acompanhamento?

**Entrevistado A6:** A gente aqui oferece a orientação psicológica, não é uma psicologia do esporte, né? Porque ela não é especialista em psicologia do esporte. Então a gente oferece serviços de orientação, porque para os serviços mais avançados, a gente teria que ter um registo de clínica, né? E a gente não tem ou então um profissional contratado para estar atuando aqui nessa área esportiva, que a gente também não tem no momento, então a nossa psicóloga, ela atende os programas sociais da CETEPE e também do centro de referência, então são serviços de orientações psicológicas e ela faz também a aplicação dos testes.

**Pesquisador:** Hum, Beleza! Hoje, o CRPB realiza atividades que promovam a inclusão social dos atletas fora do ambiente esportivo? Quais ações são desenvolvidas para facilitar essa integração?

**Entrevistado A6:** Fora do ambiente esportivo, quando a gente faz palestras, por exemplo, nas escolas, então os atletas são convidados a irem e principalmente no mês de setembro, né, que é o mês da pessoa com deficiência. Então a gente faz muita visita em escola, a gente leva os nossos atletas, os nossos beneficiários para estarem participando dessas visitas nas próprias escolas que eles estudam, a própria escola pede que vá para contar um pouquinho sobre o histórico, como ele iniciou. Então fora assim do centro de referência é mais forma de palestra, sem ser as competições, né? Esses tipos de ações, então a gente faz palestra, faz vivências, a maioria deles são escolas, dificilmente a empresa, a maioria sempre é escola.

**Pesquisador:** Entendi! É muito bom essa iniciativa de levar eles nas escolas para eles poderem também estar participando.

**Entrevistado A6:** Ah, e eles gostam bastante, porque eles se sentem importantes, né? Estar falando sobre toda a sua trajetória, para muitos eles são inspiração, principalmente se a gente vai à escola que tem pessoas, né? Crianças com deficiência. Eles acabam sendo inspiração, principalmente se eles começaram na idade escolar, eles acabam incentivando outras crianças, muitos pais procuram porque viram o filho comentando que teve uma pessoa com deficiência igual a dela na escola e queria fazer também. Então isso acaba ramificando, né? Para outras áreas!

**Pesquisador:** Então em relação a formação de equipe, eu não coloquei aqui nas perguntas, mas eu queria saber quantos professores hoje vocês têm e se algum estagiário fixo, como que funciona aí?

**Entrevistado A6:** Deixa eu olhar aqui no meu quadro, um minutinho. A gente tem um monitor fixo, a gente não pode ter que estagiário aqui porque nós não somos empresa, então é um monitor fixo que a gente tem. Deixe-me ver aqui, entre os nossos professores, a gente tem professores voluntários, tem professores contratados pelo centro de referência, tem professores contratados pela CETEPE e tem professores da Secretaria de educação, que é um dos nossos projetos, que a gente tem uma parceria com a Secretaria de educação e os professores são de lá.

**Pesquisador:** Beleza!

**Entrevistado A6:** Vou contar aqui para você, que eu tenho que abrir para não falar o número errado.

**Pesquisador:** Se puder me falar de cada um, tá?

**Entrevistado A6:** Bom, então da Secretaria Estado de Educação, a gente tem 11 professores. Aí, sendo que 2 dos professores deles são corpo da parte de organização, então não tem Regência, né? Que é de projetos da Secretaria mesmo, é da própria Secretaria. É então, em Regência mesmo a gente tem 9 professores, né? Da Secretaria de educação, de MEI que são contratados aqui pela CETEPE, né? A gente tem 3 professores de contrato, do centro de referência paralímpico, a gente tem 4 professores, de monitor, que não entra como estagiário, só que esse não tem formação ainda. A gente tem 2, são estudantes da área de Educação Física, que aí a gente faz o pagamento deles, aí é da CETEPE também e de voluntários, porque aí não tem nenhum custo, são 4 profissionais. O custo deles só é quando a gente ajuda em parte de alimentação ou transporte.

**Pesquisador:** Então são 4 professores que são voluntários?

**Entrevistado A6:** Voluntários são 4.

**Pesquisador:** Contratados do CRP são 3?

**Entrevistado A6:** 4 também

**Pesquisador:** Beleza! Vocês têm facilidade para encontrar profissionais para atuarem no CRP?

**Entrevistado A6:** Não, muito difícil! Não sei se vocês lidam com isso, mas é muito difícil a gente conseguir pessoas que entendam da área da pessoa com deficiência, acho que isso é importante também na área o CPB busca, né? Da educação paralímpica, que são essas pessoas na área de formação. E a gente tem, por exemplo, eu estou com uma vaga aberta aqui na estimulação básica, que é essa de bebês, que eu não consigo encontrar de jeito nenhum perfil. Ou a gente, por exemplo, a gente vê através dos monitores se eles fazem esse período e aí acaba se transformando em contrato de professores, por exemplo. Então nunca é direto, ou

fica aqui na CETEPE por 1 ano, é voluntário, aí depois a gente faz a contratação sempre alguma via ou indicação, dificilmente a gente consegue um professor, vamos assim em busca de currículos que tem na área da pessoa com deficiência.

**Pesquisador:** Entendi! Realmente é complicado. Tipo assim, de todos que entrevistei até agora, essa é a maior queixa também, que é muito difícil encontrar algum profissional, até que tenha interesse na área, né? Nem que saiba atuar, mas que ele tenha interesse.

**Entrevistado A6:** Sim, que tenha interesse, porque assim, quando ele já tem interesse, a gente consegue fazer a formação aqui junto com outro professor, mas o difícil é muitos acham que conseguem atender esse, mas pra ver que a dedicação que tem, porque tem uma exigência profissional muito grande, né? Eles acabam desistindo e é uma área que você tem que realmente se dedicar, você que está estudando a área da pessoa com deficiência, é uma área bem puxando da Educação Física.

**Pesquisador:** Realmente!

**Entrevistado A6:** Tem muitas deficiências, quem faz parte de competição, aí tem que entender como são as modalidades, as regras, as classificações, então realmente requer muito estudo e dedicação, se não ele acaba não ficando.

**Pesquisador:** É, isso é verdade! E hoje você acredita que a formação na Universidade, ela é suficiente para essa atuação?

**Entrevistado A6:** Só a formação universitária, não! Mas inclusive, quando a gente fez essa parceria com a faculdade UDF, né? Que dá essas dos estagiários de educação física fazerem os estágios aqui, 3 estágios eles podem fazer aqui, né? E a gente conseguiu perceber, eles mesmos perceberam que essa área é uma área legal a se trabalhar que eles gostaram, então muitos nem conheciam a área da pessoa com deficiência, já tinham feito a disciplina, mas não conheciam como era atuar. E aí depois que passaram por aqui, tomara aquele gostinho, aí fazia os cursos técnicos do CPB, né? Que lança da educação, aí são voluntários no festival paralímpico, são voluntários quando a gente tem competições, então eles só conseguiriam perceber isso depois de fazer estágio aqui. Então eu percebo que precisa realmente essa vivência na área da pessoa com deficiência para o próprio profissional perceber se ele gosta

ou não. Que muitos aqui, professores, eles descobriram por acaso, eles não entraram na universidade querendo essa área, trabalhar com a pessoa com deficiência, foi ali dentro ou através de alguma vivência que eles perceberam que tinham perfil né, para essa área, então a gente percebe muito isso.

**Pesquisador:** Saquei, aí os cursos hoje oferecidos pelo CPB da educação paralímpica que você tinha mencionado, você acha que eles são suficientes para a atuação?

**Entrevistado A6:** Eu acho que eles contribuem bastante, né? Porque é um curso bem rico, principalmente porque eles ensinam o básico, então é um curso pra dar aquele gostinho de que é uma área que eu quero atuar. Porque é a gente contratar o básico, né? Na internet, então como ele oferece o nível 1, ou então eles fazem o nível técnico 1, 2 e 3, e também eles fazem muitos cursos nessa área de vivência, por exemplo para autista, deficiente visual, deficiente físico, classificação, então acaba que os universitários, os professores já formados que não tem esse conhecimento, né? Eles acabam entrando para ver se realmente é legal, se tem esse perfil, se é uma área que atende as expectativas. Então eu acho que é importante sim, porque dificilmente você encontra assim em outros locais, outras instituições que promovem esses cursos da pessoa com deficiência. A gente tem, né? Secretaria nacional que tem um programa para o paradesporto que oferece muito material. Mas não é igual aos cursos de outra área, por exemplo de personal trainer, de atendimento de idosos, de grávida, gestantes. Então a gente percebe que da pessoa com deficiência, sempre é um número mais reduzido de cursos. Então eu achei importante, principalmente por ser gratuito, que aí qualquer pessoa pode participar.

**Pesquisador:** Não, tranquilo! Então, dito isso, qual a formação ou curso você acha que poderia colaborar com a atuação e a formação dos atletas do centro de referência?

**Entrevistado A6:** A gente aqui entende que o atendimento multidisciplinar é essencial para o desenvolvimento, né? Principalmente de um atleta, então os cursos voltados para a área da saúde são muito importantes. Então eu não vou beneficiar só a nossa área de educação física, porque realmente a gente não consegue trabalhar sozinho, a gente precisa de um psicólogo, precisa de um fisioterapeuta, né? Precisa de uma pessoa especializada em gestão, para poder fazer a organização dos projetos, então são áreas que cada área tem de importância dentro do centro de referência, né? Tem áreas de pesquisa também, que é muito importante, que aí engloba outras profissões, a terapia ocupacional é muito importante também para criar

adaptações que a gente sabe que as adaptações são bem caras para comprar. Então, na terapia ocupacional, eles acabam conseguindo modificar essas adaptações para que a gente possa usar, então toda a área tem o seu valor aqui no centro de referência, a gente entende que o atendimento à pessoa com deficiência, ele tem que ser multidisciplinar, senão a gente não consegue atingir o objetivo proposto para aquela pessoa.

**Pesquisador:** Entendi! E hoje há pessoas com deficiência atuando profissionalmente no CRP do DF?

**Entrevistado A6:** Não! Você está falando na área de professor, né? Sendo professor? (**Pesquisador:** sim)? Não, não temos! A CETEFE não, no CRP todos os professores não têm deficiência, e aí a gente tem um programa aqui na CETEFE, que é um programa social da área do trabalho, que é um programa social área do trabalho, então a gente prega pessoas com deficiência através dos nossos serviço, contratos e prestadores de serviço, mas aí dentro do CRP, como profissional a gente não tem.

**Pesquisador:** Uh, Hum, entendi!

**Entrevistado A6:** A gente tem assim, intérprete de libras, que são surdos também, na área de recepção, mas professor e coordenador, não!

**Pesquisador:** Tranquilo! E agora a última questão, que é se você tem mais alguma questão que gostaria de abordar que acredita que pode favorecer essa pesquisa?

**Entrevistado A6:** Eu, acho que foi bem embasado as perguntas, acaba englobando tudo, no mais eu acho muito importante esse tipo de pesquisa que vocês fazem junto com o CRP, porque permite a gente perceber qual é a realidade de cada CRP, eu acho que contribui tanto para o trabalho do CPB quanto de vocês também, para verificar quais projetos que seriam importantes de serem implementados. Então, eu acredito que esse trabalho em conjunto tanto de atendimento, pesquisa, faz a diferença, porque por exemplo, eu considero aqui esse, o CRP de Brasília, que foi até o que você falou: Nossa ele é diferente dos outros! Mas é porque a gente já está há algum tempo, né? Mas, por exemplo, todo ano os nossos beneficiários se cadastram, então quem não quiser se cadastrar, não se cadastra. Então todo ano, a gente renova essas matrículas, a gente faz o atendimento, então é importante para a

gente saber de cada cidade, eu sei que também que tem outros estados que não tem a mesma infraestrutura da parte governamental, por exemplo, de um transporte, de um apoio, né? De principalmente para competições igual a gente tem, então é importante a gente ver algumas realidades, para a gente também pode tentar conseguir nos nossos CRP's. Então muitos projetos que a gente vê fora, eu vejo que acontece fora aqui do Distrito Federal, eu tento puxar pra cá, para que a gente possa tentar também, né? O pessoal de São Paulo, eles acabam, né? Explicando muitas coisas, abrem muitos caminhos, sobre o que a gente pode alcançar, como que a gente pode fazer, porque eles já tem mais tempo, né? De experiência, então eu acredito que os centros de referência que estão começando é importante esse contato com os outros CRP's, que às vezes a ajuda pode estar ali do lado mesmo. Olha, já passei por isso, a gente fez dessa forma, então eu acho que esse contato é importante entre os CRP's.

**Pesquisador:** Então é isso, muito importante as suas colocações e as organizações do centro de referência, que é de aumentar a quantidade de pesquisas, isso é muito bom!

**Entrevistado A6:** É, não é fácil! É tudo muito difícil! O trabalho não é algo fácil. Assim: “Ah, não, é tranquilo!” É assim, é assim todo dia a gente lida com situações problema, sem organizar, mas o retorno que a gente tem é muito benéfico né, eu vejo que o trabalho do professor é um trabalho difícil. Não é fácil você todo dia lidando com a regência, oferecer suporte tanto emocional quanto também físico ao seu aluno. Então o professor dessa área, né, as pessoas que atuam nessa área, tem que estar aberta realmente para ter essa recepção, porque nem sempre vão ser dias bons para você, mas a gente sempre tem que saber e vamos dizer assim, porque a gente está recebendo pessoas. A gente está trabalhando com pessoas, então a gente tem esse poder assim, de mascarar tudo aquilo que está acontecendo conosco, porque o nosso atendimento com aquela pessoa naquele momento é mais importante. Então eu vejo isso muito, eu acho que o profissional não é muito valorizado na área da pessoa com deficiência, então a gente que trabalha, a gente sabe a importância daquele profissional, mas de fora a gente ainda tem um certo preconceito, né, com a área da educação física. Então eu percebo que esses projetos são importantes para que outros profissionais também façam essa parceria e vejam a importância que tem uma atuação multidisciplinar com aquela pessoa com deficiência. Então eu acredito que não é um trabalho fácil, é um trabalho que exige muita dedicação, quem trabalha com a pessoa com deficiência, realmente tem que ser uma doação diária, né? Para aquele beneficiário, para aquele aluno, a gente acolhe as famílias também, não é só a pessoa. Então realmente é um trabalho que traz muita satisfação, né? E muito

retorno do que é feito, né? Então a gente se sente bem com nosso trabalho, mas é um trabalho que também tem muitas dificuldades e desafios.

**Pesquisador:** É bem complicado! As pesquisas na área também são difíceis, porque normalmente a gente custa achar os dados, mas agora está aumentando bastante, mas a gente pelo menos quando fiz meu TCC, foi difícil, viu? 2022 foi complicado!.

**Entrevistado A6:** Então, quando eu me formei, que a gente ainda não tinha esse acesso grande assim na internet que a gente tem hoje, né? Hoje ainda tem a inteligência artificial para te ajudar, né? Mas antes realmente era livros e livros, você tinha que ir nos locais e fazer as pesquisas. Então acho que hoje a tecnologia nos ajuda muito, a gente conseguir esses dados, conseguir ampliar essa pesquisa. Então a gente tem que aproveitar mesmo essas oportunidades, porque acho que quando você se formou mesmo, o seu TCC não tinha facilidade de comunicação com outras entidades ou dos locais com outros profissionais, a gente tinha que ir ali buscar na internet, em livros pra gente conseguir desenvolver, né? E principalmente que não tinha, hoje a gente encontra mais pesquisas, encontra dados voltados à pessoa com deficiência, a gente consegue comparativos, mas antes a gente não tinha, então mostra que está aumentando o interesse nessa área.

**Pesquisador:** Ainda bem, dando tudo certo, prolongando essa melhoria na área que a gente tanto gosta. (**Entrevistado A6:** Sim) É, Entrevistado A6, eu acredito que foi isso, achei muito bom você poder ter me ajudado aqui na pesquisa, a gente se organizar certinho para melhorar os dados que a gente vai contemplar durante a escrita. E é isso, só tenho a agradecer pela ajuda.

**Entrevistado A6:** Tá ótimo, eu que agradeço. A gente está aqui à disposição para o que você precisar, né? Se quiser visitar também o centro de referência, a gente está à disposição. Fica a vontade, é pertinho né, Goiânia é pertinho.

**Pesquisador:** Fiquei com interesse de ir pra aí depois, eu vou fazer uma visita aí após conclusão do mestrado

**Entrevistado A6:** Venha mesmo, que dê tudo certo aí, nas suas pesquisas, na sua apresentação também.

**Pesquisador:** Tranquilo! Muito obrigado!

**Entrevistado A6:** Por nada, a gente está à disposição!

**Pesquisador:** Está bom, obrigado!

**Entrevistado A6:** Tchau, tchau.